

BRASIL LIVRE DO BOLSONARO

Coletânea org. por Paulo Timm

01 janeiro 2023

Índice

PARTE I -As origens do mal –

K.Schmitt – Concepção teológica da Política, fu

ndada no medievo como Jean Bodin. Os dois corpos do Rei: a soberania transcendente.

Live CBAE - Disciplina da Cátedra Democracia CBAE: Capitalismo, Democracia e Economia Política

<https://www.youtube.com/watch?v=4jx7GQsQqLo>

•Transmitido ao vivo em 3 de nov. de 2020 -

Encontro espaço entre ECONOMIA E LEI – Escola de Genebra, como (re)construção do Estado – Lei, Legislação e Liberdade como contenção à democracia, na defesa do mercado -

[Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ](#)

INSCREVER-SE

Descrição:Disciplina oferecida pela Cátedra Democracia Hélio Jaguaribe, do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ. O objetivo deste curso é discutir a economia política do desenvolvimento no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Para tanto, a disciplina propõe analisar as relações entre Estado, capitalismo edemocracia sob o prisma das mudanças que alteraram radicalmente suas formas de organização nas últimas décadas.

PARTE II – Retratos sem retoque

Para entender os anos 19/22: Sociologia do bozo-nazismo

Paulo Brondi, Promotor de Goiás, faz um resumo do que é o bolsonarismo'

<https://www.ilheusinforme.com.br/2021/12/promotor-de-goias-faz-um-resumo-do-que.html>

BOLSONARISMO : Gramática e Literatura

<https://www.youtube.com/watch?v=xh0vOijvmo>

The Intercept Brasil - Entenda o bolsonarismo nas suas entranhas e perspectivas regressistas e a guerra interna dentro desta movimento e dentro do Governo Bolsonaro.

(25/3) às 21h, com Leandro Demori e Michel Gherman.

O Jair que há em nós. Por Ivann Lago

https://racismoambiental.net.br/2020/12/03/o-jair-que-ha-em-nos-por-ivann-lago/?fbclid=IwAR0gMLvZ7mHPM48az1PHCDa53tr534tDkFxFxNrL6ZbvL7w_r67qjkFk-zoYg

3 de dezembro de 2020 Brasil - Ivann Carlos Lago

YOUTUBE.COM

Bolsonarismo: populismo ou fascismo? Com Fabio Gentile | #99

Encontro de Bolsonaro com extremista alemã expõe "articulação global da extrema direita"

Para pesquisadores, presidente do Brasil "torna-se o principal articulador da extrema direita mundial"

Publicado em 26 de Julho de 2021 às 18:55

<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/26/encontro-de-bolsonaro-com-extremista-alema-expoe-articulacao-global-da-extrema-direita>

Líder de ato neonazista pró-Bolsonaro em 2011 organiza carreatas em apoio ao presidente em SP

Eduardo Thomaz foi candidato a prefeito pelo PSL e ostenta relação com general Augusto Heleno, ministro-chefe do GSI

Publicado BDFATO - em 26 de Julho de 2021 às 13:37

<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/26/lider-de-ato-neonazista-pro-bolsonaro-em-2011-organiza-carreatas-em-apoio-ao-presidente-em-sp>

O FUTURO DO BOLSONARISMO – Nov 28 /2022 -BBC

<https://fb.watch/h4EejRs90M/?mibextid=6lxyOt>

Bolsonaro, uma história que teremos vergonha de contar-Por Ivan Lago

02/11/2020 - <https://centraldejornalismo.com.br/2020/11/02/bolsonaro-uma-historia-que-teremos-vergonha-de-contar-por-ivan-lago/>

Raízes do atual governo

https://aterraeredonda.com.br/raizes-do-atual-governo/?doing_wp_cron=1635696874.6578669548034667968750

Por **LUIZ WERNECK VIANNA*** - 28/10/2021

Celso Rocha de Barros* - PT é quem sobrou para resolver velhos problemas e os criados por Bolsonaro

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../celso-rocha-de-barros...>

Bruno Boghossian - O fracasso de Bolsonaro

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../bruno-boghossian-o...>

PARTE III – Foi-se o mal. E a maldade?

*

PARTE III – Foi-se o mal. E a maldade?

Hino ao inominável

<https://youtu.be/OuQKqWlcf1U>

COMPARTILHO O ARTIGO POR SER MUITO BOM!

O ADEUS DE UM HOMEM MINÚSCULO

(Por Renato Essenfelder – Estadão - 31/10/2022)

O homem minúsculo, o homúnculo, apagou as luzes do palácio e foi dormir. Depois de tanto bradar, gritar e babar, depois de ameaçar e conspirar à luz do dia, incessantemente, calou-se. Recolheu-se à insignificância que o espera. Amém.

Como os livros de história no futuro irão se referir a esse homem tão pequeno? Terá alguma importância, o seu nome, ou irão se interessar apenas pelo surto coletivo que se apossou de milhões de brasileiros, por meia década ao menos, e que resultou na eleição de um ninguém, um nada, um palhaço macabro? Um fantasma descarnado, insepulto e obcecado pela morte, sua especialidade, no qual milhões projetaram suas próprias fantasias autoritárias. Como? Por quê?

Quanto afinal projetaram naquele corpo sem vida, naquela vida sem alma, a virilidade perdida, as certezas corroídas, o desejo e a inveja da criança egoísta que brinca de motinho enquanto o mundo acaba em fome e doença. As pessoas morrem, ele debocha: e daí? Nada interrompe seu gozo sem fim.

Os livros de história no futuro talvez falem de um homem minúsculo que emergiu dos porões sujos do Congresso Nacional, já em avançado estado de

decomposição moral e física, para canalizar todo o ressentimento de uma nação. Esse vórtice de maldade, cercado por gente ainda menor, ainda mais ridícula e ignorante orbitando ao redor de sua sombra.

Homens minúsculos, a história demonstra, podem projetar sombras imensas. Mas passam, os homens e suas sombras.

Ele tentou, com todas as minúsculas forças, tentou eternizar sua sombra horrível. Mas decrepito, fraco, bronco e insignificante, não conseguiu manter-se no poder. Porque destruir é uma coisa, mas construir é outra, muito mais difícil, muito mais complexa. O homem pequeno veio e apequenou o país inteiro, apequenou o Estado e as suas instituições, apequenou o povo, os amigos, as famílias. Destruiu, passou bois e boiadas, sufocou, boicotou, conspirou, enquanto ocupávamos-nos de sobreviver.

Mas então, enfim consciente da sua pequenez, emudeceu no canto do palácio vazio, vítima da própria insignificância.

Depois de destruir e destruir e destruir, descobriu-se incapaz, impotente, brocha. Um fantasma de brochidão e fraqueza, incapaz de fecundar o que quer que seja – planos, corpos, natureza. Homens pequenos não constroem coisa alguma.

Já era hora de dar um basta, já era hora de lembramos a nós mesmos que o homem pequeno é pequeno demais para um país tão grande.

RENATO ESSENFELDER é jornalista, escritor e professor universitário. É doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutor em Comunicação e Artes pela Universidade da Beira Interior (Portugal)

RUMO AO BOLSONARISMO SEM BOLSONARO?

Le Monde Diplomatique BRASIL –oct 22

O primeiro turno das eleições de 2022 escancarou o óbvio: o Brasil é um país profundamente conservador. Esse conservadorismo tem tintas reacionárias bastante evidentes, pois o repúdio às chamadas “pautas progressistas” - como a equidade de gênero, o combate ao racismo e a preservação ambiental - é marcado por valores que não apenas pretendem conservar o que existe, mas também idealizam a volta a modelos de sociedade de períodos reconhecidamente violentos do passado nacional, como a ditadura militar e o Brasil Império.

O Brasil é, de fato, uma “geleia geral”, como cantaram os tropicalistas, país extremamente complexo com sua mescla de povos, crenças e éticas. Mas essa composição não corresponde à mestiçagem benévola descrita por Gilberto Freyre, tampouco gerou a sociedade inclusiva, acolhedora e harmônica que tantos e tantas esperavam. O Brasil de hoje é o retrato cru e cruel de suas assimetrias e conflitos e dos séculos de coexistência violenta entre diferenças. A utopia da brasilidade foi cantada pelo Modernismo, foi apropriada e retorcida pela ditadura do Estado Novo, atualizou-se na Tropicália, resplandeceu na obra e na práxis de Darcy Ribeiro e segue ainda hoje perceptível em belos vislumbres, como o esperançoso jingle de Lula.

No entanto, como se não houvesse poucos exemplos cotidianos da distopia brasileira, a última década tornou impossível continuar crendo no Brasil do “amor, do sorriso e da flor”. Recentemente, em provocativo ensaio, o professor emérito da USP Paulo Arantes refletiu sobre a convulsionada sociedade brasileira desde as manifestações de massa de 2013 até os dias atuais, elaborando uma análise nada mecânica sobre chamada “ascensão da ultradireita” no país. Para Arantes, ela não resultou da mera incapacidade das instituições políticas de captar os anseios e insatisfações populares, tampouco da inabilidade das forças progressistas em capitalizar sobre tais insatisfações. Para o filósofo, foi precisamente o “manifestante ordeiro” saído de 2013 – e não o “baderneiro black bloc” - que assumiu a vanguarda de uma sublevação poderosa: aquela protagonizada pelo “cidadão de bem”, figura que, com coreografia ensaiada, camisa amarela, bandeira do Brasil e fetiche pelo militarismo, apropriou-se das ruas do país pedindo o impeachment de Dilma Rousseff, urrando pela punição aos corruptos da Lava Jato e, por fim, louvando deus “mito”.

O “cidadão de bem” defende uma “ordem” que, necessariamente, não o beneficia materialmente. É um indignado e um sublevado contra o “globalismo” e as supostas conspirações globais que ameaçariam os valores que professa ou que assume para si. Apesar disso, não passa de um mímico do modus vivendi das elites, para as quais olha com louvor. Por isso, o bolsonarismo apresenta tamanha capacidade de mobilização, convocando adeptos em todos os segmentos sociais e articulando signos “rebeldes” numa luta contra o “sistema”. Envoltos nas cores nacionais, os bolsonaristas emergiram como revolucionários, aparente paradoxo próprio do fascismo, Paroxismo que foi bem explorado por Umberto Eco, em um breve e contundente ensaio recentemente publicado no Brasil.

Para o pensador italiano, o nazifascismo surgido na Europa do período entreguerras foi um (re)arranjo peculiar e inovador de caracteres ético-políticos historicamente constitutivos das sociedades em que despontou. Atualizando e impulsionado pelos meios materiais de seu tempo e moldado pelo choque entre forças político-ideológicas de então, o nazifascismo produziu uma alternativa a um mundo visto como “decadente”. A utopia fascista foi um projeto escatológico e revolucionário baseado, paradoxalmente, no reacionarismo mais fanático. Quem disse que “revolucionário” se aplica apenas aos movimentos de esquerda?

Para eles, o “novo mundo” sairia como fênix renascida dos escombros de uma ordem moribunda a ser destruída a ferro, fogo e genocídio. Umberto Eco chamou de “fascismo eterno” esse complexo de valores e atitudes políticas que deram forma aos regimes de Mussolini e Hitler, mas que não se limitaram a eles. O “fascismo eterno” de Eco é uma espécie de tipo ideal a nomear o pensar, o sentir e o agir dessa categoria de “rebeldes revolucionários”; uma ética e uma política que caminham, se camuflam, se rearranjam e reaparecem quando as condições políticas, econômicas e subjetivas assim o permitem.

No Brasil, o composto tenebroso formado pela combinação de patriarcalismo, moralismo nos costumes, desprezo pela vida das classes trabalhadoras, racismo e religião praticada como obscurantismo recebeu variadas designações ao longo da história, como “integralismo” e “anticomunismo”. Agora, atende por “bolsonarismo”, encontrando no ex-capitão seu “duce” ou sem “Führer”, porque, afinal, cada povo tem o caudillo que merece.

Os resultados do primeiro turno das eleições, para desânimo de muitos do progressismo nacional, evidenciaram o que agora parece tão óbvio: o bolsonarismo pode e deverá continuar após Jair Bolsonaro. E isso é possível justamente porque o bolsonarismo é a versão atual-neoliberal e necropolítica do “fascismo eterno” brasileiro, mácula constitutiva de nossa sociedade.

Representante de uma “ralé” que aparelhou o Estado, Bolsonaro e os seus não são apreciados pelas oligarquias e pelas elites tradicionais brasileiras. A parte mais estridente do PIB que o apoia é formada por donos de redes de restaurantes e de academias de ginástica, além de agroempresários e comerciantes que enriqueceram com suas megastores. São cafonas, grosseiros e fazem – assim como o “mito” - “o Brasil passar vergonha internacional”. No entanto, as medidas liberalizantes que o governo Bolsonaro fez aprovar, com o apoio garantido no Congresso pelo toma-lá-dá-cá que agora se chama “orçamento secreto”, agradaram também ao grande e refinado capital. Porém, para o capital chic, o ideal seria uma “terceira via”, uma “direita civilizada”. Todavia, não foi ainda em 2022 que ela apareceu. Seus esboços, no entanto, estão despontando, com Simone Tebet em destaque.

Não foi apenas o grande capital – e o capital marrom – que apreciou o governo bolsonarista. A classe média empobrecida e amplos setores das classes populares também se viram representadas por Bolsonaro. Do contrário, como entender que mais de 51 milhões de brasileiros tenham votado nele no dia 2 de outubro – contra os mais de 57 milhões de Lula – depois da catástrofe sanitária da pandemia de Covid-19, da destruição desbragada da Amazônia, da falta cotidiana de respeito à liturgia do cargo, do colapso econômico?

Como interpretar que em dois dos principais colégios eleitorais do país - São Paulo e Rio de Janeiro – Bolsonaro terminou na frente (como em 2018)? Como entender que bolsonaristas como a ministra que atentou contra os direitos humanos, o ministro/ex-juiz que julgou com parcialidade, o ministro que geriu a destruição ambiental, o ministro que gerenciou o desmonte da ciência e da tecnologia, o general vice-presidente e o ministro que (des)governou a resposta à pandemia tenham sido eleitos para o Senado e para a Câmara Federal com votações expressivas? Como compreender, entre outras coisas, que o governador do Rio de Janeiro, com o currículo de chacinas policiais, vínculos milicianos e apoio explícito de Bolsonaro, tenha vencido o candidato do progressismo moderado já no primeiro turno?

A explicação, como o Brasil, não é simples nem unilateral. Afinal de contas, valores morais e posições políticas não são dados, mais construções

que se dão no incessante conflito entre interesses e visões de mundo que acontece na vida social. Sendo assim, é difícil analisar o Brasil de hoje sem se lembrar dos ensinamentos de Antonio Gramsci, ele mesmo uma pessoa assombrada pela experiência de ser um socialista vivendo numa Itália, a os anos 1920 e 1930, que produzia e abraçava Mussolini e o fascismo.

Gramsci teve a plasticidade analítica para compreender que a classe social e as condições materiais objetivas eram fundamentais, mas não determinantes, para moldar uma visão de mundo. Por isso, ser um trabalhador assalariado, vivendo em condições adversas e sob a exploração do empregador não garantiria, por si só, o florescer de uma consciência revolucionária. Tampouco era apenas pela força física que se manteria a sujeição do oprimido pelo opressor. Para Gramsci, o grupo social dirigente consegue sê-lo porque combina repressão violenta à oposição com o cultivo de identificações ideológica e axiológica (valores) com os grupos a serem dirigidos.

Ódio, medo e fascínio são paixões poderosas que se relacionam de modo complexo e dialético sobre o campo de batalha da subjetividade dos indivíduos. Corações e mentes são conquistados com vantagens materiais e com remunerações imateriais – por exemplo, o sentimento de pertencimento, a aprovação dos pares, a identificação com superiores hierárquicos, a reprodução (mesmo que empobrecida) de padrões culturais e de consumo das classes dominantes, a defesa da ideologia da classe dirigente etc. Enfim, o “pobre de direita” não é um idiota, prestígio e validação social, mesmo que suas opções político-ideológicas lhe tragam dificuldades materiais.

A utopia fascista foi um projeto escatológico e revolucionário baseado, paradoxalmente, no reacionarismo mais fanático

Ser “cidadão do bem”, portanto, é um elemento poderoso de inserção social numa sociedade de exclusão como a brasileira. A indignação contra os efeitos negativos do sistema de produção e de distribuição capitalistas é, então, redirecionada contra outras vítimas, e não contra os verdadeiros algozes. O mendigo, o morador de rua, o pobre, o favelado, o migrante, o refugiado, o negro, as trans são os responsabilizados pela penúria individual e geral. Assim, o “cidadão de bem” não culpa o neoliberalismo por seu endividamento e subemprego, mas as leis de cotas, os direitos de minorias, os direitos reprodutivos, o “politicamente correto”, ou tudo isso reunido sob o nome de “comunismo”.

A emergência desse fenômeno não é exclusividade brasileira, como sabemos. De Donald Trump, nos Estados Unidos, e Viktor Orban, na Hungria, até a recente vitória de Giorgia Meloni, na Itália, repúdio, medo e interesses materiais constroem grandes coalizões políticas e ideológicas que reúnem pessoas de todas as classes sociais. Trata-se de uma argamassa material e subjetiva poderosa. Então, conceitos frágeis, argumentos incoerentes e ideias estapafúrdias são suficientes para que os intelectuais orgânicos desses movimentos deem uma forma aparentemente culta e informada a velhos

preconceitos e posturas ético-políticas que já fazem parte há muito tempo do repertório formativo do ultradireitista contemporâneo. Na atual sociedade dos fluxos de informação, esses intelectuais são blogueiros, âncoras de TV, podcasters, instagramers, tuiteiros, tiktokers, gurus de WhatsApp e “filósofos” charlatões.

As urnas levaram Jair Bolsonaro para o segundo turno, e os cálculos das empresas de pesquisa eleitoral – apesar do desprestígio com que saíram do primeiro turno – indicaram a vitória de Lula. Todavia, as mesmas urnas revelaram a composição de um Senado ultraconservador, no qual o Partido Liberal de Bolsonaro garantiu a maior bancada (treze senadores, contra nove do Partido dos Trabalhadores). Uma olhada sobre os demais partidos presentes no Senado confirmará o maior peso dos partidos agrupados em torno do bolsonarismo.

Dessa forma, o bolsonarismo continuará entranhado no Legislativo federal, assim como estará bem representado nas assembleias e governos estaduais e distrital. Isso sem mencionar sua presença entre as polícias e as Forças Armadas. O “mito” em si pode ser defenestrado sem que o bolsonarismo seja desmobilizado. Isso acontecerá não apenas pela presença de bolsonaristas e aliados em governos, tribunais e parlamentos, mas porque os valores e visões de mundo partilhados e praticados por esse campo ideológico repercutem o “fascismo eterno” que está nas estruturas da sociedade brasileira. O bolsonarismo sem Bolsonaro é uma viabilidade histórica que desponta no horizonte.

Então, só nos resta o pessimismo ou o aeroporto? Voltemos a Gramsci: sucumbir à imobilidade e à desesperança é desrespeitar o princípio de que as pessoas e os povos podem intervir sobre seu destino e que não existe nada predeterminado ou inevitável na vida político-social humana. Gramsci, preso por Mussolini em 1926, nos deixou reflexões em seus “cadernos”, escritos quando, no cárcere, a escuridão à sua volta era total. Ele faleceu em 1937, sem jamais ter voltado à liberdade e ainda ao som histriônico do Duce falastrão. Nem por isso deixou pensar alternativas para a construção de maiores e melhores espaços de liberdade em meio aos tempos difíceis.

Diante dos representantes da ultradireita eleitos em 2022, erguem-se também pastores progressistas, policiais antifascistas, mulheres e homens periféricos, negros e negras, mulheres indígenas, o povo LGBTQIA+, mulheres trans e travestis eleitos e eleitas com novas pautas e muita coragem. Novos e novas líderes despontam, e uma profusão de jovens desperta para política. O resultado do jogo político não está dado e, pelo menos enquanto a Amazônia não tiver sido irremediavelmente destruída, as correlações de força estarão ativas e as chamas da liberdade seguirão atizadas nesta geleia geral chamada Brasil.

FERNANDO BRITO Bolsonaro não é “dúbio”, é golpista.

Jair Bolsonaro, finalmente, voltou a falar. Não a falar claramente, mas isso já seria pedir demais pois está de tal forma aferrado a ideias golpistas que não pode falar o que deveria falar alguém que perdeu uma eleição: reconhecer a vitória alheia, desejar boa sorte ao eleito e colocar acima de tudo o desejo e o interesse da sociedade.

Está, nos ritos da democracia e em seu conteúdo, tudo errado na reaparição pública de Jair Bolsonaro como estão erradas suas aparições exclusivamente em solenidades militares. Tão pródigo em lives ao longo de seu mandato, ele não teria nenhum tipo de dificuldade em fazer um pronunciamento público, dirigido a todos os cidadãos do país que ele ainda preside, em lugar de fazer isso diante de um amontoado de fanáticos convocados para a frente do Palácio da Alvorada.

Embora Folha e O Globo tenham usado a mesma expressão para definir o discurso de Bolsonaro – “declarações dúbias sobre pedidos de intervenção militar” -não há nenhuma dúvida sobre seu significado, ainda que ele não o tenha explicitado.

Aliás, até sua postura corporal, com as mão cruzadas às costas, em tudo trazia-lhe a imagem de “ordem unida”, falando à pouca tropa de pobres sandeus que ainda reúne para estas patacoadas. Ainda mais na companhia do general Walter Braga Netto, chefe militar de fato do país e acompanhante permanente do “mito”, mesmo sem cargo algum no governo.

Não é preciso ser vidente para entender que o ainda presidente deseja esta intervenção anômala das Forças Armadas, tanto quanto está evidente que ele não tem condições militares ou políticas de consumá-la.

Quanto a dizer que está “arriscando a vida no meio do povo”, é apenas mais uma farolagem vitimista e ridícula de quem quer se fazer de herói, mesmo bem protegido por seu aparato de segurança. Aliás, é no mínimo curioso que um homem que se dedicou a espalhar, em quatro anos, dois milhões de armas dos mais potentes calibres à população venha falar de segurança contra atentados.

Ninguém está ameaçando Bolsonaro de coisa alguma e, se ele teme estar sujeito às penas da lei, isso é apenas consequência de vivermos em um Estado Democrático, onde a lei vale para todos.

PUBLICIDADE

O atual presidente, fora do poder, não será – como nunca foi – um player legítimo de um regime democrático, porque assim não é quem anuncia projetos políticos com “fuzilar”, “metralhar”, “mandar para a ponta da praia” seus adversários.

Este discurso não é mais aceitável na democracia nos tempos em que vivemos e não pode ser invocado em nome da “liberdade de expressão”.

Mas o que acontece é ainda pior do que o “Bolsonaro sincerão” no seu autoritarismo. É a linguagem cifrada, clara o suficiente para atizar o golpismo e obscura ao ponto de ainda servir como proteção a alguém que, do alto do cargo que ainda ocupa – o de comandante em chefe das Forças Armadas – o usa para chantagear e intranquilizar a Nação, aliás contando para isso com a cumplicidade de comandantes militares.

Golpismo não é uma posição política legítima, é um crime.

--

[Bolsonarismo intensifica campanha de intimidação contra críticos ao Governo](#)

[NAIARA GALARRAGA GORTÁZAR](#) / [RODOLFO BORGES](#) | SÃO PAULO

[O método Bolsonaro: um assalto à democracia em câmera lenta](#)

[AFONSO BENITES](#) / [CARLA JIMÉNEZ](#) / [FELIPE BETIM](#) / [MARINA ROSSI](#) / [NAIARA GALARRAGA GORTÁZAR](#) / [REGIANE OLIVEIRA](#) / [JAMIL CHADE](#) | SÃO PAULO | BRASÍLIA | RIO DE JANEIRO | GENEBRA

Herança de Bolsonaro é a barbárie

Artigo por RED

[Facebook](#)[Twitter](#)[WhatsApp](#)[Messenger](#)[Compartilhar](#)

<https://red.org.br/noticia/heranca-de-bolsonaro-e-a-barbarie/>

De EDELBERTO BEHS

O bloqueio de rodovias e as ridículas manifestações em frente a quartéis em várias cidades brasileira não se limitam mais apenas a um tema político. Além desses “heróis da resistência” exporem o país ao ridículo, questionando a eficiências das urnas – só as do segundo turno, claro, num verdadeiro complexo de vira-lata, pois o Brasil não consegue produzir uma urna confiável – o assunto extrapola e entra no campo da desumanidade.

Talvez o caso mais emblemático ocorreu na quarta-feira, 23, na rodovia BR-364, em Sorriso, Mato Grosso, onde uma dessas barreiras criminosas impediu um pai, desesperado, de levar o seu filho de 9 anos, com cirurgia agendada, até o hospital em Cuiabá. O garoto sofreu um acidente na escola e precisava dessa segunda cirurgia para não perder o globo ocular.

“Aqui não vai passar”, berrou um ‘capitão do mato’, tosco, grosseiro, pouco se importando se o garoto ia perder o olho: “Que fique cego!” O pai do garoto é, segundo O Globo, Éder Rodrigues Boa Sorte. Ironia das ironias, eleitor de Bolsonaro! O outro filho de Éder, de 10 anos, pediu ao pai que se afastasse daquele bando de idiotas, criminosos, quando a discussão entre eles ficou mais acalorada. Foi uma autêntica cena da barbárie instalada no país. Agora, espera-se que esse dono da rodovia seja identificado e se defronte com as barras da Justiça, quiçá com as barras de uma cadeia.

Essa a herança que Bolsonaro e suas investidas de apoio à aquisição de armas deixou ao país. Desde candidato, mostrou desprezo a negros, pobres, indígenas, trabalhadores, favelados. Tripudiou doentes afetados pela covid. Foi um administrador relapso ao não adquirir a vacina de combate à pandemia em tempo hábil levando, assim, à morte de pelo menos 400 mil brasileiros e brasileiras. Bolsonaro estava incorporado naquele “capitão de mato”, dono da rodovia, que impediu a passagem de um pai desesperado para conduzir seu filho a uma cirurgia.

O silêncio de Bolsonaro após a derrota é corresponsável pelo clima de rebeldia que o país assiste. Assim como o presidente da República, são corresponsáveis esses generais que não acabam com essa palhaçada em frente aos quartéis, considerada área de segurança nacional, onde manifestantes “contra o comunismo” são admitidos sem qualquer represália.

Em Brasília, o mega macho Milton Baldin, de Juruena (MT), convocou caminhoneiros e portadores de armas, os CACs, a se apresentarem em Brasília, no dia 19 de dezembro, quando o presidente Lula e seu vice, Alckmin, serão empossados. “Somos 900 mil atiradores no Brasil hoje, venham aqui mostrar presença”, disse. Mostrar presença para matar?

Esse “cidadão de bem” sente-se autorizado por Bolsonaro a convocar atiradores. Afinal, ele foi motivado pelo presidente da República quando, ainda em campanha, pegou um tripé de televisão e, imitando uma arma, prometeu metralhar os 30 mil petistas do Acre. Onde estão as “otoridades” que permitem uma convocação criminosa, que fica sem consequências? Quando um candidato promete matar, sua candidatura teria que ser impugnada. Por medo ou covardia, o STE deixou o ovo da serpente se criar e hoje o país paga por essa imoralidade.

Defender a democracia, no país de Bolsonaro, é ser “comunista”, “desordeiro”, “vagabundo”, e o que mais? Se for mulher, ainda é “puta”. Esses que atravancam rodovias, se postam em frente a quartéis, portam a bandeira brasileira onde consta a insígnia “Ordem e Progresso”, são os primeiros, no entanto, a provocar, no momento, desordem e impedir o progresso. Quanta mercadoria perecível foi perdida com as tais barreiras?

Bolsonaro é um monstro, desumano, pior que lobo vestido em pele de cordeiro, que vem com belos versículos bíblicos e slogans para iludir brasileiros e brasileiras. E o pior: consegue o apoio de boa parte dos evangélicos, que embarcam aceitando mentiras, fake news, armamentismo...

Como entender a atitude desse “cristão” deixar pessoas sedentas sem acesso à água? Dai-lhes de beber, ensina o texto bíblico. O presidente que defende Deus, pátria e família cortou os recursos para o abastecimento de água potável em Estados do Nordeste, deixando cerca de 1,6 milhão de famílias sem o abastecimento necessário à condição de vida! E onde foi que o corte ocorreu! No interior do Nordeste! Será represália por Lula ter vencido por larga margem de votos a corrida presidencial nas urnas nordestinas?

A Operação Carro-Pipa, informa o Basil de Fato, é financiada com recursos do Exército em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR). Essa operação vinha acontecendo há 20 anos!

Na medida em que Bolsonaro não assume formalmente a derrota e venha até a mídia, até as redes sociais, reconhecer que perdeu a corrida eleitoral, o país continuará assistindo esses atos criminosos. Com o seu silêncio, Bolsonaro incita a criminalidade.

Bolsonaro jamais pensou que perderia as eleições de tantas benesses distribuídas com recursos federais a brasileiros e brasileira, mas com prazo de vencimento. Agora tenta subterfúgios de todo tipo para melar o resultado das urnas.

Ele ainda quer “vencer” as eleições jogando fora das quatro linhas. Bom, não seria vencer, mas golpear o pleito. É crime atentar contra o Estado de Direito e isso vem sendo incentivado por um presidente da República, de um partido que teve sua bancada no Congresso aumentada nas eleições, mas denuncia falha nas urnas no segundo turno. É demais para a inteligência de qualquer ser pensante, cidadão, respeitador das leis e da ordem.

Se eu não ganhar, o jogo não vale. Esse o espírito dos “democratas” que pedem a intervenção militar, sem se darem conta que já vivemos, não faz muito tempo, sob um regime militar, autoritário, e o que representou às liberdades cidadãos. Vão estudar um pouco de história, de ética, de sociologia, de filosofia, de política, mas, principalmente, sobre comunismo, para não demonstrarem tanta ignorância em praça pública.

*Professor, teólogo e jornalista.

QUADRIL, QUADRILHAS, QUADRINHAS

P.Timm – A FOLHA 03-10 MAIO -2021

Eis o significado de quadril:

“A articulação do **quadril** é a articulação entre o fêmur e o acetábulo da pelve, e sua principal função é suportar o peso, equilibrar o corpo em posturas estáticas (de pé) e dinâmicas (caminhando ou correndo), proteger o sistema reprodutor e a parte inferior do sistema digestivo.”

Interessante: Um quadril, qualquer quadril, por definição suporta um peso. Noto, aliás, que lhe falta ao Presidente Bolsonaro, com já quatro meses de exercício, este quadril que “lhe suporte o peso”, seja nas posturas majestáticas do trono, seja nos posts eletrônicos nas redes sociais. No Governo, ora briga com a PETROBRÁS, por causa do preço do diesel, ora com o IBGE, por causa da Pesquisa de Emprego, ora com o Secretário da Receita, que quer cobrar impostos das Igrejas. No ventrículo das Redes, fala em falsete o filho caçula e daí manda brasa pra todo lado, aliás, lado amigo. Haja “Mourão” para segurar a parada...Mourão de peso...

Vejam quadrilha, que, apesar da mesma raiz, nada tem a ver com quadril, e tem até múltiplos significados, ainda segundo o Dr. Google:

Quadrilha – não confundir com quadrinhas de gosto popular ou trova - pode referir-se a:

- [Quadrilha \(crime\)](#) - bando de ladrões, criminosos ou bandidos de uma forma geral
- [Quadrilha \(dança\)](#) - uma dança de origem inglesa e presente nas festas juninas
- [Quadrilha \(tauromaquia\)](#) um grupo de cavalaria
- [Quadrilheiros](#) - polícia chefiada por um quadrilheiro

Será mesmo que os dois vocábulos nada têm a ver mesmo, um com outro? Coincidências?

E ainda poderíamos acrescentar ao vocábulo quadrilha, o título de um simpático poema do Poeta Maior (Drummond):

Quadrilha

*“João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história”*

Ora, ora. Aqui, então, a evocação à conjuntura nacional é ainda mais acentuada e ficaria mais ou menos assim:

Bebiano amava o Capitão que amava os três patetas
que amavam Olavo de Carvalho, que amava dois Ministros
que odiavam o Gilmar Mendes que namorava com Mourão
que nunca amou nenhum deles porque aguarda os acontecimentos.

Bebbiano foi pra casa

Olavo ficou nos States

Rodrigo, que nem estava na estória, teve que segurar a Previdência

Daí a Damares entrou pela porta dos fundos e tentou pôr ordem na casa

“Menino que é menino veste azul!”

Ninguém gostou. Todo mundo reclamou.

Mas em uníssono oraram:

Uma travessia difícil

O futuro está em aberto e está a exigir de nós espírito de descoberta e de invenções audaciosas num contexto exigente e desafiador

por [Luiz Werneck Vianna](#) - Publicado 23/12/2022 18:39

O caminho que se abre à frente do governo Lula-Alkmin é de um desfiladeiro em que estão entrincheirados em suas margens atiradores de precisão e toda sorte de inimigos empenhados a impedir seus passos rumo à reconquista da democracia. Para esse intento contam menos os aderentes raiz do regime Bolsonaro e bem mais com os setores das elites que se sentem ameaçados pela perda dos privilégios de que desfrutavam no governo anterior. Essa será uma passagem de alto risco, a exigir extrema perícia dos que lideram sua condução, certamente em nível superior ao que ocorreu no curso da campanha eleitoral.

Na hora de partida sua perícia já é testada pela falta de recursos orçamentários que viabilizem a continuidade do programa Bolsa Família, compromisso seu compartilhado com o governo a que sucede, a que se acrescenta igual carência, diante da crise social que aflige a imensa massa de vulneráveis em situação de pobreza extrema, de meios para enfrentar os males que padecem. Nessa aziaga circunstância, o governo eleito recorreu ao remédio heroico de uma emenda constitucional a fim de lograr uma dotação orçamentária capaz de minimamente garantir recursos para o atendimento emergencial das necessidades imperativas da população.

Leia também: [Luciana Santos: Não há país soberano sem uma política para a ciência](#)

Nesse sentido, o futuro governo se encontra enredado em difíceis negociações com o Legislativo, dominado em sua maioria por forças que lhe foram

adversárias na disputa eleitoral, salvo se perfilharem uma via alternativa à emenda constitucional como uma medida provisória como primeiro ato de governo. Sem dúvida, a recente decisão do STF que julgou inconstitucional o orçamento secreto e os poderes que concedia aos chefes do Poder Legislativo retira algo de força desse poder, mas não a ponto de lhe deixar desarmado diante do novo governo, que tudo indica optará pelo caminho razoável da negociação da emenda constitucional segundo manifestações de suas lideranças, processo que ora se conclui.

No caso, as forças políticas do Centrão recobram o exercício de papéis influentes e, de algum modo, encontram seu lugar no governo entrante. Tudo como dantes no quartel de Abrantes, uma vez que a política de conciliação surge como a sua marca distintiva, sua forma de palmilhar o terreno minado que tem pela frente, reiterando o estilo do governo FHC de compatibilizar o moderno com o atraso sob ligeira predominância, onde couber, do primeiro.

Tal deverá ser o preço a ser pago, forçado pelo papel de destruição que o governo Bolsonaro deixa em seus rastros ao invertebrar a sociedade em seus elementos mais simples, em sua política de terra arrasada dos nexos sociais orgânicos de acordo com os ditames de sua inspiração neoliberal de que essa coisa de sociedade não existe. Replantar o tecido social destruído demandará tempo, persistência e clareza de propósitos. Trata-se de reanimar a vida sindical, os movimentos associativos e os partidos políticos de esquerda, nas cidades e no mundo agrário, este, hoje, tristemente confiado à manipulação dos interesses do agronegócio.

Conceder alento ao moderno, numa sociedade como a nossa que viveu décadas de modernização autoritária, importa instaurar um estatuto de plena autonomia aos seus seres sociais, tarefa que reclama uma intelectualidade ativa que abra pela reflexão caminhos para novas trajetórias críticas sobre o passivo da nossa história e ilumine novas possibilidades de ações progressistas.

A restauração da cultura democrática se encontra na dependência da musculatura que vierem a adquirir os entes da sociedade civil na luta por suas reivindicações, a fim de contornar o cenário hostil, atualmente configurado numa composição adversa das câmaras congressuais, buscando espaço e oportunidades que viabilizem o reencontro da sociedade com suas melhores tradições.

O futuro está em aberto, e, se bem que no nosso passado encontremos boas inspirações, ele está a exigir de nós espírito de descoberta e de invenções audaciosas num contexto exigente e desafiador, que só poderemos enfrentar na medida em que começarmos a caminhar, passo a passo, na busca de uma sociedade igualitária e justa.

As opiniões expostas neste artigo não refletem necessariamente a opinião do Portal Vermelho

Anistiar Jair Bolsonaro?

11/12/2022

-

https://aterraeredonda.com.br/anistiar-jair-bolsonaro/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas_publicacoes&utm_term=2022-12-11

Por **LISZT VIEIRA***

Já começou um movimento de políticos bolsonaristas visando à concessão de anistia a Jair Bolsonaro, seus filhos e toda sua quadrilha

Durante longos anos como deputado, e também como presidente, o capitão Jair Bolsonaro pregou, alto e bom som, a necessidade de um golpe para implantar no Brasil uma ditadura militar de natureza neofascista. Chegou a tentar, sem êxito, um golpe no dia 7 de setembro de 2021. Contou sempre com o apoio dos mais de seis mil militares encastelados em cargos oficiais no Governo: segundo levantamento do TCU, realizado em 2021, 6.175 membros das Forças Armadas estavam ocupando cargos no governo em 2020.

Diversos generais estiveram na linha de frente dessa ofensiva para destruir a democracia, como, entre outros, Luiz Eduardo Ramos, Augusto Villas Boas, Braga Netto, Eduardo Pazuello, e o próprio Ministro da Defesa, Paulo Sergio de Oliveira, além de almirantes e brigadeiros na chefia de suas armas.

Em seus quatro anos de governo, Jair Bolsonaro cometeu dezenas de crimes. Segue a lista dos crimes pelos quais foi indiciado no relatório da CPI da Pandemia.

“Crimes do Presidente da República, Jair Bolsonaro: prevaricação; charlatanismo; epidemia com resultado morte; infração a medidas sanitárias preventivas; emprego irregular de verba pública; incitação ao crime; falsificação de documentos particulares; crimes de responsabilidade (violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo); crimes contra a humanidade (nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos)” (Fonte: Agência Senado).

O superpedido de impeachment de Jair Bolsonaro, protocolado em 30/06/2021 na Câmara dos Deputados, afirma que o presidente cometeu pelo menos 21 crimes descritos na Lei nº 1.079/1950 (Lei do Impeachment). São eles:

(1) Crime contra a existência política da União. Ato: fomento ao conflito com outras nações; (2) Hostilidade contra nação estrangeira. Ato: declarações xenofóbicas a médicos de Cuba; (3) Crime contra o livre exercício dos Poderes. Ato: ameaças ao Congresso e STF, e interferência na PF; (4) Tentar dissolver ou impedir o funcionamento do Congresso. Ato: declarações do presidente e participação em manifestações antidemocráticas; (5) Ameaça contra algum representante da nação para coagi-lo. Ato: disse que teria que “sair na porrada” com senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), membro da CPI da COVID; (6) Opor-se ao livre exercício do Poder Judiciário. Ato: interferência na PF; (7). Ameaça para constranger juiz. Ato: ataques ao Supremo;

(8) Crime contra o livre exercício dos direitos políticos, individuais e sociais. Ato: omissões e erros no combate à pandemia; (9) Usar autoridades sob sua subordinação imediata para praticar abuso do poder. Ato: trocas nas Forças Armadas e interferência na PF; (10) Subverter ou tentar subverter a ordem política e social. Ato: ameaça a instituições; (11) Incitar militares à desobediência à lei ou infração à disciplina. Ato: ir a manifestação a favor da intervenção militar; (12) Provocar animosidade nas classes armadas. Ato: aliados incitaram motim no caso do policial morto por outros policiais em Salvador; (13) Violar direitos sociais assegurados na Constituição. Ato: omissões e erros no combate à Pandemia; (14) Crime contra a segurança interna do país. Ato: omissões e erros no combate à pandemia;

(15) Decretar o estado de sítio não havendo comoção interna grave. Ato: comparou as medidas de governadores com um estado de sítio; (16) Permitir a infração de lei federal de ordem pública. Ato: promover revolta contra o isolamento social na pandemia; (17) Crime contra a probidade na administração. Ato: gestão da pandemia e ataques ao processo eleitoral; (18) Expedir ordens de forma contrária à Constituição. Ato: trocas nas Forças Armadas; (19) Proceder de modo incompatível com o decoro do cargo. Ato: mentiras para obter vantagem política; (20) Negligenciar a conservação do patrimônio nacional. Ato: gestão financeira na pandemia e atrasos no atendimento das demandas dos estados e municípios na crise de saúde; (21) Crime contra o cumprimento das decisões judiciais. Ato: não criar um plano de proteção a indígenas na pandemia.

Mas seus malfeitos vão muito além de seus crimes juridicamente comprováveis. Seria interminável elaborar uma lista, mas podemos fazer alguns destaques. Desvio de recursos públicos no MEC pelos pastores enviados por Jair Bolsonaro. Sabotagem e corrupção na compra de vacinas. Sigilo por 100 anos nos cartões corporativos do presidente. Apoio às milícias no Rio de Janeiro. Compra de 51 imóveis com dinheiro vivo. Aumento inaceitável no preço dos alimentos e dos combustíveis. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome.

Incentivou desmatamento e incêndio de florestas, invasão de terras indígenas e garimpo ilegal. Privatizou estatais a preço vil, destruiu instituições democráticas responsáveis por políticas públicas. Cortou verbas destinadas à ciência, cultura, educação, saúde, meio ambiente e muitos projetos sociais. Apoiou a tentativa de golpe de Donald Trump nos EUA e transformou o Brasil em pária internacional. Com a novidade do orçamento secreto, envolvendo mais de 50 bilhões de reais, tornou-se campeão mundial da corrupção.

Essa lista de crimes e malfeitos não pretende ser exaustiva. Se relembramos agora seus crimes contra a nação é porque já começou um movimento de políticos bolsonaristas visando à concessão de anistia a Jair Bolsonaro, seus filhos e toda sua quadrilha.

O Brasil tem uma tradição de conciliação. Se prevalecer essa absurda proposta de anistiar Jair Bolsonaro pelos crimes cometidos, ele será tratado como um político normal, que cometeu alguns erros, podendo conviver com a

democracia. Ora, qualquer pessoa de boa fé sabe que isso não é verdade. Seu uso das regras democráticas é instrumental, ele não se identifica com a democracia. Pelo contrário, não faltam exemplos de suas declarações neofascistas e mesmo em favor dos movimentos neonazistas. Se tivesse alcançado seu intento, Jair Bolsonaro seria um ditador tão ou mais sanguinário do que Pinochet. Seu atual “modelito” calado e chorão não apaga seus crimes contra a democracia.

A anistia, se acaso viesse a ser concedida, contribuiria fortemente para o futuro retorno de Jair Bolsonaro e dos militares golpistas, renovando o ciclo das ameaças de golpe que eles tentaram, mas não conseguiram consumir. Na eleição, venceu a civilização contra a barbárie, a ciência contra a ignorância, a vacina contra a cloroquina, a razão contra o obscurantismo, o bom senso contra o fundamentalismo, a informação contra *fake news*, a democracia contra a ditadura.

As manifestações de bloqueio de estradas e lamentações nos muros dos quartéis não configuram ameaça real do famoso golpe que muitos na esquerda anunciaram repetidas vezes. O resultado eleitoral não será anulado. Esses manifestantes, financiados por empresários do agro e apoiados por militares e políticos bolsonaristas, estão sendo usados principalmente como massa de manobra e pressão para garantir junto ao novo governo a preservação das vantagens, devidas e indevidas, aos militares, manutenção de alguns decretos secretos e imunidade ao próprio Jair Bolsonaro que almeja não ser processado pelos seus delitos, elencados acima.

Mas o que os democratas brasileiros esperam é que ele e sua família sejam processados e condenados pelos crimes que cometeram. Afinal, uma democracia que não se defende, perece.

**Liszt Vieira é professor de sociologia aposentado da PUC-Rio. Foi deputado (PT-RJ) e coordenador do Fórum Global da Conferência Rio 92. Autor, entre outros livros, de A democracia reage (Garamond).*

Lelê Teles: A morte do bezerro de ouro forjado nas redações do PIG

Por Redação
47

“o mito é o nada que é tudo”, fernando pessoa

Por Lelê Teles*

sinto o cheiro fétido e putrefato do cadáver insepulto do mito desmitificado.

desde que foi derrotado nas urnas, o espantalho que ainda nos governa mantém-se silente, sorumbático, trancafiado na casa de vidro.

nas primeiras semanas após o fracasso nas urnas, o capetão apresentava um quadro deprimente, chorava no chuveiro e no travesseiro, negava receber visitas e faltava ao trabalho.

comportava-se não como um líder, mas como um sujeito fraco, um mau perdedor, um covarde.

nos seus primeiros dias de reclusão e silêncio, o gado bípede que o segue, fanaticamente, interpretou o mutismo como um sinal; era uma estratégia, como o silêncio que antecede o esporro.

com a coragem dos covardes, o rebanho inteiro foi às ruas, o mugido triste do nelore, o gado branco, fez-se ouvir nas portas dos quartéis por todo o país.

enquanto pediam ajuda para as forças armadas, eles oravam, rezavam e cantavam salmos e hinos militares.

parecia que iam derrubar a república apenas com alaridos sonoros, como fizera o povo de israel com as muralhas de jericó.

sucederam-se dias e noites, a multidão, um pouco mais eufórica, já cantava e dançava; patriotas faziam churrascos, agarravam-se em boleias de caminhões, adoravam um pedaço de pano colorido.

a turma ruidosa dormia em barracas, usava banheiros unissex e enfrentava, bravamente, raios, trovões e tempestades.

cassia kis beijava uma santa, luisa tomé tomava aulas de midiotia, rodrigo constantino constatava, lá de orlando, que o fim estava próximo.

patriotas começaram a criar flashmobs, dancinhas, coreografias, contatos extraterrestres...

e, assim, começaram a surgir os primeiros memes; e eles foram se multiplicando.

até que decidiram partir para a ação concreta e resolveram bloquear ruas e avenidas por esse brasilzão afora.

as polícias, coniventes e omissas, ignoravam os crimes.

mas, no meio do caminho, tinha mais uma rodada do brasileirão, e os gaviões da fiel, a mancha verde, a torcida jovem e a galoucura decidiram abrir passagem, botando os patriotários pra correr: “rapa fora, cambada de midiotas!”

as ruas pegavam fogo, enquanto isso, o necarca continuava trancado em casa, chorando.

o corpo do sujeito, somatizando as dores d’alma, começou a se encher de brotoejas; a perna gangrenava uma ferida purulenta que lhe obrigava a ficar prostrado.

o infeliz estava apodrecendo como um morto vivo.

sempre que o besta-fera fica muito nervoso, é bom não esquecermos, seu corpo somatiza as dores d’alma e ele apresenta dificuldades em arrotar, bufar ou cagar, já foi levado ao médico diversas vezes por essas fraquezas de espírito.

há quase um mês, no deserto úmido que se tornou Brasília, o povo o espera uma palavra do touro mecânico, acreditando que ele logo ressurgirá, do alto de uma montanha, montado num corcel negro, a soprar um shofar de chifre de carneiro, a anunciar a boa nova: “liberdade”.

no entanto, a ampulheta mostra poucos grãos de areia na parte superior, o tempo está passando.

moisés, o egípcio, libertou os israelitas da escravidão na África e prometera levá-los à terra prometida, conta uma lenda antiga.

um certo dia, depois de muito vagar pelo deserto, moisés subiu ao monte sinai para conversar com o todo poderoso.

lá embaixo, o povo aguardava o seu líder.

passaram-se 40 dias e 40 noites e nada do cabra voltar.

atarantados com o silêncio tumular, sentindo-se abandonados, pediram a aarão que lhes fabricasse um novo mito. então, juntando brincos, colares e anéis de ouro da multidão, aarão forjou um reluzente bezerro de ouro, e o povo passou a adorá-lo.

daqui a pouco mais de dez dias e dez noites, o chorão perdedor completará o número cabalístico de moisés.

o senador-general, mourão, o nosso aarão verde-oliva, percebeu a oportunidade, “vai lá falar com o teu povo”, provocou o mito mudo durante uma cerimônia na aman.

e o covarde se acovardou novamente, mantendo-se calado.

um silêncio eloquente, fala muito sobre quem não está a falar, porque, por zeus, em momentos de dificuldades até o asno de balaão falou!

é por isso que a multidão já começa a demonstrar sinal de desânimo, uns já começam a dizer que não é por bolsonaro que estão nas ruas, é pela democracia.

é como se dissessem, “fabriquem para nós um novo ídolo”.

bolsonaro não é moisés, é bom que se diga, ele é, ele mesmo, um bezerro de ouro.

bolsonaro foi forjado nas redações dos jornalões, lembro-me, porque nunca me esquecerei, da senhora judith brito, então presidenta da associação nacional dos jornais e executiva do grupo folha dizer, sem corar, que os “meios de comunicação estão fazendo de fato a oposição oposicionista deste país”.

com essa frase, judith fundou o PiG, o partido da imprensa golpista.

é que os bilionários donos dos jornalões estavam decepcionados com o psdb e com as sucessivas derrotas que o partido vinha sofrendo para o petê.

então, decidiram fazer o que fizeram em 1989, com collar de mello, fabricaram um candidato.

se lá tínhamos o caçador de marajás, aqui temos o antissistema, o farofeiro simples e comedor de leite condensado.

bolsonaro, um personagem desconhecido da política nacional, um anão parlamentar menor que o severino cavalcanti de uma hora pra outra virou arroz de festa em programas televisivos.

os programas mais idiotas da tevê passaram a apresentá-lo como um cara engraçado, gente como a gente, língua solta, sem filtro e de pulso firme.

branco, heterossexual, cristão, homofóbico, racista, classista, militar, metido a machão e anticomunista.

o cqc e o pânico fizeram dele um ícone do politicamente incorreto; luciana gimenes o transformou no babado da semana, tinha sempre uma coisa cabeluda para dizer sobre ele, uma fofoca, uma anedota, sempre sorridente.

era preciso suavizar a sua brutalidade e transformar em galhofa as suas satanices.

depois de derreterem todos os brincos, anéis e colares dos jornalistas irresponsáveis e carreiristas, estava forjado o bezerro de ouro.

só lhe faltava o sacrifício simbólico, foi aí que veio a facada sem sangue.

bolsonaro não é a voz de uma multidão, ele é um porta-voz apenas.

bolsonaro é só um produto que coube dentro daquela embalagem.

não existe um bolsonarismo como doutrina filosófica ou pensamento político; o bolsonarista é, por definição, um sujeito sem ideias.

o bolsonarista nem é uma novidade, estávamos acostumados com ele em nossas festas de fim de ano e nos churrascos da família.

e o tiozão que faz piada racista e machista.

a tia fútil que se alegra em humilhar a empregada, é a turma do pânico, do cqc e da luciana gímenes.

é um sujeito conservador que quer manter os seus privilégios de classe e de cor e que odeia gente pobre e detesta quem quer tirá-los da pobreza.

o bolsonarista vive em dois brasis, onde um serve apenas para servir ao outro.

esses caras e essas caras estavam por aí o tempo todo, a gente só não dava um nome a elas.

são pessoas vazias, presas à ideologia de gênese, que é pegar frases soltas e sem contexto da bíblia e usá-las à exaustão, para justificar a falta de leitura.

por isso que o necarca é somente um porta-voz.

os que ainda estão com bolsonaro, estarão com qualquer outro que se mostre paudrescente, homofóbico, racista, classista e anticomunista, seja lá que diabos isso signifique.

não faltam anéis, brincos, pulseiras e colares para serem derretidos para o fabrico de um novo bezerro de ouro.

temos aí tarcísio, moro e mourão prontos para embezerrar.

os que antes diziam “não abandonarei jair nem que a vaca tussa”, parecem ter se cansado de tomar chuva de granizo no lombo, vendo a vaca ir pro brejo.

percebem, agora, depois de verem o filho do bozo se divertindo no catar, que deram com os burros n’água e que é chegada a hora de tirar o cavalinho da chuva.

o jornalismo da dona judith continuará a mentir, a pedido dos patrões, entregando os anéis e os dedos, forjando fatos e criando mitos, justificando a

máxima do poeta oswald de andrade: “a gente escreve o que ouve, não o que houve”.

palavra da salvação.

**Lelê Teles é jornalista – DRT 1799/SE, publicitário e roteirista*

A DEMOCRACIA É UMA LUTA CONSTANTE

Tempero Drag

Prof. João Cesar de Castro Rocha – UERJ , e seu livro sobre bolsonarismo

<https://www.youtube.com/watch?v=C1pxtNjLPVl>

B4 DOMINGO, 2 DE OUTUBRO DE 2022 FOLHA DE SP PAULO ***

cotidiano



Adriano Carvalho

‘Mãe, por que você tá azul?’

Entre furto e latrocínio, a elite escolhe o latrocínio

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de “Nu, de Botas”

Estranha elite, a nossa: entre o furto e o latrocínio, escolhe o latrocínio. O que é mais grave: corrupção na Petrobras ou 700 mil mortos na pandemia? (Bolsonaro sabotou todas as medidas sanitárias, tirou máscara do rosto de criança, atravessou a compra e fez campanha contra a vacina). Corrupção na Petrobras ou policiais sufocando um homem inocente numa câmara de gás improvisada no fundo de um camburão? (Dias após o assassinato, Bolsonaro veio a público... Elogiar a PRF). O que é mais perigoso: corrupção na Petrobras ou uma ditadura, que Bolsonaro vive enaltecendo e ameaçando reeditar? O que é mais grave: a corrupção na Petrobras ou a desertificação da Amazônia, que vai esculhambar com o clima na Terra nos próximos séculos ou milênios, caso desmatemos só mais um tiquinho? Pois a maioria dos nossos empresários, fazendeiros e financistas acha que pior do que tudo isso é a corrupção na Petrobras.

No tético debate desta quinta-feira (29) ficou claro que também para a maior parte dos candidatos o risco de vermos o fim da democracia é menor do que o risco de que haja corrupção. Um detalhe curioso: o risco de que haja corrupção por parte do PT assusta muito mais do que qualquer corrupção da família Bolsonaro. Os 51 imóveis comprados com papel moeda e o orçamento secreto surgiram de leve, no debate. Só Lula mencionou as barras de ouro recebidas por pastores indicados por Bolsonaro pra fazerem lobby no Ministério da Educação.

Já Ricardo Salles desmontando o Ibama, destruindo a Amazônia e fazendo negócio com madeireiros ou as relações da família Bolsonaro com as milícias do Rio nem sequer foram citados. Segundo os postulantes ao cargo de presidente, condecorar o miliciano Adriano da Nóbrega, segurança de bicheiro e assassino de aluguel, empregar Queiroz, outro miliciano assassino, durante boa parte da vida pública de Jair, são questões menores do que desvios de dinheiro e as patucoidas econômicas da Dilma. A bolsa ou a vida? O rico brasileiro prefere a bolsa.

Digo isso tudo fazendo um recorte bem negativo dos governos petistas, como se tivesse havido apenas corrupção. Claro que houve corrupção, mas em paralelo houve a construção de 18 universidades, a chegada a elas via cotas, Prouni e Fies de muitos negros e es-

tudantes de escolas públicas. Redução drástica das queimadas na Amazônia. Leis trabalhistas estendidas às empregadas domésticas. Bolsa Família. Aumento real do salário mínimo. Demarcações de terras indígenas e quilombolas.

“E a corrupção na Petrobras? E a corrupção na Petrobras?!” seguem bradando os Luizes Felipes D’Ávulas, os Ciroz Gomes, os membros da Fiesp, da CNI, os senhores da sauna do clube Pinheiros.

De um lado há um candidato que era presidente à época da corrupção na Petrobras. Do outro há um candidato cujo idolo, o torturador Carlos Brilhante Ustra, pegou pelas mãos duas crianças de 4 e 5 anos numa manhã da década de 1970 e as levou à sala onde seu pai e sua mãe estavam sendo torturados, nus, sujeitos de sangue, vômito e urina. A mãe estava toda rosa e a criança mais velha perguntou: “Mãe, por que você tá azul?”.

Foi para este torturador que Bolsonaro dedicou seu voto no Impeachment da Dilma Rousseff. A obra “A verdade sufocada”, de Ustra, é seu livro de cabeceira. É aquela época que ele pretende nos levar de volta.

Se você ainda acha que mais grave é a corrupção da Petrobras e vai arriscar um segundo turno em que o abjecto golpista pode vencer, eu desisto. Não tenho mais argumentos, apenas o meu assombro e uma tristeza profunda por este país.

DOM, Antonio Prata | SEC, Marcia Castro, Maria Homem | TEK, Vera Iaconelli | QUA, Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI, Sérgio Rodrigues | SEX, Tati Bernardi | SÁB, Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

QUEBRANDO MITOS DOCUMENTARIO

[Quebrando Mitos: Veja o documentário sobre Jair Bolsonaro \(msn.com\)](#)

O título indica uma continuação conceitual de “Quebrando o Tabu” (2011), em que o diretor abordou a política do combate às drogas com depoimentos de ex-

presidentes, como Fernando Henrique Cardoso, Jimmy Carter e Bill Clinton. Desta vez, o tema é a ameaça da extrema direita.

O longa, que tem roteiro de Carol Pires, traz o ponto de vista de um casal LGBTQIA+ – o próprio diretor e o ator-cantor Fernando Siqueira – sobre a “masculinidade catastrófica e frágil de Jair Bolsonaro”, de acordo com a sinopse oficial.

A produção foi motivada por ameaças anônimas recebidas por Andrade, após fazer críticas à homofobia de Bolsonaro. Assim, o filme reúne falas violentas do presidente e reflete sobre o impacto de suas políticas sobre o povo brasileiro, ressaltando, novamente segundo a sinopse, “a resistência ao fascismo no Brasil”.

“Quebrando Mitos” pode ser visto integralmente aqui abaixo.

Bolsovólver

Bolsoboys

Bolsonóquio

Bolsovarde

Bolsoroso

Bolsomico

Bolsoçoso

Bolsonazi

Bolsonego

Bolso kelson

Bolsomorte

Bolso kaput

O homem avulso

Por Moisés Mendes / Publicado em 17 de maio de 2022

<https://www.extraclasse.org.br/opiniao/2022/05/o-homem-avulso/>

O que poderia ser o maior negócio de Bolsonaro e da família não deu certo. Não é a parceria com contrabandistas, grileiros e garimpeiros da [Amazônia](#), até porque essa vem tendo êxito.

Também não é a sociedade com Queiroz para exploração das rachadinhas. Não é nem o esquema de fabricação e distribuição de cloroquina. Tampouco é a formação de quadrilhas para vender vacinas que nem existiam ao governo.

O maior negócio para os Bolsonaros, aquele que poderia comprovar e quem sabe perenizar a força política da família, não é nem a sociedade com o centrão, porque todos os negócios com o centrão são temporários.

O maior negócio seria a criação do Aliança pelo Brasil. Mas não deu certo. Qualquer um com meia dúzia de parceiros forma partido no Brasil. Tanto que formaram 33, a maioria no mercado da locação.

Mas Bolsonaro não conseguiu formar o seu, para ter um caixa que a família cuidaria sem a ameaça de predadores. Sem os problemas que teve com Gustavo Bebianno no PSL e que ele terá no PL.

O sujeito não conseguiu formar um partido só dele, e essa frustração vai para a conta do seu maior fracasso. Porque denuncia o quanto ele funciona como gambiarra. O bolsonarismo não tem lastro orgânico e institucional, não tem nem sede própria.

O bolsonarista fora da base dos 10% de seguidores fiéis e incondicionais é parte de um contingente gasoso. Se não fosse, Bolsonaro seria dono de um grande partido de direita e extrema direita.

O apoiador da base ampliada de Bolsonaro, que aparece como um terço do eleitorado nas pesquisas, topa seguir com o sujeito no esforço por um segundo mandato para evitar Lula. Mas se nega a dar um partido à família.

Bolsonaro é um improviso precário que desmoraliza o erro na política brasileira. Nunca antes um político em alto cargo errou tanto.

Nunca alguém foi tão cruel, tão repulsivo, tão raso e cometeu tantas barbeiragens e se manteve com uma base razoável. Pois esse é o Bolsonaro que ficou sem um partido só dele.

Bolsonaro é um homem avulso, com o respaldo precário e inconfiável desse um terço antissistema e antitudo.

Foi o líder da sabotagem da vacina contra a covid (enquanto permitia a formação das quadrilhas faz vacinas), e o povo sempre quis se imunizar.

Tentou empurrar a cloroquina como milagre, mas a maioria da população se negou a engolir o remédio que, usado sem critério, podia matar.

Apostava nas tais bancadas transversais no Congresso e acabou caindo nos braços do centrão. Tenta sabotar a urna eletrônica, e mais de 80% dos brasileiros confiam nas urnas.

Foi a Rússia, como farsante que pretendia se vender ao mundo como o líder da paz mundial e dias depois a guerra foi deflagrada. Blefa com o golpe, mas a maioria quer eleição e democracia.

Bolsonaro não sabe o que fazer com questões elementares da administração pública. Briga com governadores e prefeitos. Passeia de moto no horário do expediente. Bate recordes de gastos no cartão corporativo. Mas mantém os 30%.

É o líder do armamentismo, mas nem tiro sabe dar, por desconhecer que uma pistola só dispara depois de destravada. Mas está aí, atacando o Supremo e o [TSE](#), recuando no dia seguinte, agredindo de novo.

Numa situação de normalidade, Bolsonaro seria um vacilão, que grita, depois se acovarda e manda cartinha ao ministro por ele agredido dias antes.

Bolsonaro não transmite certezas, não manda em ninguém no governo e só se mantém porque deu emprego aos militares e pagou ao centrão para ter apoio.

Seu governo detém o feito de ter fixado o pior salário mínimo dos últimos 20 anos e agora quer saquear o FGTS dos trabalhadores. Mas tem 30% do eleitorado.

Nunca antes um sujeito tão desprezível representou um terço da sociedade brasileira. Nunca um governante errou tanto. Nunca o Brasil teve alguém tão raso em cargo de comando, nem em funções bem abaixo da presidência da República.

Mas Bolsonaro resiste. O sujeito desmoralizou o erro na política. O conjunto dos seus erros, maldades, bobagens e agressões é insuficiente para torná-lo inviável.

Se fosse uma pessoa comum, em atividade operacional básica, em qualquer área, estaria entre os piores do grupo, seria aquele que, na hora de demitir alguém, apareceria entre os primeiros da fila de dispensáveis.

Mas o tenente Bolsonaro, que o Exército empurrou para a reserva para não condená-lo e mandá-lo embora, é o homem avulso, sem partido, sem base sólida, sem ideias e sem escrúpulos na presidência da República.



Gilberto Dimenstein

7 de agosto de 2018 às 11:50 · 🌐

Pedi socorro nas redes para descobrir quem é o autor desse texto, que considero um primor de síntese. Depois de quatro dias, enfim chegou a resposta. É de André Nascimento Pontes, professor de Lógica do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas.

É preciso entender. O eleitor do Bolsonaro não vai ficar constrangido ou mudar de opinião vendo a diarreia mental e o rebosteio que as ideias do seu candidato provoca. Isso exige um outro patamar de civilidade, de sensibilidade humana. Não é por argumento, História, números, estudo técnico, que o eleitor do Bolsonaro se interessa. Eles querem é um amplificador do seus próprios preconceitos. Uma metralhadora de frases de efeito. Daí a empatia. O Bolsonaro é uma auto imagem de muitos brasileiros: racista, homofóbico, misógino, sádico e subletrado. Todo mundo tem um Bolsonaro perto de si dizendo diariamente muito do que foi dito no Roda Viva: um amigo, um marido, um tio, um avô, um colega de trabalho... Bolsonaro não é um mito, Bolsonaro é um espelho da ignorância humana.

Sobre Bolsonaro – 2021, por Paulo Timm

I - O caso de Bolsonaro não é mais de impeachment, é de "defenestração". Portugueses sabem bem o que isso significa. Houve um caso lá no fim do domínio napoleônico. Ultrapassou os limites dos desentendimentos inter institucionais e com a sociedade civil, dos desacordos internos ao governo, da discórdia e da anomia. Virou desgoverno com Economia estagnada, altos índices inflacionários não

compensados com recuperação salarial e desemprego inusitado agravado pelo desalento, pela informalidade e pelo retorno ao Mapa da Fome. Em 35 meses de Governo US\$ 56,6 bilhões saíram do país. Estamos sem rumo, sem Plano Nacional de Desenvolvimento, o Orçamento do Fim do Mundo se transformou numa colcha de retalhos para atender interesses eleitorais da base governamental às custas do calote aos Precatórios, a Educação, a Saúde, a Política Social estão um caos.

II - Acabou o Governo, em todos os sentidos por absoluta falta de capacidade para se legitimar em processo. Perdeu a autoridade moral, perdeu o rumo, perdeu as rédeas do Governo, em virtual anomia, perdeu o apoio da opinião pública, perdeu o mínimo de bom senso e empatia diante da crise que atravessamos. Restou-lhe o Rei Arthur no comando do Centrão, em verdadeiro festival de distribuição de prebendas para a reeleição dos colaboracionistas, a família, cercada de processos judiciais, um simulacro de Ministério do horror e uma desconcertante Guarda Pretoriana culminada de vantagens funcionais. Temo que não cheguemos institucionalmente às eleições...

III - O que me espanta não é a atitude infantil e irresponsável do BOZO mas o fato de que tantos ministros, magistrados, procuradores, clérigos e militares da mais alta patente o sigam fielmente. Lembra-me uma entrevista da cinegrafista de Hitler, La Rifenstahl, quando indagada, no fim da guerra, como poder servir àquele monstro, respondeu: "Ora, eu era apenas uma cinegrafista. Perguntem aos líderes das principais universidades da Alemanha, aos membros do Judiciário, aos políticos e intelectuais."

IV – Como diz o Marino Boeira : “**Marino Boeira**

26 u5dte 5d0pez50e2gmbros oàs97r 13:4ed1 .

BOLSONARO NÃO DESISTIU DO GOLPE.

Janio de Freitas diz hoje na sua coluna na Folha que ele segue a cartilha elaborada por Steve Bannon para Trump, nos Estados Unidos. Diz Janio: "É a estratégia formulada por Steve Bannon. Provocar, irritar, manter inquietação. Acusar o sistema eleitoral, atrair os bandos arruaceiros e erguer a situação para o golpe. O programa que Trump praticou, fracassado na etapa final porque a invasão do Congresso não teve o desdobramento esperado.

Se a solução de Bannon é o golpe, segue o plano: nos Estados Unidos, o movimento golpista de Trump já provoca até advertência de generais para o risco de golpe contra a eleição de 2024; aqui, Bolsonaro retoma seu ideal. Convulsão, não eleição."

V- SALVANDO A PELE E ABRINDO ESPAÇOS

René Ruschel

[10 min](#) ·

Por enquanto não é notícia, apenas boato, mas dizem que “onde há fumaça, há fogo”. Segundo o ator petista José de Abreu, uma fonte confiável afirmou que Jair Messias deve trocar sua candidatura à reeleição em 2022 por uma disputa ao Senado por Santa Catarina. O suplente também já estaria definido: trata-se do empresário Luciano Hang, o “Véio da Havan”.

As evidências têm lógicas. A frequência com o que o ex-capitão tem visitado o Estado é grande. Em 2018, foi onde recebeu a maior votação: 65,8% dos votos válidos, no segundo turno.

A notícia sobre a mudança de planos já circula pelas redes sociais e imprensa há alguns dias. Em Brasília, os rumores são que as pesquisas desestimularam a candidatura à reeleição, inclusive com a possibilidade do Centrão, base de apoio no Congresso, pular fora do barco que começou a naufragar.

Bolsonaro prepara-se para a derrota

Diogo Mainardi - 02.01.22 O ANTAGONISTA

“Os estrategistas de Jair Bolsonaro acham que a entrada de Sergio Moro no cenário presidencial tirou-lhe qualquer possibilidade de buscar o voto da ‘direita moderada’ no primeiro turno”, diz o Estadão.

Por esse motivo, o sociopata vai tentar garantir os votos da direita aloprada – uns 15% do total – e somar outros 10% de antipetistas.]

É o plano perfeito para entregar o Palácio do Planalto a Lula, que sempre trabalhou para manter Jair Bolsonaro no páreo. A estratégia do sociopata, de fato, não é se reeleger, e sim conservar um cacife eleitoral capaz de tirá-lo da cadeia, assegurando-lhe alguma forma de imunidade

VI- Marino Boeira

[1S3 tloIn8hah40r66eh3ad](#) ·

BOLSONARO E O GOLPE

Na sua coluna hoje na Folha, Janio de Freitas levanta uma suspeita sobre o que levou Bolsonaro a não tentar tirar proveito eleitoral de um auxílio a Bahia quando ela vive uma tragédia com as inundações: Bolsonaro estaria desistindo do caminho eleitoral para permanecer na Presidência e estaria preparando um golpe. Diz Janio: "Bolsonaro o prepara. Com aberrações cínicas, que vão dos aumentos muito acima da inflação para as já bem remuneradas Forças

Armadas e polícias federais, às demissões e deslocamentos de técnicos e outros servidores qualificados, para fortalecer o dispositivo do golpismo, da arbitrariedade e da prevaricação." Para o colunista, as eleições desse ano são a última chance do Brasil fugir do abismo que se aproxima: "O dramático é que 2022 e sua eleição propõem-se como o momento mais decisivo do Brasil na ilusória República. Não como regime político, não como sistema econômico. Como país mesmo. A derrocada está tão vasta e é tão profunda, que um mau desfecho para o próximo mandato presidencial deverá tornar a involução e o atraso definitivamente irreversíveis.'

Miriam Leitão alerta: Bolsonaro tentará melar o jogo democrático

Jornalista, que apoiou o golpe de estado contra a ex-presidente Dilma Rousseff, diz que nenhum governo mereceu tanto o impeachment como o atual

2 de janeiro de 2022 https://www.brasil247.com/midia/miriam-leitao-alerta-bolsonaro-tentara-melar-o-jogo-democratico?fbclid=IwAR1b6TICLwVObg4_jrx6wpi1-xA2r9aetGnxzk95qtHWw7Gv_Y2XzGiprYs

247 – A jornalista Miriam Leitão, que apoiou o golpe de estado contra a ex-presidente Dilma Rousseff, a partir da farsa das "pedaladas fiscais", hoje alerta para o risco de Jair Bolsonaro, consequência da quebra do pacto democrático mele as eleições de 2022. "Este ano é de travessia. É grande a chance de encerrarmos o governo deletério que deveria ter sido encurtado por impeachment. Nenhuma outra administração mereceu tanto o remédio do impedimento. Mas para que futuro iremos neste ano do nosso bicentenário? O Brasil nos últimos anos pareceu um coração com a artéria principal entupida e que criou atalhos para a circulação do sangue e a sobrevivência. Nesses caminhos alternativos o país foi ficando independente do próprio governo. Essa capacidade de resistência será testada em 2022, porque a natureza deste governo é antidemocrática. Bolsonaro tentará, como fez Donald Trump, melar o jogo democrático. Será preciso estar, como diz a minha geração, atento e forte", escreve ela, em sua [coluna](#) no Globo.

Miriam faz um balanço positivo de 2021. "O presidente apostou no pior, jogou no conflito, investiu em pautas nefastas. Mas o saldo do ano passado é positivo, principalmente porque o socorro veio da ciência. Nos institutos brasileiros de produção de vacinas trabalhou-se duramente. Brasileiros em centros internacionais conectaram o país nas redes de desenvolvimento da imunização. O Sistema Único de Saúde venceu um ministro general que dizia não saber o que era o SUS, e um ministro sabujo que até o último dia do ano tentava retardar a vacinação de crianças. O governo foi sórdido. A sociedade resistiu. Com alta taxa de vacinação, os brasileiros aguardam a onda ômicrom mais seguros, mas ainda vigilantes", escreve.

Paulo Brondi, Promotor de Goiás, faz um resumo do que é o 'bolsonarismo'

<https://www.ilheusinforme.com.br/2021/12/promotor-de-goias-faz-um-resumo-do-que.html>

Promotor de Goiás faz um resumo perfeito do que é o 'bolsonarismo' Promotor quebra o silêncio no Ministério Público e faz um resumo direto e cirúrgico sobre aqueles que hoje ocupam o poder central no Brasil. Algumas pessoas consideram que ele pode sofrer represálias promotor paulo brondi bolsonaro Um texto publicado por Paulo Brondi, promotor do Ministério Público de Goiás, viralizou na internet nesta quinta-feira (5). O conteúdo está sendo reproduzido por milhares de internautas e chegou a ser postado no blog de Juca Kfouriri. Algumas pessoas consideram que Paulo Brondi pode sofrer represálias por ter sido um dos primeiros membros do Ministério Público a ter coragem de traçar um panorama sincero daqueles que hoje ocupam o poder central no Brasil. "Parabéns pelo texto. É preciso coragem para falar abertamente verdades cruas a respeito da 'família'. Só espero que você não seja perseguido por isso", observou uma internauta. A seguir, leia a íntegra do texto: Por Paulo Brondi Bolsonaro é um cafajeste. Não há outro adjetivo que se lhe ajuste melhor. Cafajestes são também seus filhos, decrépitos e ignorantes. Cafajeste é também a maioria que o rodeia. Porém, não é só. E algo que se constata é pior. Fossem esses os únicos cafajestes, o problema seria menor. Mas, quantos outros cafajestes não há neste país que veem em Bolsonaro sua imagem e semelhança? Aquele tio idiota do churrasco, aquele vizinho pilantra, o amigo moralista e picareta, o companheiro de trabalho sem-vergonha... Bolsonaro, e não era segredo pra ninguém, reflete à perfeição aquele lado mequetrefe da sociedade. Sua eleição tirou do armário as criaturas mais

escrotas, habitués do esgoto, que comumente rastejam às ocultas, longe dos olhos das gentes. Bolsonaro não é o criador, é tão apenas a criatura dessa escrotidão, que hoje representa não pela força, não pelo golpe, mas, pasmem, pelo voto direto. Não é, portanto, um sátrapa, no sentido primeiro do termo. Em 2018 o embate final não foi entre dois lados da mesma moeda. Foi, sim, entre civilização e barbárie. A barbárie venceu. 57 milhões de brasileiros a colocaram na banqueta do poder. Elementar, pois, a lição de Marx, sempre atual: “não basta dizer que sua nação foi surpreendida. Não se perdoa a uma nação o momento de desatenção em que o primeiro aventureiro conseguiu violentá-la”. Muitos se arrependeram, é verdade. No entanto, é mais verdadeiro que a grande maioria desse eleitorado ainda vibra a cada frase estúpida, cretina e vagabunda do imbecil-mor. Bolsonaro não é “avis rara” da canalhice. Como ele, há toneladas Brasil afora. A claque bolsonarista, à semelhança dos “dezembristas” de Luís Bonaparte, é aquela trupe de “lazzaroni”, muitos socialmente desajustados, aquela “coterie” que aplaude os vitupérios, as estultices do seu “mito”. Gente da elite, da classe média, do lumpemproletariado. Autodenominam-se “politicamente incorretos”. Nada. É só engenharia gramatical para “gourmetizar” o cretino. Jair Messias é um “macho” de meia tigela. É frágil, quebradiço, fugidio. Nada tem em si de masculino. É um afetado inseguro de si próprio. E, como ele, há também outras toneladas por aí. O bolsonarismo reuniu diante de si um apanhado de fracassados, de marginais, de seres vazios de espírito, uma patuléia cuja existência carecia até então de algum significado útil. Uma gentalha ressentida, apodrecida, sem voz, que encontrou, agora, seu representante perfeito. O bolsonarismo ousou voar alto, mas o tombo poderá ser infinitamente mais doloroso, cedo ou tarde. Nem todo bolsonarista é canalha, mas todo canalha é bolsonarista. Jair Messias Bolsonaro é a parte podre de um país adoecido.

O Jair que há em nós. Por Ivann Lago

https://racismoambiental.net.br/2020/12/03/o-jair-que-ha-em-nos-por-ivann-lago/?fbclid=IwAR0gMLvZ7mHPM48az1PHCDa53tr534tDkFxFxNrL6ZbvL7w_r67qjkFk-zoYg

3 de dezembro de 2020 Brasil - Ivann Carlos Lago

" O Brasil levará décadas para compreender o que aconteceu naquele nebuloso ano de 2018, quando seus eleitores escolheram, para presidir o país, Jair Bolsonaro. Capitão do Exército expulso da corporação por organização de ato terrorista; deputado de sete mandatos conhecido não pelos dois projetos de lei que conseguiu aprovar em 28 anos, mas pelas maquinações do submundo que incluem denúncias de “rachadinha”, contratação de parentes e envolvimento com milícias; ganhador do troféu de campeão nacional da

escatologia, da falta de educação e das ofensas de todos os matizes de preconceito que se pode listar.

Embora seu discurso seja de negação da “velha política”, Bolsonaro, na verdade, representa não sua negação, mas o que há de pior nela. Ele é a materialização do lado mais nefasto, mais autoritário e mais inescrupuloso do sistema político brasileiro. Mas – e esse é o ponto que quero discutir hoje – ele está longe de ser algo surgido do nada ou brotado do chão pisoteado pela negação da política, alimentada nos anos que antecederam as eleições.

Pelo contrário, como pesquisador das relações entre cultura e comportamento político, estou cada vez mais convencido de que Bolsonaro é uma expressão bastante fiel do brasileiro médio, um retrato do modo de pensar o mundo, a sociedade e a política que caracteriza o típico cidadão do nosso país.

Quando me refiro ao “brasileiro médio”, obviamente não estou tratando da imagem romantizada pela mídia e pelo imaginário popular, do brasileiro receptivo, criativo, solidário, divertido e “malandro”. Refiro-me à sua versão mais obscura e, infelizmente, mais realista segundo o que minhas pesquisas e minha experiência têm demonstrado.

No “mundo real” o brasileiro é preconceituoso, violento, analfabeto (nas letras, na política, na ciência... em quase tudo). É racista, machista, autoritário, interesseiro, moralista, cínico, fofoqueiro, desonesto.

Os avanços civilizatórios que o mundo viveu, especialmente a partir da segunda metade do século XX, inevitavelmente chegaram ao país. Se materializaram em legislações, em políticas públicas (de inclusão, de combate ao racismo e ao machismo, de criminalização do preconceito), em diretrizes educacionais para escolas e universidades. Mas, quando se trata de valores arraigados, é preciso muito mais para mudar padrões culturais de comportamento.

O machismo foi tornado crime, o que lhe reduz as manifestações públicas e abertas. Mas ele sobrevive no imaginário da população, no cotidiano da vida privada, nas relações afetivas e nos ambientes de trabalho, nas redes sociais, nos grupos de whatsapp, nas piadas diárias, nos comentários entre os amigos “de confiança”, nos pequenos grupos onde há certa garantia de que ninguém irá denunciá-lo.

O mesmo ocorre com o racismo, com o preconceito em relação aos pobres, aos nordestinos, aos homossexuais. Proibido de se manifestar, ele sobrevive internalizado, reprimido não por convicção decorrente de mudança cultural, mas por medo do flagrante que pode levar a punição. É por isso que o politicamente correto, por aqui, nunca foi expressão de conscientização, mas algo mal visto por “tolher a naturalidade do cotidiano”.

Se houve avanços – e eles são, sim, reais – nas relações de gênero, na inclusão de negros e homossexuais, foi menos por superação cultural do

preconceito do que pela pressão exercida pelos instrumentos jurídicos e policiais.

Mas, como sempre ocorre quando um sentimento humano é reprimido, ele é armazenado de algum modo. Ele se acumula, infla e, um dia, encontrará um modo de extravasar. (...)

Foi algo parecido que aconteceu com o “brasileiro médio”, com todos os seus preconceitos reprimidos e, a duras penas, escondidos, que viu em um candidato a Presidência da República essa possibilidade de extravasamento. Eis que ele tinha a possibilidade de escolher, como seu representante e líder máximo do país, alguém que podia ser e dizer tudo o que ele também pensa, mas que não pode expressar por ser um “cidadão comum”.

Agora esse “cidadão comum” tem voz. Ele de fato se sente representado pelo Presidente que ofende as mulheres, os homossexuais, os índios, os nordestinos. Ele tem a sensação de estar pessoalmente no poder quando vê o líder máximo da nação usar palavreado vulgar, frases mal formuladas, palavrões e ofensas para atacar quem pensa diferente. Ele se sente importante quando seu “mito” enaltece a ignorância, a falta de conhecimento, o senso comum e a violência verbal para difamar os cientistas, os professores, os artistas, os intelectuais, pois eles representam uma forma de ver o mundo que sua própria ignorância não permite compreender.

Esse cidadão se vê empoderado quando as lideranças políticas que ele elegeu negam os problemas ambientais, pois eles são anunciados por cientistas que ele próprio vê como inúteis e contrários às suas crenças religiosas. Sente um prazer profundo quando seu governante maior faz acusações moralistas contra desafetos, e quando prega a morte de “bandidos” e a destruição de todos os opositores.

Ao assistir o show de horrores diário produzido pelo “mito”, esse cidadão não é tocado pela aversão, pela vergonha alheia ou pela rejeição do que vê. Ao contrário, ele sente aflorar em si mesmo o Jair que vive dentro de cada um, que fala exatamente aquilo que ele próprio gostaria de dizer, que extravasa sua versão reprimida e escondida no submundo do seu eu mais profundo e mais verdadeiro.

O “brasileiro médio” não entende patavinas do sistema democrático e de como ele funciona, da independência e autonomia entre os poderes, da necessidade de isonomia do judiciário, da importância dos partidos políticos e do debate de ideias e projetos que é responsabilidade do Congresso Nacional. É essa ignorância política que lhe faz ter orgasmos quando o Presidente incentiva ataques ao Parlamento e ao STF, instâncias vistas pelo “cidadão comum” como lentas, burocráticas, corrompidas e desnecessárias. Destruí-las, portanto, em sua visão, não é ameaçar todo o sistema democrático, mas condição necessária para fazê-lo funcionar.

Esse brasileiro não vai pra rua para defender um governante lunático e medíocre; ele vai gritar para que sua própria mediocridade seja reconhecida e

valorizada, e para sentir-se acolhido por outros lunáticos e medíocres que formam um exército de fantoches cuja força dá sustentação ao governo que o representa.

O “brasileiro médio” gosta de hierarquia, ama a autoridade e a família patriarcal, condena a homossexualidade, vê mulheres, negros e índios como inferiores e menos capazes, tem nojo de pobre, embora seja incapaz de perceber que é tão pobre quanto os que condena. Vê a pobreza e o desemprego dos outros como falta de fibra moral, mas percebe a própria miséria e falta de dinheiro como culpa dos outros e falta de oportunidade. Exige do governo benefícios de toda ordem que a lei lhe assegura, mas acha absurdo quando outros, principalmente mais pobres, têm o mesmo benefício.

Poucas vezes na nossa história o povo brasileiro esteve tão bem representado por seus governantes. Por isso não basta perguntar como é possível que um Presidente da República consiga ser tão indigno do cargo e ainda assim manter o apoio incondicional de um terço da população. A questão a ser respondida é: como milhões de brasileiros mantêm vivos padrões tão altos de mediocridade, intolerância, preconceito e falta de senso crítico ao ponto de sentirem-se representados por tal governo? "

(Ivan Lago, Professor e Doutor em Sociologia Política)

O PERFIL CONSERVADOR DA POPULAÇÃO BRASILEIRA E O MODUS OPERANDI RUMO À EVOLUÇÃO CIVILIZATÓRIA (34)



César Cantu

30 de dez. de 2021
23:16 (há 9 horas)

Prezados (as),

Na atividade política, a população é o solo onde nasce a planta que gerará o fruto desejado. A população brasileira é conservadora e é a esse solo que a nossa planta, que gerará o nosso fruto, deverá ser ajustada. Caso contrário, não nascerá ou não frutificará. É possível mudar o solo? Sim, mas no longo prazo e essa é uma meta a ser atingida. Por enquanto, a planta certa para o solo disponível é a única alternativa.

□ Algumas evidências objetivas de que a população brasileira é conservadora:

<https://www.engdemocracia.com.br/post/o-perfil-conservador-da-popula%C3%A7%C3%A3o-brasileira-e-o-modus-operandi-rumo-%C3%A0-evolu%C3%A7%C3%A3o-civilizat%C3%B3ria>

BOLSONARISMO : Gramática e Literatura

<https://www.youtube.com/watch?v=xh0vOijyvmo>

O Jair que há em nós. Por Ivann Lago

https://racismoambiental.net.br/2020/12/03/o-jair-que-ha-em-nos-por-ivann-lago/?fbclid=IwAR0gMLvZ7mHPM48az1PHCDa53tr534tDkFxFxNrl6ZbvL7w_r67qjkFk-zoYg

3 de dezembro de 2020 Brasil - Ivann Carlos Lago

Raízes do atual governo

https://aterraeredonda.com.br/raizes-do-atual-governo/?doing_wp_cron=1635696874.6578669548034667968750

Por **LUIZ WERNECK VIANNA*** - 28/10/2021

O governo Bolsonaro nasce com o diagnóstico de que o país seria ingovernável com o sistema de direitos previsto na Carta de 1988

Filhos que somos das relações entre o latifúndio e a escravidão, noutras palavras do jacaré com cobra d'água, até que, cinco séculos depois, não fazemos má figura no concerto das nações civilizadas, embora sempre sob ameaça, em certos períodos mais que noutros, de ceder terreno à barbárie, como no tempo presente. Na hora da nossa fundação como sociedade independente mal ou bem conhecemos os valores e instituições do liberalismo político que tinham encontrado animação em movimentos como os da Inconfidência Mineira e o da Revolução pernambucana de 1817, entre tantos outros, que se vão fazer presentes na Assembleia Constituinte de 1823 cujo texto foi recusado pelo imperador que outorgou, em 1824, a nossa primeira Carta constitucional. Data daí com a introdução do Poder Moderador exercido pelo imperador, que trazia para si a soberania em detrimento da representação política, o batismo da nossa experiência com o autoritarismo político que em estado larvar seguirá presente em nossa história.

Malgrado essa grave limitação, sobretudo no segundo reinado, o ideário liberal persistirá como influente, atuando como o fermento revolucionário, nas palavras de Florestan Fernandes, nos processos de mudanças modernizadoras do país, mesmo em setores ligados à monarquia, como Joaquim Nabuco e

outros, especialmente nas lutas abolicionistas que darão ensejo à aparição da opinião pública como nova presença na política brasileira. Com o advento da república, que nasce sob a fachada liberal da Carta de 1891, emerge a questão social e novos personagens na cena política como empresários e a corporação militar, ao lado da influência crescente dos ideais positivistas com o seu cientificismo em matéria de organização social, particularmente entre os militares, que logo farão as vezes de um poder moderador na cena política.

A revolução de 1930 servirá como um marcador de uma história nova em que o liberalismo político perde lugar para as ideologias corporativistas, e, com a Carta de 1937 a uma concepção iliberal em política e refratária a partidos e, como tal, ao sistema da representação. O impulso para a modernização econômica se operou nesse quadro conceitual que se manteve nas décadas seguintes sob modalidades reformadas, com a admissão da vida parlamentar e dos partidos políticos, no processo de modernização do país.

Sob a vigência da Carta de 1946, que consagrava os princípios do liberalismo político, mais uma vez vingou a percepção de que eles atuavam como fermento da democratização brasileira ao facultar as demandas dos setores subalternos nas cidades e no campo, especialmente nesse último pela emergência das lutas por uma reforma agrária pondo em risco a coalizão conservadora que detinha sob controle significativas fontes do poder político. A percepção desse quadro, sentida como ameaça à sua reprodução por parte dessa coalizão, ao lado da imperícia na condução do governo Dilma, esteve na raiz da articulação da candidatura de Bolsonaro, um cavaleiro da fortuna, e das condições que o levaram à vitória eleitoral.

O governo Bolsonaro nasce com o diagnóstico de que o país seria ingovernável com o sistema de direitos previsto na Carta de 1988 que estariam obstando a acumulação capitalista, como, entre outras, na legislação protetora do meio ambiente e das relações trabalhistas, perfilando seus ministérios na tarefa de derruir o texto constitucional. Ao fundo, em sua cruzada contra a Constituição, investia contra os fundamentos do liberalismo político sobre os quais ela se assentava.

Conduzindo com ímpeto de missão a busca de destruição dos fundamentos democráticos da ordem política, tornou-se patente a intenção do governo Bolsonaro de se alinhar – em jeito pragmático, digamos assim – ao ideário fascista, indicada de modo inequívoco pela tentativa de se apresentar o chefe do Estado como entidade mítica e intérprete da vontade da nação, tal como nos idos do Estado Novo de 1937 Francisco Campos intentou apresentar Vargas à nação. Sem reboços, os ecos da pregação de Karl Schmitt, o jurista do 3º Reich da Alemanha nazista, se fizeram ouvir entre nós na profissão de fé do iliberalismo em política cultivada por Bolsonaro.

O preparo para o assalto à democracia, que mobilizou a rale obediente à vontade do seu chefe, deveria ter seu desfecho nas festividades cívicas de 7 de outubro, que, por razões ainda obscuras, resultou em fracasso e na rendição humilhante do seu autor em uma carta que redigiu. A dura provação por que passaram as instituições democráticas demonstrou sua capacidade de

resistência, implicando no resultado benévolo da admissão das eleições serem apuradas pelo voto eletrônico e na confirmação do calendário eleitoral, frustrando mais uma tentativa do arsenal golpista de Bolsonaro. Derrotado em suas pretensões de governante absolutista apoiado pelas falanges criadas por ele, restou-lhe a estratégia de se sustentar no Centrão e tentar se credenciar como um dos operadores na direção dessa massa pastosa que se orienta por interesses próprios que já estende suas vistas para a próxima sucessão presidencial.

Tudo contado, salvo os imprevistos próprios a uma sociedade desarticulada como a nossa, pode-se dizer que se retorna ao leito natural do liberalismo político, manco que seja como é do feitio da nossa tradição política. O desenlace desse transe político que vive o país deverá ser o da próxima sucessão presidencial, no radar de todos, inclusive no das elites conservadoras, que já se mobilizam para ela.

Mal saída de uma cruel epidemia, a sociedade e suas agências de ação conhecerão agora a sua hora e a sua vez, a começar pela proposta de uma agenda econômica que se empenhe na retomada do desenvolvimento do país, orientada para a criação de empregos numa perspectiva de inclusão social e de defesa do meio ambiente, em favor de um amplo movimento na opinião pública pela punição dos responsáveis pelos crimes cometidos, na forma do que se apurou na CPI do Senado, no enfrentamento da pandemia que ceifou a vida de mais de 600 mil brasileiros, e pela imposição de uma política tão ampla quanto possível no sentido da apresentação de uma candidatura ao mandato presidencial comprometida com a democracia e com os ideais civilizatórios.

Ao alcance das nossas mãos, pela via eleitoral ou em caminho mais curto, se for o caso, está chegando a hora de sairmos desse pesadelo com que o mundo começará outra vez.

**Luiz Werneck Vianna é professor do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Autor, entre outros livros, de A revolução passiva. Iberismo e americanismo no Brasil (Revan).*

Publicado originalmente no portal [IHU Online](#).

O Jair que há em nós. Por Ivann Lago

https://racismoambiental.net.br/2020/12/03/o-jair-que-ha-em-nos-por-ivann-lago/?fbclid=IwAR0gMLvZ7mHPM48az1PHCDa53tr534tDkFxFxNrL6ZbvL7w_r67qjkFk-zoYg

3 de dezembro de 2020 [Brasil](#) - Ivann Carlos Lago



O Brasil levará décadas para compreender o que aconteceu naquele nebuloso ano de 2018, quando seus eleitores escolheram, para presidir o país, Jair Bolsonaro. Ex-integrante do Exército onde respondeu processo administrativo sob acusação de organização de ato terrorista; deputado de sete mandatos conhecido não pelos dois projetos de lei que conseguiu aprovar em 28 anos, mas pelas maquinações do submundo que incluem denúncias de “rachadinha”, contratação de parentes e envolvimento com milícias; ganhador do troféu de campeão nacional da escatologia, da falta de educação e das ofensas de todos os matizes de preconceito que se pode listar.

Embora seu discurso seja de negação da “velha política”, Bolsonaro, na verdade, representa não sua negação, mas o que há de pior nela. Ele é a materialização do lado mais nefasto, mais autoritário e mais inescrupuloso do sistema político brasileiro. Mas – e esse é o ponto que quero discutir hoje – ele está longe de ser algo surgido do nada ou brotado do chão pisoteado pela negação da política, alimentada nos anos que antecederam as eleições.

Pelo contrário, como pesquisador das relações entre cultura e comportamento político, estou cada vez mais convencido de que Bolsonaro é uma expressão bastante fiel do brasileiro médio, um retrato do modo de pensar o mundo, a sociedade e a política que caracteriza o típico cidadão do nosso país.

Quando me refiro ao “brasileiro médio”, obviamente não estou tratando da imagem romantizada pela mídia e pelo imaginário popular, do brasileiro receptivo, criativo, solidário, divertido e “malandro”. Refiro-me à sua versão mais obscura e, infelizmente, mais realista segundo o que minhas pesquisas e minha experiência têm demonstrado.

No “mundo real” o brasileiro é preconceituoso, violento, analfabeto (nas letras, na política, na ciência... em quase tudo). É racista, machista, autoritário, interesseiro, moralista, cínico, fofoqueiro, desonesto.

Os avanços civilizatórios que o mundo viveu, especialmente a partir da segunda metade do século XX, inevitavelmente chegaram ao país. Se materializaram em legislações, em políticas públicas (de inclusão, de combate ao racismo e ao machismo, de criminalização do preconceito), em diretrizes educacionais para escolas e universidades. Mas, quando se trata de valores arraigados, é preciso muito mais para mudar padrões culturais de comportamento.

O machismo foi tornado crime, o que lhe reduz as manifestações públicas e abertas. Mas ele sobrevive no imaginário da população, no cotidiano da vida privada, nas relações afetivas e nos ambientes de trabalho, nas redes sociais, nos grupos de *whatsapp*, nas piadas diárias, nos comentários entre os amigos “de confiança”, nos pequenos grupos onde há certa garantia de que ninguém irá denunciá-lo.

O mesmo ocorre com o racismo, com o preconceito em relação aos pobres, aos nordestinos, aos homossexuais. Proibido de se manifestar, ele sobrevive internalizado, reprimido não por convicção decorrente de mudança cultural, mas por medo do flagrante que pode levar a punição. É por isso que o politicamente correto, por aqui, nunca foi expressão de conscientização, mas algo mal visto por “tolher a naturalidade do cotidiano”.

Se houve avanços – e eles são, sim, reais – nas relações de gênero, na inclusão de negros e homossexuais, foi menos por superação cultural do preconceito do que pela pressão exercida pelos instrumentos jurídicos e policiais.

Mas, como sempre ocorre quando um sentimento humano é reprimido, ele é armazenado de algum modo. Ele se acumula, infla e, um dia, encontrará um modo de extravasar. Como aquele desejo do menino piromaníaco que era obcecado pelo fogo e pela ideia de queimar tudo a sua volta, reprimido pelo controle dos pais e da sociedade. Reprimido por anos, um dia ele se manifesta num projeto profissional que faz do homem adulto um bombeiro, permitindo-lhe estar perto do fogo de uma forma socialmente aceitável.

Foi algo parecido que aconteceu com o “brasileiro médio”, com todos os seus preconceitos reprimidos e, a duras penas, escondidos, que viu em um candidato a Presidência da República essa possibilidade de extravasamento. Eis que ele tinha a possibilidade de escolher, como seu representante e líder máximo do país, alguém que podia ser e dizer tudo o que ele também pensa, mas que não pode expressar por ser um “cidadão comum”.

Agora esse “cidadão comum” tem voz. Ele de fato se sente representado pelo Presidente que ofende as mulheres, os homossexuais, os índios, os nordestinos. Ele tem a sensação de estar pessoalmente no poder quando vê o líder máximo da nação usar palavreado vulgar, frases mal formuladas, palavrões e ofensas para atacar quem pensa diferente. Ele se sente importante quando seu “mito” enaltece a ignorância, a falta de conhecimento, o senso comum e a violência verbal para difamar os cientistas, os professores, os artistas, os intelectuais, pois eles representam uma forma de ver o mundo que sua própria ignorância não permite compreender.

Esse cidadão se vê empoderado quando as lideranças políticas que ele elegeu negam os problemas ambientais, pois eles são anunciados por cientistas que ele próprio vê como inúteis e contrários às suas crenças religiosas. Sente um prazer profundo quando seu governante maior faz acusações moralistas contra desafetos, e quando prega a morte de “bandidos” e a destruição de todos os opositores.

Ao assistir o show de horrores diário produzido pelo “mito”, esse cidadão não é tocado pela aversão, pela vergonha alheia ou pela rejeição do que vê. Ao

contrário, ele sente aflorar em si mesmo o Jair que vive dentro de cada um, que fala exatamente aquilo que ele próprio gostaria de dizer, que extravasa sua versão reprimida e escondida no submundo do seu eu mais profundo e mais verdadeiro.

O “brasileiro médio” não entende patavinas do sistema democrático e de como ele funciona, da independência e autonomia entre os poderes, da necessidade de isonomia do judiciário, da importância dos partidos políticos e do debate de ideias e projetos que é responsabilidade do Congresso Nacional. É essa ignorância política que lhe faz ter orgasmos quando o Presidente incentiva ataques ao Parlamento e ao STF, instâncias vistas pelo “cidadão comum” como lentas, burocráticas, corrompidas e desnecessárias. Destruí-las, portanto, em sua visão, não é ameaçar todo o sistema democrático, mas condição necessária para fazê-lo funcionar.

Esse brasileiro não vai pra rua para defender um governante lunático e medíocre; ele vai gritar para que sua própria mediocridade seja reconhecida e valorizada, e para sentir-se acolhido por outros lunáticos e medíocres que formam um exército de fantoches cuja força dá sustentação ao governo que o representa.

O “brasileiro médio” gosta de hierarquia, ama a autoridade e a família patriarcal, condena a homossexualidade, vê mulheres, negros e índios como inferiores e menos capazes, tem nojo de pobre, embora seja incapaz de perceber que é tão pobre quanto os que condena. Vê a pobreza e o desemprego dos outros como falta de fibra moral, mas percebe a própria miséria e falta de dinheiro como culpa dos outros e falta de oportunidade. Exige do governo benefícios de toda ordem que a lei lhe assegura, mas acha absurdo quando outros, principalmente mais pobres, têm o mesmo benefício.

Poucas vezes na nossa história o povo brasileiro esteve tão bem representado por seus governantes. Por isso não basta perguntar como é possível que um Presidente da República consiga ser tão indigno do cargo e ainda assim manter o apoio incondicional de um terço da população. A questão a ser respondida é como milhões de brasileiros mantêm vivos padrões tão altos de mediocridade, intolerância, preconceito e falta de senso crítico ao ponto de sentirem-se representados por tal governo.

—

Ivann Carlos Lago é sociólogo, mestre e doutor em Sociologia Política. É professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo (RS). Atua nas áreas de Teoria Política, Instituições Políticas e Regimes de Governo, Cultura e Comportamento Político, Partidos e Eleições. É professor permanente do Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas da UFFS.

O texto é de 28 de fevereiro de 2020, mas infelizmente só hoje cheguei a ele, enviado por Isabel Carmi Trajber, a quem agradeço. E – também infelizmente – ele continua lamentavelmente atual. (Tania Pacheco)

Destaque: Hieronymus Bosch – detalhe de O Juízo Final

Eliane Brum: Como funciona o golpe de Bolsonaro

14 OCT 2021 - 16:53ACT.: 14 OCT 2021 - 16:56 BRT

No princípio era o verbo. A frase que abre o primeiro capítulo do Evangelho de João e remete à criação do mundo, assim como também faz o Gênesis, é a mais famosa da [Bíblia](#). A ideia de que o mundo é criado pela palavra, porém, é tão estruturante que está presente em outras religiões, para muito além das fundadas no [cristianismo](#). Como humanos, a linguagem é o mundo que habitamos. Basta tentar imaginar um mundo em que não podemos usar palavras para dizer de nós e dos outros para compreender o que isso significa. Ou um mundo em que aquilo que você diz não é entendido pelo outro, e o que o outro diz não é entendido por você, para alcançar o que é ser reduzido a sons porque [as palavras perderam seu significado e, portanto, se tornaram fantasmagorias](#). Quando uso a palavra “dizer” não significa apenas falar, porque a gente se diz com palavras, de várias maneiras para além da fala. Mais ainda do que o mundo que habitamos, a palavra é o que nos tece. Aquilo que chamamos mundo é uma trama de palavras.

O que acontece então quando a palavra é destruída e, com ela, a [linguagem](#)?

Essa é a experiência do [bolsonarismo](#), nome dado no Brasil a um fenômeno que se dissemina no planeta, ganhando em outros países nomes de outros déspotas. Os personagens que emprestam nomes locais ao fenômeno são importantes e, em cada país, há particularidades. Mas o fenômeno precede aqueles que o encarnam e, infelizmente, irá além deles. É neste contexto que busco interpretar o Nobel da Paz dado a dois jornalistas que lutam pela busca da verdade contra ditadores eleitos [que têm na destruição da palavra seu principal meio para alcançar e se perpetuar no poder](#).

A filipina Maria Ressa está proibida de sair de seu país, já foi presa duas vezes e pagou fiança outras sete por combater com jornalismo o governo de [Rodrigo Duterte](#). Ela é editora do site de reportagem investigativa Rappler. O russo Dmitri Muratov dirige o jornal Novaia Gazeta, que ousa confrontar com fatos o regime de Vladimir Putin. Desde 2001, seis repórteres do jornal foram assassinados. A escolha de dar o Nobel a esses dois jornalistas que são símbolos da resistência contra a opressão em seus países é uma declaração da importância da imprensa para a democracia. O Nobel, prêmio que destaca aqueles que colaboraram para o bem comum, representa o conceito de humanidade consolidado ao longo do século 20. Como bem comum e democracia se tornaram uma espécie de irmãos siameses no mundo do pós-guerra, um prêmio a jornalistas no Nobel da Paz faz todo sentido. Mas em que momento chega esse prêmio à imprensa, na conturbada terceira década do século 21?

A justiça da premiação a esses dois jornalistas é inegável. A escolha de valorizar a imprensa como [pilar da democracia](#) e, assim, valorizar a busca das verdades, assim mesmo no plural, e a importância dos fatos, num momento em que um e outro estão corroídos, também. A questão é: quem escuta?

Se jornalistas são atacados e desqualificados, se outros são presos e outros ainda executados é porque a imprensa ainda tem impacto sobre a sociedade. Suspeito, porém, que estamos chegando, pelo menos no Brasil, a um momento ainda mais grave. Para uma parte da população, a imprensa já não importa em nada. Todas as iniciativas de expor a mentira das chamadas [fake news](#), entre elas as agências de checagem, são muito importantes. Mas são muito importantes apenas —ou pelo menos principalmente— para aqueles que respeitam os fatos e já sabem que aquelas notícias são falsas. Para todos os outros, já houve uma decisão prévia de que tudo o que a imprensa publica é falso. Esta é a razão pela qual em golpes como o de Jair Bolsonaro não é necessário censura, como aconteceu em ditaduras passadas, já que para essa parcela da população nada que seja estampado nas manchetes dos jornais vai colar.

Isso não significa que os jornalistas deixarão de correr riscos. Como o governo Bolsonaro mostrou, os ataques são necessários para manter o apartheid político ativo. Se forem contra jornalistas mulheres, melhor ainda, na medida em que a [misoginia](#) e o machismo rendem votos para Bolsonaro. É importante que a base de seguidores seja mantida em estado de ódio constante e seja lembrada, também de forma constante, que a imprensa “só diz mentiras”. A estratégia torna mais fácil fabricar “fatos alternativos” como se verdade fossem. “Fatos alternativos” são impossibilidades lógicas. São também mentiras facilmente desmontáveis, como as agências de checagem demonstram toda vez. Mas, se uma parte da população não lê nem vê nem escuta, de que adianta?

O que está em jogo é algo mais profundo: uma mudança na forma de apreensão da realidade, que confronta os pilares que forjaram a imprensa e o funcionamento da sociedade moderna. Por uma série de razões, o verbo que progressivamente passou a mediar uma parcela significativa das pessoas na sua relação com a realidade é “acreditar”. Não mais os verbos iluministas do duvidar, investigar, testar, confrontar, comparar etc. Mas acreditar. É uma mediação religiosa da realidade, determinada pela [fé](#). A crença se antecipa aos fatos, e assim os fatos já não importam. É como se as pessoas passassem a ler a realidade da mesma forma que leem a Bíblia. Esta é a razão que determina a crise da imprensa, da ciência e de outros fundamentos que constituíram a modernidade, baseados na investigação e no questionamento constante, para os quais a dúvida é que move o processo de apreensão da realidade e de construção do conhecimento sobre o mundo.

É claro que essa mudança tem relação com o crescimento de um determinado tipo de religião, no Brasil marcadamente a expansão do [neopentecostalismo](#) de mercado, através de denominações religiosas produzidas por essa fase ainda mais predatória do capitalismo. Na minha interpretação, porém, a mediação da realidade pela fé é (não só, mas) principalmente sintoma da transfiguração do planeta pela crise climática. Ainda que a maioria das pessoas não seja capaz de nomear os impactos dessa monumental mudança em suas vidas, todos estão sentindo que o mundo que conhecem se desfaz debaixo dos pés. Mesmo

para aqueles que a vida cotidiana sempre foi muito dura, a dureza desconhecida é ainda mais brutal do que a conhecida. No desamparo, em que também as instituições se desfazem, resta crer. E resta crer mesmo para aqueles não religiosos, no sentido estrito. E resta crer não apenas numa religião, mas em uma realidade que, se não é real no sentido de corresponder aos fatos, se torna real para quem nela acredita. Nesta proposição, a mediação da realidade pela crença seria uma adaptação à emergência climática que, em vez de enfrentá-la, a agrava.

Como já escrevi mais de uma vez, os ditadores eleitos que alcançaram o poder pelo voto a partir da segunda década do século são vendedores de passados que nunca existiram porque não têm futuro para oferecer, já que as forças que representam são as principais responsáveis pela alteração do clima e da morfologia do planeta. No caso de Jair Bolsonaro, principalmente os setores do agronegócio predatório e da mineração. A aliança alcançada no bolsonarismo entre [agronegócio](#), mineração, corporações transnacionais de agrotóxicos e produtos ultraprocessados e grandes pastores do neopentecostalismo de mercado não é um acaso. Em comum, essas forças buscam seguir avançando sobre a natureza e lucrando num momento em que são confrontadas pela corrosão do planeta. No Brasil, especialmente pela destruição da Amazônia, que pode chegar ao ponto de não retorno nos próximos anos. Mas também a destruição persistente de outros biomas e de seus povos, como o Cerrado e o Pantanal.

Só a mediação da realidade pela crença pode garantir a continuidade da exploração e do lucro pelas grandes corporações capitalistas num momento em que o planeta supera a capacidade devido a suas ações. É por isso que parte dos executivos de corporações transnacionais toleram a companhia pouco refinada dos pastores de mercado e principalmente de uma criatura tosca como Jair Messias Bolsonaro, que tem levado a crença como ativo político ao paroxismo. A palavra “seguidores”, tomada emprestada das seitas e religiões pelas redes sociais, tornou-se sinalizadora de [um fenômeno na política em que mesmo os ateus se comportam como crentes](#). Pela tomada da política pela mediação religiosa, ironicamente a mais famosa frase bíblica foi traída. No princípio era o verbo. Mas então o verbo passa a ser sistematicamente destruído como projeto de poder.

Nessa fase, portanto, ainda é necessário bater na imprensa e trabalhar para a [desqualificação de jornalistas](#). Talvez numa segunda fase já não será mais preciso, na medida em que a imprensa poderá seguir importante, mas apenas para uma bolha, e com dificuldades cada vez maiores para penetrar em universos além dela. Este é hoje o grande desafio do jornalismo e do mundo que produziu a imprensa como a conhecemos.

As próximas eleições quase certamente ampliarão o fosso no mundo dos humanos. A ótima reportagem sobre o avanço do Telegram entre a extrema direita global, [publicada no jornal O Globo](#), aponta a estratégia em acelerada execução. Sem representação legal no país nem moderação de conteúdo, o

Telegram não respondeu às tentativas de contato da Justiça brasileira. Com grupos para até 200 mil pessoas e canais com capacidade ilimitada de inscritos, o Telegram é o mundo perfeito para a propaganda em massa sem a necessidade de atender à legislação dos países. Subverte, em nome da “liberdade de expressão”, o próprio conceito de liberdade de expressão, em que limites precisam ser respeitados para que o crime não se imponha. No Telegram, por exemplo, circulam livremente vídeos com pornografia infantil, assim como armas são comercializadas sem nenhuma normatização e fiscalização.

A partir das denúncias do uso ilegal do [WhatsApp na campanha de Bolsonaro](#), em 2018, o aplicativo de mensagens de Mark Zuckerberg tomou algumas medidas para impedir ou pelo menos controlar minimamente a disseminação de fake news para uso eleitoral. Como alternativa para a eleição de 2022, Bolsonaro passou a apostar então no Telegram: na semana passada, seu canal no aplicativo bateu a marca de 1 milhão de seguidores. Fundado em 2013 na Rússia pelos irmãos Nikolai e Pavel Durov, com sede em Dubai, nos últimos anos o Telegram teria mudado de jurisdição várias vezes para escapar de qualquer regulação. Os auxiliares de Bolsonaro hoje trabalham arduamente para construir na plataforma uma base de crentes políticos capazes de levá-lo à reeleição. Donald Trump, por sua vez, depois da criminosa invasão do Capitólio, foi banido das redes sociais Twitter e Facebook, por meio das quais propagava suas mentiras e insuflava seus seguidores. Seu ex-conselheiro, Jason Miller, lançou então neste ano uma nova rede social, a Gettr. Em setembro, Miller foi recebido por Bolsonaro no Palácio do Alvorada.

É na internet que está sendo forjada uma realidade sem lastro nos fatos. Neste ato em processo, os pilares do mundo que conhecíamos são corroídos. Entre eles, a imprensa, a ciência e a democracia. É importante fazer a ressalva de que obviamente não vivíamos num mundo maravilhoso que foi corrompido por homens do mal. A democracia nunca chegou para todos. É notório que grande parte da população brasileira viveu na [arbitrariedade das forças policiais](#) mesmo após a redemocratização do país e também sem acesso a direitos básicos. O mesmo vale para outros países, inclusive para as parcelas pobres de países considerados ricos, como o brutalmente desigual Estados Unidos.

No Brasil, a imprensa —branca, majoritariamente liberal, liderada preferencialmente por homens e com posições ocupadas pelos filhos da classe média que puderam chegar à universidade e, mais recentemente, aos MBAs nos Estados Unidos e na Europa— nunca representou a diversidade da sociedade brasileira, deixando largas camadas fora dela e dando diferentes valores à vida humana. Basta ver o espaço dado à morte dos ricos (e brancos) e à dos pobres (e pretos), à vida dos ricos (e brancos) e à dos pobres (e pretos). Só recentemente, por pressão externa, a imprensa tem aberto espaço aos negros, maioria da população, e começado a se abrir para a [diversidade de gênero](#). Vale dizer ainda que, disposta a defender seus lucros e interesses, no Brasil as principais famílias que dominam a mídia impediram o avanço do

debate da regulamentação da imprensa como se fosse um atentado à liberdade de expressão e, assim, uma grande parte das concessões públicas de TV é usada (e abusada) pela mais nefasta doutrinação religiosa disseminadora de teorias conspiratórias e anticientíficas.

A ciência tampouco escapa de um olhar crítico. É responsável direta pela [emergência climática](#), processo de alteração do clima e da morfologia do planeta iniciado na Revolução Industrial e acelerado no século 20. Sem contar que fez muitas promessas que não foi capaz de cumprir —e ainda faz. Em países como o Brasil, em que a educação é uma tragédia jamais enfrentada com o investimento necessário, a maior parte da população não é capaz de compreender a ciência que impacta a sua vida e jamais houve preocupação suficiente de seus agentes para mudar esse estado geral de ignorância por falta de acesso à informação científica inteligível.

Isso não significa, porém, que a democracia, a imprensa e a ciência sejam menos do que essenciais para a criação de um futuro em que possamos viver. Com todas as suas falhas, omissões e exclusões, esses três pilares conectados são parte do melhor que a humanidade produziu. É (também) com muita ciência, obrigatoriamente contando com o conhecimento ancestral de povos-natureza, como os indígenas, que temos alguma chance de enfrentar o superaquecimento global e a monumental perda de [biodiversidade](#). É também dentro da própria imprensa que têm surgido as melhores críticas à imprensa. A melhor forma de enfrentar os problemas da imprensa é com jornalismo da melhor qualidade, feito com rigor e honestidade. Ampliar a democracia é também o melhor caminho disponível para enfrentar sua crise. E, num momento de ecocídios em curso, é preciso ampliá-la também para outras espécies.

Durante séculos, em diferentes sociedades e línguas, é importante lembrar, a linguagem serviu —e ainda serve— para manter privilégios de grupos de poder e deixar todos os outros de fora. Quem entende linguagem de advogados, juízes e promotores, linguagem de médicos, linguagem de burocratas, linguagem de cientistas? A maior parte da população foi submetida à violência de propositalmente ser impedida de compreender a linguagem daqueles que determinam seus destinos. E então surgem criaturas [como Jair Bolsonaro e outros que falam na língua que são capazes de entender](#). E mentem na língua que entendem. E dizem que é ótimo não entender nada sobre quase tudo. Parte da população decide, como reação, dar a pior resposta à sua exclusão fazendo e exercendo a exaltação da ignorância. Criam sua própria bolha de linguagem e passam a excluir todos os outros. É estúpido, mas é uma reação. Afinal, por séculos poucos se importaram que grandes parcelas das populações do planeta ficassem de fora da linguagem em que suas vidas eram decididas.

Ressalvas feitas, o momento é brutal. É na brutalidade do que vivemos que o [Nobel da Paz dado a dois jornalistas](#) pode ser interpretado como o grito desesperado de quem assiste a pilares como a imprensa desabarem. Não

porque a imprensa deixará de existir, mas porque poderá ter impacto apenas sobre uma parte da população —o que é diferente do passado recente, em que também era feita e controlada por uma minoria, mas tinha impacto sobre o conjunto da sociedade. Trata-se em parte de uma reorganização dos espaços de poder, mas feita da pior maneira possível e, em grande medida, falsa, já que corrói a possibilidade de qualquer transformação real. Ao final, os principais beneficiados são minoritários e os mesmos de sempre, razão pela qual Bolsonaro continua no poder apesar de todos os seus crimes. Em um mundo em transtorno climático, as grandes corporações decidiram sacrificar parte de seus aliados históricos para manter um sistema que colocou a espécie diante da possibilidade de extinção.

Esse é o abismo do qual nos aproximamos. Estamos à beira de algo com a magnitude do rompimento da linguagem que une os humanos, para além das diferenças de língua: uma parcela da população global aderindo a uma realidade falsificada, mas que, pela adesão, passa a se tornar real. Tudo indica que as eleições de 2022, no Brasil, serão o laboratório de ensaio dessa [nova fase da crise da palavra](#), para muito além do que se entende por polarização. Ao romper a linguagem com a qual é possível se encontrar, aquela que compartilha de uma base de significados de consenso baseado em evidências, sejam elas objetivas ou subjetivas, estamos diante de um fenômeno inédito. Num planeta em colapso climático, em que mais do que nunca é necessária uma linguagem comum para determinar o comum pelo qual lutar, a humanidade parece se dividir em duas gigantescas bolhas impermeáveis uma a outra.

Lutar pelo futuro é lutar no presente para que as palavras voltem a encarnar, permitindo uma linguagem comum. Não como antes, mas uma em que realmente caibam todas as gentes e suas diferenças, tornando o debate das ideias possível para a criação de conhecimento e de ação baseada em conhecimento. O que tínhamos não era justo e nos trouxe até esse momento limite. Para seguirmos existindo, teremos que ser melhores do que fomos e criar uma sociedade capaz de [viver em paz](#) com todas as forças de vida do planeta. Se o princípio é o verbo, o fim pode ser o silenciamento. Mesmo que ele seja cheio de gritos entre aqueles que já não têm linguagem comum para compreender uns aos outros.

Eliane Brum é escritora, repórter e documentarista. Autora de oito livros, entre eles *Brasil, Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro* (Arquipélago) e *Banzeiro òkòtó, Uma Viagem à Amazônia Centro do Mundo* (Companhia das Letras).
Site: elianebrum.com Email: elianebrum.coluna@gmail.com Twitter, Instagram e Facebook: [@brumelianebrum](https://www.instagram.com/brumelianebrum)

A direita abriu o jogo: o quererismo está na mesa

Confesso, com o estômago embrulhado, que nunca me senti tão mal reconhecendo erros meus quanto, agora, ao reconhecer meu acerto. No dia 20 de maio, em artigo publicado pelo GGN, comentei a subestimação midiática dos atos contra o governo, ocorridos na véspera: “Enquanto o povo vai às ruas, as elites se recolhem, planejando seus lances, e começam, tudo indica, a examinar a hipótese QUEREMISTA: Pós-Bolsonaro com Bolsonaro. Não duvidem, meus amigos, minhas amigas: o ardor moralista desses vetustos patriotas é tão volúvel quanto são elásticos seus elevadíssimos valores.” Neste domingo, dia 19 de setembro, o editorial de O Globo não deixa mais dúvidas de que a maior rede de comunicação do país está de braços abertos, pronta para acolher a candidatura Bolsonaro, disposta a apoiar um segundo mandato, se ele prometer ser um bom menino, daqui em diante: “Faria bem Bolsonaro se decidisse, inspirado na carta escrita com o ex-presidente Michel Temer, dar meia-volta também nos temas ligados ao meio ambiente e direitos humanos. Se conseguir mostrar ao mundo seu lado “Jair Peace and Love”, talvez começasse a reverter os danos que seu governo causou ao país na cena internacional. É improvável que convencesse a todos, mas seria, pelo menos, um começo.” (OGlobo, editorial).

Está ficando claro pela sequência de pesquisas que uma candidatura viável não se inventa e que a única opção minimamente competitiva à direita contra Lula será mesmo o garimpeiro genocida do Planalto. No jantar em São Paulo, homenageando a intervenção de Temer que devolveu o impeachment à estaca zero, os digníssimos comensais confundiram terceira via com terceira idade. A ceia dos barões cavilosos que riem está condenada a varar noites e dias. Sem sabê-lo, protagonizaram o ágape em looping de Buñel: O Anjo Exterminador. Se procuravam o tertius, beberão para sempre, o banquete não terá fim.

Compreendendo tudo isso e pragmáticos como são, porta-vozes da elite já ensaiam o desembarque do desembarque do bolsonarismo e começam a preparar o recuo do recuo, sugerindo que talvez o fascista não seja tão ruim assim, talvez os militares a seu lado só queiram o bem da pátria, talvez tudo não passe de um mal-entendido, nada que não possa ser esquecido e superado em nome do futuro do país. Nada que um brinde em torno da mesa de brancos bilionários não dilua, nada que um bom vinho não torne palatável. Esse movimento lança pontes sobre o abismo (a tal pinguela para o futuro) e acena para Bolsonaro, como que a sussurrar em seus ouvidos: respeite a austeridade fiscal, cultue o teto de gastos, mantenha a agenda neoliberal selvagem, preserve a lealdade subalterna ao imperialismo e venha conosco, que o sangue a gente limpa. Consulte um coach de boas maneiras, passe a comer com garfo e faca, não limpe o nariz no guardanapo, que, do resto a gente cuida. Diga na ONU alguma coisa que justifique nossa mudança, para que a possamos atribuir à sua elogiável metamorfose, e nos permita levar adiante o projeto queremista. O próximo passo seria centrar fogo em Lula,

mostrar que sua eventual eleição significaria um desastre econômico: o país cairia prostrado na estagflação, haveria desemprego e aumento da miséria. Já imaginaram um futuro assim ameaçador? Creiam: não há limites para o cinismo, quando se trata de manter privilégios de classe e a alma já foi negociada há décadas, na era em que as virtudes estavam em alta no mercado de pecados capitais.

VOCÊ BANCA BOLSONARO E NÃO CHIA

Ruy Castro

Não olhe agora, mas Jair Bolsonaro, como se não bastasse, vive às custas de você desde 1973. Foi quando, aos 18 anos, ele entrou para o Exército e, como todo soldado, passou a ganhar o soldo que sustenta os militares, extraído dos nossos impostos. Enxotado da força em 1988, transferiu-se para o outro lado da vida mansa, a política. Elegeu-se vereador em 1989 e deputado federal em 1991, ambos pelo Rio, e, durante 30 anos de mamata —nunca tapou um buraco ou aprovou um projeto—, construiu notável patrimônio imobiliário.

E não apenas com seu salário e infinitos benefícios parlamentares —um deles, apartamento pago em Brasília, que ele nunca dispensou mesmo tendo imóveis lá, e que usou para “comer gente” (mulheres, presume-se). Onde você pagou por cada bimba que Bolsonaro levou para a cama no período. Não contente, Bolsonaro elegeu três filhos para eternizar a quadrilha e, entre ex-mulheres, vigaristas e laranjas, todos parentes entre si, empregou 102 pessoas, de quem, dizem, ele e os seus extorquiam 80% do salário. Dinheiro este igualmente drenado dos impostos que você deixou na fonte.

Presidente desde 2019, Bolsonaro usa todos os dias de seu mandato para nunca mais passar a faixa, e tudo pago por você. Ponha nisso a compra de políticos, PMs e juizes e as já quase mil viagens de campanha pelo país, o que exige o deslocamento da equipe que prepara sua chegada e estadia, comitiva pessoal, convidados e, por baixo, cem seguranças (aqueles sujeitos de terno mal cortado e óculos escuros, olhando para os lados, que se veem ao seu redor). Você paga por tudo isso e não chia. Paga também pela gasolina que alimenta os aviões, motos e lanchas que ele cavalga.

Ciente de que não se reelegerá, Bolsonaro precisa agora de um golpe —cujas tentativas é você também quem banca.

Um dia, Bolsonaro será preso e terá sua cadeia igualmente custeada por nós. Aí, sim.

O GOLPISTA ENCALACRADO

O homem está do tamanho do capitão e do sargento do Riocentro

FERNANDO DE BARROS E SILVA

<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-golpista-encalacrado/?fbclid=IwAR3UTqQ8eleVck5YZRXtHjHkJVTgq67sSDn90jZsliwzTbf-JpSejpi0cZk>

CREDITO: LÉZIO JUNIOR_2021

Jair Bolsonaro é hoje muito menos candidato à reeleição presidencial do que candidato a golpista. As duas personas obviamente se confundem, mas à medida que o caminho até as urnas (eletrônicas) se torna mais difícil, a fantasia da ruptura da ordem democrática ganha espaço na retórica, nas ações e nos cálculos do presidente, essencialmente um arruaceiro.

A corrosão da institucionalidade que ele promove começa pela linguagem – Bolsonaro faz a política do “E daí?”. Não tem partido, não costura alianças estaduais, não discute ideias, não constrói nem articula nada. Entregou ao Centrão uma fatia gorda do poder, assinando um contrato em branco com a única finalidade de se ver livre da ameaça do impeachment. O valor do aluguel que paga a Arthur Lira e seus bravos rapazes da corretagem parlamentar apenas para continuar frequentando o Palácio do Planalto é cada vez mais abusivo. E daí? O que realmente não tem preço para o Messias que não faz milagres é estar na companhia de seus três “emes”: militares, milicianos e motoqueiros. O resto? Todo mundo vai morrer um dia. E daí?

A pouco mais de um ano da eleição, Bolsonaro deixou de ser um candidato competitivo. Isso ainda pode mudar, mas a dúvida que se coloca neste momento diz respeito à sua viabilidade como golpista. Que forças sociais e políticas, quais interesses econômicos dariam sustentação ao delírio bananeiro que ele vislumbra? Em outras palavras, será Bolsonaro um golpista competitivo?

Se reunisse condições para ir às últimas consequências, o presidente não se contentaria com o inédito pedido de impeachment que enviou ao Senado contra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Ele simplesmente invadiria o STF dirigindo aquele tanque movido à fumaça de óleo diesel. Levaria a tiracolo Sérgio Reis e seu berrante, além de Roberto Jefferson, o pistoleiro-canastrão, empunhando numa das mãos um fuzil e na outra um taco de beisebol verde e amarelo. Depois de destituir os onze ministros do Supremo, Bolsonaro mandaria destruir a estátua da Justiça, na praça em frente ao tribunal, para colocar no lugar uma daquelas réplicas em miniatura da Estátua da Liberdade, como as que enfeitam as lojas Havan. Seria a substituição da utopia modernista pelo kitsch distópico – uma metáfora da promessa de felicidade, que um dia a capital encarnou, sendo devorada pela ferocidade do país real. Nem tudo é como a gente quer.

Com a Câmara dos Deputados no bolso e o Senado presidido por uma figura de temperamento pusilânime, que oscila entre a omissão imperturbável e as convocações protocolares ao entendimento universal, é o Poder Judiciário que tem barrado a sanha assassina do presidente. Foi por determinação de Luís Roberto Barroso que Rodrigo Pacheco cumpriu a lei e mandou instalar a CPI da Covid. Foi também Barroso quem assumiu, como presidente do Tribunal Superior Eleitoral, a liderança da defesa intransigente do sistema eletrônico de votação.

Se dependesse de Augusto Aras, refestelado no topo da cadeia alimentar do Ministério Público, as redes bolsonaristas de propagação de notícias falsas e incitação ao crime estariam funcionando livremente. E daí? Só não estão

porque Alexandre de Moraes atropelou a desídia do procurador-geral da República e decidiu enfrentar as milícias digitais que operam com conexões, já documentadas, dentro do Palácio do Planalto.

Ao forçar a mão no enfrentamento com os ministros do STF, Bolsonaro toma um caminho sem volta. Está determinado a deslegitimar a cúpula do Judiciário e a lisura do processo eleitoral até o fim. Na sua fabulação, além da urna eletrônica, agora também o ministro que presidirá o TSE no período eleitoral não é confiável. Mas há algo mais imediatista nessa estratégia. Ao apontar suas armas contra o Judiciário num ambiente crispado como o atual, Bolsonaro dá a seus seguidores, entre os quais muitos policiais, uma espécie de senha para precipitar confrontos nas ruas. A superposição das crises institucional e social é tudo o que ele quer. Criar o caos e posar de vítima para em seguida se oferecer como fiador da ordem.

Bolsonaro age exatamente como faziam os órfãos da linha dura militar no começo dos anos 1980, quando explodiam bancas de jornal e planejavam atos terroristas com o intuito de promover o pânico e responsabilizar a esquerda. O presidente da República tem o tamanho do capitão e do sargento que participaram do atentado frustrado do Riocentro, em 1981. A bomba, que seria colocada dentro do centro de convenções onde milhares de pessoas participavam de um show em homenagem ao Dia do Trabalhador, explodiu dentro do carro, no colo do sargento, que morreu, e deixou o capitão gravemente ferido.

No tempo que lhe resta de mandato, Bolsonaro continuará a promover badernas e a perseguir pessoas e instituições. É quase certo que sua atitude provocará tumultos e a morte de inocentes. Esse parece ser também o limite do golpe que ele é capaz de executar. Podemos discutir se nessa história o presidente termina como o sargento ou como o capitão do Riocentro (atenção: é uma metáfora), mas muito dificilmente o caminho da sabotagem lhe trará a vitória política.

Nem Bolsonaro nem os militares que se desmoralizam ao seu redor têm forças para implantar um regime de exceção no país. Precisariam ganhar nas urnas em 2022 para completar o serviço de sufocamento gradual e descaracterização das instituições. A opção do golpe abrupto não teria hoje sustentação interna ou internacional. Se já somos párias no mundo, uma quartelada nos jogaria de vez na sarjeta da civilização, com consequências econômicas nefastas – represálias, boicotes, pressões de toda ordem. E o próprio mercado, enfim, começa a desembarcar de Bolsonaro, não por convicções democráticas – isso não existe na elite brasileira, salvo uma ou outra exceção –, mas porque ganhou corpo o diagnóstico de que o ano que vem será frustrante para a economia e Paulo Guedes não tem mais como lhes garantir a rapadura.

O golpe que descarrilha na verdade já aconteceu. Penso aqui não só em 2016, mas na predação anárquica e na destruição metódica de tudo, essa mistura perversa entre brutalidade espontânea e desmonte planejado do país que

caracteriza o bolsonarismo. Em 1946, falando sobre os nazistas, Theodor Adorno escreveu que “eles e seus seguidores se excitam com a ideia da ruína inevitável, sem sequer diferenciar claramente entre a destruição de seus inimigos e a de si mesmos”. Pois é.

should_not

FERNANDO DE BARROS E SILVA

Repórter da **piauí** e apresentador do podcast *Foro de Teresina*

LEIA TAMBÉM

ÚLTIMAS

Efetivo das polícias estaduais no Brasil equivale à população de Florianópolis

Setembrada lota hotéis em Brasília

Com chegada de caravanas bolsonaristas, setor hoteleiro prevê ocupação de 100% dos quartos para o feriado de Sete de Setembro na capital federal

Há quatro vezes mais homens brancos que negros entre delegados da PF e cinco vezes mais entre auditores da Receita Federal

Homens brancos são 61,6% dos delegados da PF e 57,2% dos auditores da Receita. Já os homens negros são apenas 17,1% e 11,6%, respectivamente

Para cada mulher negra nos cargos comissionados de mais alto escalão, há 50 homens brancos

Homens brancos são 65% dos funcionários do topo da hierarquia do Executivo federal; mulheres negras, apenas 1,3%

Diego M., major PM e radical bolsonarista

Desrespeitando regimento, policiais militares da ativa convocam para atos pró-Bolsonaro; procuradores tentam coibir ação

Foro de Teresina #166: Em marcha para a escuridão

O podcast de política da **piauí** discute os principais fatos da semana

Para cada mulher negra nos cargos de nível superior, há três homens brancos

Homens brancos ocupam 36,3% desses cargos no Executivo federal, enquanto mulheres negras representam 11,7%

Na piauí 180

A capa e os destaques da edição de setembro

Mais pensões militares, menos Bolsa Família

Orçamento de 2022 prevê reduzir verba do projeto de transferência de renda e elevar em 16% gastos com pessoal do Ministério da Defesa - aumento que bancaria seis Censos do IBGE

Servidores negros com ensino superior recebem 78% da remuneração dos brancos

Diferença salarial aumenta conforme a escolaridade; estudo aponta sub-representação dos negros nos cargos mais altos

Janio de Freitas: Provável intenção de Bolsonaro é situação conflituosa para exterminar democracia

By Radialista Rodrigo Pessoa

04/09/2021 - <https://aracajuagoranoticias.com.br/2021/09/07/horario-de-verao-deveria-voltar-ja-para-diminuir-risco-de-apagao-no-brasil/>

Share

Deve ler agora

Tudo pode acontecer no dia 7 de setembro entre a mera repetição das manifestações pocketnaristas e, no outro extremo, surtos de alta gravidade.

As ocorrências podem ser tanto mais variadas quanto maior for o número, que se anuncia elevado, de cidades com manifestações programadas.

Em todo esse colar de imprevisíveis, três ingredientes solidários já têm lugares garantidos: o patético, a mediocridade e o vergonhoso.

É possível, mas sem uma indicação clara, que os golpistas obtenham o que foi sua falta de impedimento. Os militaristas militaristas precisam de um pretexto, sem o qual ainda há dificuldades até mesmo para conter os oficiais remanescentes, quanto mais para se sustentar diante das reações externas e desconfortos internos.

Na situação atual do país, tudo deve ser pensado, creio eu, com base nesse problema político e técnico.

A agitação de Bolsonaro em Brasília será pela manhã. Como o programa está na onda paulista no meio da tarde, só por perda de controle haverá ocorrências

em Brasília pela manhã que o manterão lá. O grande risco viria à tarde. Contra o dispositivo de defesa que o Supremo e o Congresso conseguem montar.

Sem confiar muito, é verdade, para mais uma vez enfrentar a patética situação de duas Potências da República se protegendo do governante que juraram e apoiam na outra Potência.

As condições circunstanciais para um golpe já no dia 7 de setembro exigiriam ações muito traumáticas da carteira, principalmente nas chamadas manifestações em São Paulo e Brasília.

E isso não se limita a tumultos. A provável intenção de [Bolsonaro](#) é iniciar uma situação de conflito que, se desenvolvendo, dê aos militares pocketnarists o pretexto para exterminar a democracia “em defesa da democracia”.

É o roteiro de Trump, supostamente escrito pelo fascista Stefen Bannon, revisitado pelo discípulo Eduardo [Bolsonaro](#) no mês passado.

Trump fez um discurso enviando apoiadores ao Capitólio com a missão, liderada por incitadores, para desencadear ali circunstâncias inadequadas para a instalação de um [governo](#) inexperiente, em organização, dentro de duas semanas.

Se a inauguração de Biden, que a campanha do “Dia 20 de Posse” impossibilitou, fosse adiada, seria dado o grande passo para a “solução pacífica”: anular a eleição contestada.

Aqui, [Bolsonaro](#) iniciou ataques à eleição ainda em campanha, o que poderia ter sido uma preparação para motins e intervenção militar em reação à derrota esperada.

[Bolsonaro](#) venceu, mas deixou, para posterior interpretação, os primeiros e inconfundíveis sinais de que sua candidatura partia de uma articulação externa. Além de ser indiciado por Lava Jato, de Curitiba na aparência.

No golpe de Trump e do caudado [Bolsonaro](#), a convulsão pode ser vista como o trampolim para o golpe, sendo menos provável que se transforme em golpe em si.

Não faltam aqueles que preveem o início da guerra civil neste dia 7 de setembro. Isso exigiria alguma base armada do lado democrata, que não tem (por enquanto?).

O dispositivo militar e policial de defesa da ordem constitucional já mostrou de que lado está: a rigor, é o lado em que sempre esteve quando a ordem

constitucional, os valores democráticos e os direitos civis foram envenenados – e logo sucumbiu.

Faltam militares e policiais autênticos. Nas instâncias civis, entre os responsáveis pela representação do Estado de Direito prevalecem a mediocridade, a venalidade política e a corrupção.

No clientelismo, o acúmulo de riquezas inúteis é obsessivo e a indiferença aos meios é comum. Para esses segmentos, o país e suas multidões não têm interesse, não importa se há democracia ou autoritarismo, progresso ou retrocesso econômico, emprego ou pobreza: sempre ganham.

Por mais de dois anos e meio, o Brasil viu, inerte, a construção de um golpe. Por criminosos e asseclas. Um golpe que o tornará inviável, talvez para sempre. Metade ou mais da população medianamente informada fica atordoada. O país parou, esperando.

É vergonhoso.

BOLSO-narismo

Alguns artigos que marcam o começo do fim de Bolsonaro

Bolsonaro, devolve a minha pátria!

Por

Helena Chagas

-

setembro 6, 2021, 13:03



Jair Bolsonaro na parada militar do 7 de setembro de 2019 - Foto Orlando Brito

Precisei chegar à idade adulta para compreender o sentido de pátria. Criança e adolescente no regime militar, desde que me entendi por gente – uns sete anos, talvez – peguei uma tremenda birra com os símbolos pátrios: detestava ir na parada do 7 de setembro, só cantava o hino da Independência na versão “japonês tem quatro filhos”, fugi das aulas de Educação Moral e Cívica. Filha de jornalista, ouvia escondidinha, em casa, conversas sobre censura, prisões, tortura. E sabia que a culpa era de uns “gorilas” que, parece, tinham fugido do zoológico.

Meu coração de gelo antipatriótico só começou a derreter na campanha das Diretas, já começando no jornalismo e cobrindo e participando de manifestações. Comecei a amar nossa bandeira depois que me escondi da chuva, debaixo de uma delas, imensa, que os manifestantes levaram para o gramado do Congresso no dia da votação da emenda Dante de Oliveira, em abril de 1984. O Hino Nacional me ganhou em definitivo na voz de Fafá de Belém, depois da eleição de Tancredo no colégio eleitoral, em 1985.

De lá para cá, foi só amor com os símbolos da pátria. Na rotina como jornalista, passei a conhecer e respeitar a geração de militares pós-redemocratização. Fui ao Haiti e vi a importância do trabalho das tropas brasileiras que serviam às Forças de Paz da ONU. Na Antártida, testemunhei o espírito de abnegação e seriedade do pessoal da Marinha, que passava lá meses seguidos num contêiner no meio das neves.



A então presidente Dilma Rousseff no desfile de 7 de Setembro de 2015 – Foto Orlando Brito

Passei a gostar, quem diria, dos desfiles do Sete de Setembro. Aliás, ajudei inclusive a organizar alguns – a parte civil – quando chefiava a Secom, no governo Dilma. Suando em bicas debaixo daquele toldo de lona do auge da seca brasiliense, mas emocionada e feliz da vida, porque as crianças da periferia do Distrito Federal foram incluídas no desfile. Posso dizer que, hoje em dia, sei cantar o Hino Nacional de cabo a rabo, sem errar uma vírgula. E adoro!

Mas aí veio o Bolsonaro e estragou tudo. Sequestrou os símbolos da pátria e agora quer sequestrar a nossa democracia. Minha camiseta verde e amarela tá lá no fundo da gaveta, e há tempos não ousou cantarolar o Hino Nacional, e

nem sacudir uma bandeirinha com ordem e progresso escritos lá no meio daquela bolota. O capitão tantas fez que os trogloditas se apropriaram e usam nossos símbolos como se pertencessem apenas a eles.

Agora, até o 7 de setembro está sendo vilipendiado por uma manifestação golpista, convocada por um presidente golpista. Mas é, ou deveria ser, uma festa de todos os brasileiros, sem donos. Quem gosta vai, quem não gosta, fica em casa. Mas sem medo, porque, como se dizia antigamente, o Brasil é nosso, e não do Bolsonaro e seus fanáticos.

O grito a ser entoado neste dia da Independência deveria ser: Bolsonaro, devolve a minha pátria!

[Deixe seu comentário](#)

https://osdivergentes.com.br/helena-chagas/bolsonaro-devolve-a-minha-patria/?fbclid=IwAR2LJZLcn4OgoDb0V_Qs05wFQVTVNats0FKPIs-OJh4kvcaVain8F6snWXM

BRASIL 500 MIL MORTOS

Nossas diferenças não estão acima das nossas vidas

https://mail.google.com/mail/u/0?ui=2&ik=16e7b7d1d2&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1703093015050815728&th=17a29a12e58d88f0&view=att&disp=safe&realattid=84c007ec310cb672_0.1

Celso Rocha de Barros - Bolcentrão não salvou a democracia

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../celso-rocha-de-barros...>

Catarina Rochamonte - AfD e a miséria ideológica do bolsonarismo

LAMENTO DOIDO

Aphonso Parreiras – Brasília março/2021, bolsonarista de primeira e todas as horas.

*

Uma velha canção do Caetano define a conjuntura nacional. Tem razão o baiano:

Tudo em volta está deserto, tudo certo
Tudo certo como dois e dois são cinco

Quando você me ouvir chorar
Tente, não cante, não conte comigo
Falo, não calo, não falo, deixo sangrar
Algumas lágrimas bastam pra consolar

<https://www.letras.mus.br/roberto-carlos/287144/>

Tudo certo, aliás, e também confortável como afirma o Líder do Governo na Câmara, um diligente Deputado do Centrão, que aliás, me tem bem impressionado pela boa retórica. Retórica, aqui, não no sentido vulgar da manipulação de palavras, mas de bons argumentos mesmo. O homem fala com razões e sentimentos profundos. Só pensa naquilo...

Pois assim é: o Brasil. Tudo em volta, tudo certo, até bastante confortável, apenas alguns renitentes traidores da pátria insistindo com seus habituais ataques à ordem e às autoridades, como, por exemplo, essa professorinha do Sergipe que fica difamando o Presidente da República em outdoors chamando-o genocida; também esse pessoal de uma tal Universidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, proclamando a necessidade de lock down no país inteiro. Já pensaram? Tudo parado. Sem Auxílio Emergencial, nem qualquer apoio aos invisíveis, essa turma que nem existe mas precisa ser apoiada. Claro que garantiremos os grandes investidores para evitar o colapso da bolsa. O Brasil tem que manter sua moral alta. Agora, até o preclaro Dr. Dráuzio Varela, talvez vazado no seu júizo pela idade, deu pra dizer que a situação no Brasil é séria e exige cuidados especiais. De quem? Daquele tal de FHC que só entende de Sociologia francesa, do Lula, que já morreu e ninguém escuta. Daqui a pouco vai ter um goiano pra dizer que o Presidente não vale um pequi roído.

https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2021/03/17/ministro-justica-determina-investigacao-contracriticos-bolsonaro.htm?utm_campaign=resumo-do-dia-edicao-da-manha&fbclid=IwAR2lJf-wqFyXr1UdqTeQ_d6Lm_q-QX_Bm74tL505YNIFrnC5KDOygRqd_6o

https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/ministerio_publico_estadual_d_o_rio_grande_do_sul_e_pedido_de_lockdown_para_conter_a_propagacao_do_covid19_na_regiao_de_porto_alegre/?zEDctlb

E quem é esse Felipe Neto, dizendo barbaridades pra meia dúzia de seguidores analfabetos? Tem um filósofo aí, parece que um tal de Kafta, como citou outro dia o Wajngaita QSuco, quando Ministro da Educação, bem o dizia: Essa coisa de internet deu voz aos idiotas. Por sorte nossas instituições funcionam. Estão alertas. Vão processar e prender esses criminosos.

O Brasil, enfim, está no rumo certo, em mãos certas, com filhos e filhas certas, e já festeja a retomada em “V” da sua economia e a boiada do Salles transformando mato em proteína e dólares. Até dezembro, logo ali, estará tudo na mais perfeita ordem. E quem discordar disso é mau brasileiro. Ponto Final. Como diz o Dr. Rolando Lero, pródigo no tratamento de doença do coração no espetinho – kkkkk - , cuja posse depende apenas do Chefe das Forças Armadas pero no mucho, encontrar uma saída para o General, que honrou o Exército pelo brilhante trabalho à testa da Saúde: EM CONTINUIDADE MARCHA! MUDAR , NEM QUE SEJA TROCANDO A FARDA POR AVENTAIS BRANCOS, CONSERVANDO!

VIVA O BRASIL!! VIVA !!!! VIVA A MORTE QUE ABRE ESPAÇOS PARA A RENOVAÇÃO DA VIDA!

Índice

1.

1. BRASIL247.COM

Elite abandona Bolsonaro e Estadão pede pela primeira vez seu impeachment

"O País não pode ficar refém de alguém que despreza a vida da população", diz o jornal, que esteve entre as forças que promoveram o golpe de 2016

2. Uma nação acéfala

<https://osdivergentes.com.br/outras-palavras/uma-nacao-acefala/?fbclid=IwAR0rkkZa73PaaUtU0W1bfTiEKpyYM4SRsORz7iSAB6pNMuLTOoKc-585zd0>

Weiller Diniz - 23janeiro 23, 2021

3. Dois anos de desgoverno – a crise de legitimidade

https://aterraeredonda.com.br/dois-anos-de-desgoverno-a-crise-de-legitimidade/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=dois-anos-de-desgoverno-a-crise-de-legitimidade&utm_term=2021-01-16

16/01/2021 - Por **JUAREZ GUIMARÃES***

4. Artigo na Lancet escancara ataques à ciência do governo Bolsonaro na pandemia de covid-19

<https://agenciaaids.com.br/noticia/artigo-na-lancet-escancara-ataques-a-ciencia-do-governo-bolsonaro-na-pandemia-de-covid-19/>

5. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>

Ao analisar 3.049 normas federais produzidas em 2020, a Faculdade de Saúde Pública da USP e a Conectas Direitos Humanos mostram por que o Brasil já superou mais de 212.000 mortes por covid-19

ELIANE BRUM [21 JAN 2021 - 16:13 BRT](#)

6. Brasil é motivo de escárnio do mundo com sua política desastrosa sobre a vacina

Enquanto em vários países as pessoas já estão sendo vacinadas, no Brasil não se sabe nem se haverá uma campanha para incentivar a imunização ou se prosseguirá a política subterrânea de boicote

<https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-01-13/brasil-e-motivo-de-escarnio-do-mundo-com-sua-politica-desastrosa-sobre-a-vacina.html>

JUAN ARIAS - [13 JAN 2021 - 16:05 BRT](#)

7.O impeachment de Bolsonaro, fruto de um “acordão”, pode ser rápido e cirúrgico

Blog Laurez Cerqueira : <http://laurezcerqueira.com.br/>

-feira, 12 janeiro, 2021

8. Para além do impeachment

https://revistacult.uol.com.br/home/para-alem-do-impeachment-bolsonaro/?fbclid=IwAR3iGAGW8s7iV5OFyl1K5AigTWJ4dcYj7G-hfOhBDqd-1Uv0hasv_ZRB7hA#.YAsvNYaqC1l.facebook



871

Bolsonaro exhibe caixa de cloroquina, remédio sem eficácia para tratar a Covid-19 (Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil)

MARCIO SOTELO FELIPPE é advogado e foi procurador-geral do Estado de São Paulo. É mestre em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP

PESQUISA INSTITUTO DA DEMOCRACIA E DA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO –Abril 2021

A pesquisa chegou aos seguintes dados: 22,2% dos brasileiros acreditam que a terra é plana; 50,7% acreditam que o coronavírus foi criado pelo governo chinês; 56,4% acreditam que os hospitais são pagos para aumentar o número de pacientes mortos pela Covid-19. Os dados expressam um retrato de desinformação, ou da formação distorcida da opinião pública, que afeta decisivamente o debate público e a democracia no Brasil....

<https://noticias.uol.com.br/colunas/a-cara-da-democracia/2021/05/07/brasileiros-se-posicionam-a-direita-e-acreditam-em-conspiracao-na-pandemia.htm>

A facção da Core: A Polícia Civil do Rio mantém um grupo de assassinos?

Sábado, 8 de maio de 2021- INTERCEPT

Paira no ar a ideia de que o massacre do Jacarezinho enfraquece o poder do Comando Vermelho para favorecer as milícias. Está longe de ser uma ideia descabida, diga-se. Em uma cidade cada vez mais dominada por gente como Adriano da Nóbrega e pelos comparsas do “cara da casa de vidro”, é natural que se faça a ligação entre uma coisa e outra. De modo simbólico, sim, é possível que as milícias aplaudam o massacre. Mas eu quero dar um passo em outra direção.

Antes: até poucos anos atrás, acreditava-se que seria impossível que a milícia entrasse na Cidade de Deus, por exemplo. A favela é muito cobiçada e, hoje se sabe, está sendo comida pelas bordas pelos milicianos. No Jacarezinho é diferente. O Comando Vermelho é muito forte em toda a região: Manguinhos, Arará, Mandela, Urubu, Mangueira, Alemão, Penha, Maré.

Então se não existe, até hoje, movimentação evidente de que grupos milicianos estejam ativamente tentando invadir o Jacarezinho, o que sobra? Evidências de que a Polícia Civil do Rio de Janeiro está mantendo impune um grupo de assassinos.

Policiais que participaram do massacre de quinta-feira – 24 mortos ainda sem nome – são conhecidos à boca pequena como “facção da Core”, a Coordenadoria de Recursos Especiais. A história cresce quando juntamos outros fatos: a “facção” está envolvida no caso João Pedro (menino de 14 anos, morto durante uma operação), na chacina do Salgueiro (oito mortos) e no caso do helicóptero da Maré (oito mortos). São 41 homicídios somente nesses casos. Quantos mais?

É preciso que se investiguem as circunstâncias e os responsáveis dessas operações assassinas. Mas não só isso. É preciso apurar as intenções desses massacres. Não parece que tudo isso possa ficar na conta de segundas trapalhadas. A PGR precisa devassar a vida dos delegados que comandaram a ação. São agentes públicos. Precisamos saber se ainda somos nós – que pagamos seus salários – os seus verdadeiros patrões.

Ivonio Barros Guarani-Kaiowá

<https://www.justicapaz.org/.../2463-pms-milicias-e...>



JUSTICAPAZ.ORG

PMs, milícias e governo Bolsonaro: uma relação de apoio, favores, vantagens, privilégios e carteiradas. Entrevista especial com Jacqueline Muniz

PMs, milícias e governo Bolsonaro: uma relação de apoio, favores, vantagens, privilégios e carteiradas. Entrevista especial com Jacqueline Muniz

O Jair que há em nós.

Por Ivann Lago- [3 de dezembro de 2020](#)

Em seu [blog](#)- https://racismoambiental.net.br/2020/12/03/o-jair-que-ha-em-nos-por-ivann-lago/?fbclid=IwAR0gMLvZ7mHPM48az1PHCDa53tr534tDkFxFxNrL6ZbvL7w_r67qjkFk-zoYg

O Brasil levará décadas para compreender o que aconteceu naquele nebuloso ano de 2018, quando seus eleitores escolheram, para presidir o país, Jair Bolsonaro. Ex-integrante do Exército onde respondeu processo administrativo sob acusação de organização de ato terrorista; deputado de sete mandatos conhecido não pelos dois projetos de lei que conseguiu aprovar em 28 anos, mas pelas maquinações do submundo que incluem denúncias de “rachadinha”, contratação de parentes e envolvimento com milícias; ganhador do troféu de campeão nacional da escatologia, da falta de educação e das ofensas de todos os matizes de preconceito que se pode listar.

Embora seu discurso seja de negação da “velha política”, Bolsonaro, na verdade, representa não sua negação, mas o que há de pior nela. Ele é a materialização do lado mais nefasto, mais autoritário e mais inescrupuloso do sistema político brasileiro. Mas – e esse é o ponto que quero discutir hoje – ele está longe de ser algo surgido do nada ou brotado do chão pisoteado pela negação da política, alimentada nos anos que antecederam as eleições.

Pelo contrário, como pesquisador das relações entre cultura e comportamento político, estou cada vez mais convencido de que Bolsonaro é uma expressão bastante fiel do brasileiro médio, um retrato do modo de pensar o mundo, a sociedade e a política que caracteriza o típico cidadão do nosso país.

Quando me refiro ao “brasileiro médio”, obviamente não estou tratando da imagem romantizada pela mídia e pelo imaginário popular, do brasileiro receptivo, criativo, solidário, divertido e “malandro”. Refiro-me à sua versão mais obscura e, infelizmente, mais realista segundo o que minhas pesquisas e minha experiência têm demonstrado.

No “mundo real” o brasileiro é preconceituoso, violento, analfabeto (nas letras, na política, na ciência... em quase tudo). É racista, machista, autoritário, interesseiro, moralista, cínico, fofoqueiro, desonesto.

Os avanços civilizatórios que o mundo viveu, especialmente a partir da segunda metade do século XX, inevitavelmente chegaram ao país. Se materializaram em legislações, em políticas públicas (de inclusão, de combate ao racismo e ao machismo, de criminalização do preconceito), em diretrizes educacionais para escolas e universidades. Mas, quando se trata de valores arraigados, é preciso muito mais para mudar padrões culturais de comportamento.

O machismo foi tornado crime, o que lhe reduz as manifestações públicas e abertas. Mas ele sobrevive no imaginário da população, no cotidiano da vida privada, nas relações afetivas e nos ambientes de trabalho, nas redes sociais, nos grupos de *whatsapp*, nas piadas diárias, nos comentários entre os amigos “de confiança”, nos pequenos grupos onde há certa garantia de que ninguém irá denunciá-lo.

O mesmo ocorre com o racismo, com o preconceito em relação aos pobres, aos nordestinos, aos homossexuais. Proibido de se manifestar, ele sobrevive internalizado, reprimido não por convicção decorrente de mudança cultural, mas por medo do flagrante que pode levar a punição. É por isso que o politicamente correto, por aqui, nunca foi expressão de conscientização, mas algo mal visto por “tolher a naturalidade do cotidiano”.

Se houve avanços – e eles são, sim, reais – nas relações de gênero, na inclusão de negros e homossexuais, foi menos por superação cultural do preconceito do que pela pressão exercida pelos instrumentos jurídicos e policiais.

Mas, como sempre ocorre quando um sentimento humano é reprimido, ele é armazenado de algum modo. Ele se acumula, infla e, um dia, encontrará um modo de extravasar. Como aquele desejo do menino piromaníaco que era obcecado pelo fogo e pela ideia de queimar tudo a sua volta, reprimido pelo controle dos pais e da sociedade. Reprimido por anos, um dia ele se manifesta num projeto profissional que faz do homem adulto um bombeiro, permitindo-lhe estar perto do fogo de uma forma socialmente aceitável.

Foi algo parecido que aconteceu com o “brasileiro médio”, com todos os seus preconceitos reprimidos e, a duras penas, escondidos, que viu em um candidato a Presidência da República essa possibilidade de extravasamento. Eis que ele tinha a possibilidade de escolher, como seu representante e líder máximo do país, alguém que podia ser e dizer tudo o que ele também pensa, mas que não pode expressar por ser um “cidadão comum”.

Agora esse “cidadão comum” tem voz. Ele de fato se sente representado pelo Presidente que ofende as mulheres, os homossexuais, os índios, os nordestinos. Ele tem a sensação de estar pessoalmente no poder quando vê o líder máximo da nação usar palavreado vulgar, frases mal formuladas, palavrões e ofensas para atacar quem pensa diferente. Ele se sente importante quando seu “mito” enaltece a ignorância, a falta de conhecimento, o senso comum e a violência verbal para difamar os cientistas, os professores, os artistas, os intelectuais, pois eles representam uma forma de ver o mundo que sua própria ignorância não permite compreender.

Esse cidadão se vê empoderado quando as lideranças políticas que ele elegeu negam os problemas ambientais, pois eles são anunciados por cientistas que ele próprio vê como inúteis e contrários às suas crenças religiosas. Sente um prazer profundo quando seu governante maior faz acusações moralistas contra desafetos, e quando prega a morte de “bandidos” e a destruição de todos os opositores.

Ao assistir o show de horrores diário produzido pelo “mito”, esse cidadão não é tocado pela aversão, pela vergonha alheia ou pela rejeição do que vê. Ao contrário, ele sente aflorar em si mesmo o Jair que vive dentro de cada um, que fala exatamente aquilo que ele próprio gostaria de dizer, que extravasa sua versão reprimida e escondida no submundo do seu eu mais profundo e mais verdadeiro.

O “brasileiro médio” não entende patavinas do sistema democrático e de como ele funciona, da independência e autonomia entre os poderes, da necessidade de isonomia do judiciário, da importância dos partidos políticos e do debate de ideias e projetos que é responsabilidade do Congresso Nacional. É essa ignorância política que lhe faz ter orgasmos quando o Presidente incentiva ataques ao Parlamento e ao STF, instâncias vistas pelo “cidadão comum” como lentas, burocráticas, corrompidas e desnecessárias. Destruí-las, portanto, em sua visão, não é ameaçar todo o sistema democrático, mas condição necessária para fazê-lo funcionar.

Esse brasileiro não vai pra rua para defender um governante lunático e medíocre; ele vai gritar para que sua própria mediocridade seja reconhecida e valorizada, e para sentir-se acolhido por outros lunáticos e medíocres que formam um exército de fantoches cuja força dá sustentação ao governo que o representa.

O “brasileiro médio” gosta de hierarquia, ama a autoridade e a família patriarcal, condena a homossexualidade, vê mulheres, negros e índios como inferiores e menos capazes, tem nojo de pobre, embora seja incapaz de perceber que é tão pobre quanto os que condena. Vê a pobreza e o desemprego dos outros como falta de fibra moral, mas percebe a própria miséria e falta de dinheiro como culpa dos outros e falta de oportunidade. Exige do governo benefícios de toda ordem que a lei lhe assegura, mas acha absurdo quando outros, principalmente mais pobres, têm o mesmo benefício.

Poucas vezes na nossa história o povo brasileiro esteve tão bem representado por seus governantes. Por isso não basta perguntar como é possível que um Presidente da República consiga ser tão indigno do cargo e ainda assim manter o apoio incondicional de um terço da população. A questão a ser respondida é como milhões de brasileiros mantêm vivos padrões tão altos de mediocridade, intolerância, preconceito e falta de senso crítico ao ponto de sentirem-se representados por tal governo.

—

Ivann Carlos Lago é sociólogo, mestre e doutor em Sociologia Política. É professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo (RS). Atua nas áreas de Teoria Política, Instituições Políticas e Regimes de Governo, Cultura e Comportamento Político, Partidos e Eleições. É

professor permanente do Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas da UFFS.

O texto é de 28 de fevereiro de 2020, mas infelizmente só hoje cheguei a ele, enviado por Isabel Carmi Trajber, a quem agradeço. E – também infelizmente – ele continua lamentavelmente atual. (Tania Pacheco)

Destaque: Hieronymus Bosch – detalhe de O Juízo Final

domingo, 9 de maio de 2021

Míriam Leitão - Falsos remédios e muitos venenos



- O Globo

Cloroquina é o símbolo deste governo que sempre tem falsos remédios com efeitos tóxicos para os problemas do país. O Brasil está diante de um devastador retrocesso na educação por causa da pandemia, e a proposta pela qual o governo Bolsonaro se bate é o homeschooling . O país vive uma grave crise na democracia, em parte criada por este governo, mas Bolsonaro exige a volta do voto impresso e por ele ameaça até a realização das eleições. Em vez de uma política de segurança, o projeto que tem sido posto em prática é a liberação das armas. Para o trânsito, o projeto, felizmente atenuado no

Congresso, foi o da menor punição para infratores e o fim da cadeirinha das crianças. Em cada área pode-se encontrar a solução “cloroquina”, um falso remédio, que é, na verdade, um veneno.

Na semana passada, a CPI mostrou o efeito da cloroquina na política de saúde brasileira. Ela impede que se desenvolvam boas práticas para enfrentar a pior pandemia em um século, passou a ser a peça central da política pública, a única questão que mobiliza o presidente e o entorno do Palácio. Por ela, um ministro foi demitido, outro pediu demissão, o terceiro se escondeu atrás do Exército e o quarto engasgou. O senador Renan Calheiros (MDB-AL) fez seis vezes a mesma pergunta ao ministro Marcelo Queiroga, o senador Omar Aziz (PSD-AM), outras duas vezes. Queiroga não conseguia desengasgar e dizer se compartilhava ou não compartilhava da opinião do presidente sobre a cloroquina. “Apego ao cargo”, concluiu o senador Otto Alencar (PSD-BA). O remédio usado em caso de malária e lupus, com ineficácia comprovada para Covid-19, traz para o Brasil o pior dos efeitos colaterais. Por causa da obsessão do presidente, o país deixou de ter uma política de combate à pandemia. “Canalha”, disse Bolsonaro para definir quem discorda do uso da cloroquina. Um espelho o ajudaria a encontrar um bom destinatário para o adjetivo.

Foi uma semana dilacerante. O país perdeu um artista querido que lotava cinemas e teatros, que nos fazia rir em momento que tanto precisamos. Perdemos Paulo Gustavo com 42 anos e uma vida pela frente e isso nos lembra que a morte por Covid está ficando mais jovem. No dia mesmo em que seu corpo era cremado, o Rio viu mais uma chacina. Jacarezinho foi palco de um horror de país em guerra. O governador Claudio Castro disse que a operação da Polícia Civil, que vitimou um policial e 27 moradores, foi fruto de ação de inteligência. A identidade dos moradores mortos não havia ainda sido divulgada, e o vice-presidente, Hamilton Mourão, definiu-os como “tudo bandido”. Mais tarde, repetiu que eram todos “marginais”. Se forem, então, podem ser executados, sem direito a um processo? As leis brasileiras não têm pena de morte, mas para o vice-presidente pessoas podem ser mortas, sem direito a um processo. Para completar, Mourão disse que no Rio “é a mesma coisa que se a gente tivesse combatendo no país inimigo. Quase a mesma coisa.”

A solução cloroquina que ele oferece aqui é letal. Em vez de uma política de segurança, execução em massa, suspensão do devido processo legal, e a transformação do Rio em território inimigo. Mourão pelo visto quer mostrar a Bolsonaro que merece continuar sendo seu vice. Compartilha dos mesmos valores. Resta perguntar à dupla o que fazer com a milícia nesse “país inimigo”.

Durante a semana em que a CPI exibiu uma radiografia de como o governo tem contribuído para o aumento do contágio e das mortes por Covid-19, Bolsonaro esteve sob o comando do filho Carlos. Para tentar desviar a atenção posta na CPI, Bolsonaro empilhou absurdos. Ameaçou baixar um decreto autoritário, atacou o principal parceiro comercial do Brasil e fornecedor de insumos para vacinas e disse que pode não haver eleições, se não for aprovado e implantado o voto impresso.

Bolsonaro quer impor uma pauta estranha às urgências do país, em todas as áreas. Mais de cinco milhões de crianças e adolescentes não tiveram acesso à educação durante a pandemia, e, quanto mais pobre, menos o aluno está aprendendo. Estamos vivendo uma tragédia que recai sobre uma geração inteira de estudantes. Mas a solução cloroquina é permitir que um grupo de fanáticos tenha o direito de aprisionar a cabeça dos filhos numa educação medieval, que elimina a escola. Assim é o governo Bolsonaro. Tóxico.

Bolsonarismo: ideologia, psicologia, política

09/05/2021

https://aterraeredonda.com.br/bolsonarismo-ideologia-psicologia-politica/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas_publicacoes&utm_term=2021-05-09

Por **RICARDO MUSSE***

Apresentação do livro recém-lançado de Rubens Pinto Lyra.

Rubens Pinto Lyra ocupa uma posição ímpar no marxismo brasileiro. Por conta de determinadas características de sua produção intelectual, de sua inserção institucional e até mesmo de um recorte geracional pode ser considerado como um dos expoentes do marxismo acadêmico, tardiamente implantado no Brasil.

O marxismo acadêmico brasileiro só surge propriamente na década de 1960, tendo por marcos inaugurais a tese de livre-docência de José Arthur Giannotti “Alienação do trabalho objetivo” (1960) – publicada em livro, em 1966, com o título *Origens da dialética do trabalho* – e os artigos da mesma época de Ruy Fausto, reunidos apenas em 1983 no volume *Marx: lógica e política*. O marxismo filosófico uspiano se consolida na sequência com as teses de José Chasin e Emir Sader, alunos de Giannotti e Ruy Fausto.

Em comum, o esforço de promover uma reconstituição do pensamento de Karl Marx a partir de uma leitura “rigorosa” de suas obras, projeto semelhante e coetâneo ao empreendimento capitaneado, na França, por Louis Althusser que resultou na edição de *Lire Le Capital* (Maspero, 1965). A ideia pressuposta era que a divulgação e a própria ação política marxista – postas em parêntese – fossem antecedidas pela elucidação dos fundamentos metodológicos e lógicos do materialismo histórico, etapa considerada imprescindível para evitar o dogmatismo das versões impostas pelos partidos comunistas e os equívocos históricos dos regimes socialistas então existentes.

O marxismo uspiano, embora frequentemente apresentado como uma aclimatação local do marxismo ocidental contém muitos poucos elementos característicos dessa linhagem, afora a mencionada tentativa comum de estabelecer os fundamentos filosóficos da obra de Marx. Nele, não encontramos a preocupação com a questão da “cultura”, central para os autores dessa corrente. Tampouco os esforços, considerados imprescindíveis, em compreender o presente histórico e promover a crítica da ideologia

específica de cada forma e regime de acumulação, isto é, de cada fase do capitalismo.

A associação de autores brasileiros com o assim chamado “marxismo ocidental” torna-se mais pertinente, no entanto, quando referida àqueles que concederam primazia à cultura, na maioria das vezes por conta de deglutições do pensamento do jovem Lukács e/ou de Antonio Gramsci. É o caso do grupo reunido, no Rio de Janeiro, em torno da revista *Civilização Brasileira*, no qual se destacam Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto; do trio Bento Prado Jr., Roberto Schwarz e Paulo Arantes trafegando no circuito Paris-Maria Antônia; e no exílio francês, de Rubens Pinto Lyra.

O percurso intelectual de Rubens Pinto Lyra pode ser descrito como uma série de movimentos, aparentemente dispersos, mas na verdade estreitamente entrecruzados, que o aproxima cada vez mais das coordenadas formais e do repertório conceitual característico do marxismo ocidental. Na década de 1970, como resultado de sua formação escolar na França, Lyra publica dois livros sobre a história do movimento comunista e socialista. De volta ao Brasil, já como professor da Universidade Federal da Paraíba escreveu ininterruptamente, nos últimos quarenta anos, sobre questões de conjuntura e de ciência política; de teoria e filosofia do direito; de comunicação e jornalismo, de história e sociologia; de economia e psicologia; de educação e de religião.

Essa exuberância, a espantosa multiplicidade de áreas do conhecimento visitadas com a competência e o rigor do especialista, configura um perfil intelectual que transcende a divisão universitária do saber. Trata-se de uma demanda inerente ao marxismo, potencializada pelos marxistas ocidentais, em sua busca do conhecimento da “totalidade”. A exigência de uma compreensão não compartimentada decorre da própria organização, sistêmica, do modo de produção capitalista, que não se deixa apreender sem a tessitura de uma extensa rede conceitual. Como bem resumiu Jürgen Habermas, o “materialismo histórico” é também e sobretudo um “materialismo interdisciplinar”.

Neste livro, significativamente intitulado *Ideologia, psicologia e política explicam o bolsionarismo*, essas linhas de força convergem cristalizando numa peça unitária e múltipla resultados de décadas de investigação que surgem para o leitor, no entanto, com o encanto e o frescor de uma aparição súbita.

A renovação do marxismo, ensaiada por Rubens Pinto Lyra, faz-se perceptível em recorrentes instâncias de autorreflexão, momentos em que o texto se debruça sobre si, meditando e expondo seus pressupostos teóricos. Não se trata, porém, da procura pelos fundamentos originários da obra de Marx como se fez na alçada do marxismo acadêmico uspiano. Trata-se, antes – nas pegadas de *Marxismo e filosofia*, de Karl Korsch e de *História e consciência de classe*, de Georg Lukács – de proceder a uma reconstituição histórica, na chave de um balanço comparativo, dos acertos e equívocos teóricos e práticos de concepções, interpretações, partidos, correntes e movimentos autodeclarados marxistas.

Esse procedimento pode ser encontrado em grande parte dos comentários dedicados a assuntos específicos que compõem os cinco blocos do livro. Desdobra-se de forma explícita e com maior desenvoltura, no entanto, no longo artigo que aborda a crítica de Karl Kautsky a Lênin e ao bolchevismo. Salienta-se lá a singularidade do marxismo de Lyra que, além de demonstrar a atualidade e advogar em favor de um autor esquecido e “renegado”, não teme abraçar, sem rodeios, a defesa da opção pelas “reformas”.

Em sintonia com os preceitos do “marxismo ocidental”, o objetivo central do livro, salientado inúmeras vezes pelo autor, é compreender o presente histórico. O fenômeno aí destacado – simultaneamente ponto de partida e de chegada da investigação – é o “bolsonarismo”. Este é apreendido não como uma onda momentânea, conjuntural, mas como o resultado de processos de longa duração enraizados na sociedade. A ascensão de Jair M. Bolsonaro à Presidência da República não é encarada como um acidente, uma excrescência ou uma exceção; é explicada como expressão de uma tendência recorrente de regressão autoritária, inerente ao processo de acumulação do capital.

Rubens Pinto Lyra, como bom marxista, não prescinde das determinações econômicas na interpretação da ressurgência mundial de movimentos neofascistas. Detalha cuidadosamente a hegemonia neoliberal, o poder das grandes corporações e a predominância do capital financeirizado no âmbito do capitalismo mundializado. Insurge-se, porém, contra o economicismo, recorrendo à distinção destacada por Marx e Engels em *A ideologia alemã*: o “modo de produção” desdobra-se em um “modo de vida”. Marx anos depois retomou esse ponto em *Para a crítica da economia política*, com outra terminologia, ressaltando que o condicionamento econômico, a base, se manifesta sob o manto da ideologia – de forma abstrata, mas nem por isso menos efetiva – nos amplos domínios da superestrutura: na política, no direito, na filosofia, na religião, etc.

Não é, portanto, por acaso que o autor inseriu logo no início do livro um conjunto de quatro artigos que abordam a questão da “ideologia”. Nesse grupo destaca-se “Ideologia: conceito e aspectos essenciais”, no qual Lyra reconstitui – de forma didática – a discussão sobre esse termo e apresenta uma interpretação própria e original do conceito. Elucida as conexões do termo “ideologia” com as noções gramscianas de “senso-comum” e de “hegemonia” e ressalta o teor político dessa categoria, expressão em última instância da luta de classes.

O livro desenvolve-se a partir daí como uma incisiva crítica da ideologia contemporânea em suas diferentes formulações e esferas de abrangência. Não escapa ao seu crivo o liberalismo, o neoliberalismo e o neoconservadorismo, presentes em campos tão diversos como a política, o direito, o Estado, a comunicação, a educação e a religião.

A explicação do bolsonarismo exige, porém, um passo além: a investigação dos efeitos da ideologia na subjetividade, no âmago da formação psicológica dos indivíduos. Uma parcela do voto e principalmente a adesão aos

movimentos neofascistas destoam do padrão “decisão racional motivada por interesses materiais”. A perda da autonomia individual, a fixação num ideário regressivo e conservador, decorre de fatores psicossociais, da presença, ressaltada pela psicanálise, de forças irracionais e inconscientes na determinação do comportamento humano. Nessa direção, Lyra mobiliza de forma criativa o arsenal conceitual desenvolvido por Erich Fromm.

Por fim, uma análise erudita e refinada do pensamento de Maquiavel deixa ainda mais claro porque “a política explica o bolsonarismo”, ao mesmo tempo em que esboça as premissas de uma prática emancipatória, de uma autêntica ação transformadora.

***Ricardo Musse** é professor do Departamento de Sociologia da USP. Autor, entre outros livros de Émile Durkheim: Fato social e divisão do trabalho (Ática).

Referência

Rubens Pinto Lyra. Apresentação do livro *Bolsonarismo: ideologia, psicologia, política*. João Pessoa, Editora do CCTA/UFPB, 2021, 314 págs.

Texto do professor Juremir Machado da Silva

"Não, Jair Bolsonaro não é um candidato como outro qualquer. É pior. Ele é um imaginário, uma mentalidade, uma visão de mundo. O seu método de leitura do que acontece na vida é a simplificação. Torna o complexo falsamente simples por meio de uma redução a zero dos fatores que adensam qualquer situação. Se há violência contra os cidadãos, que cada um receba armas para se defender. Se há impunidade, que a justiça seja sumária e sem muitos recursos. Se há bandidos nas ruas, que a polícia possa matá-los sem que as condições de cada morte sejam examinadas. Se há corrupção, que não se perca tempos com processos.

Bolsonaro encarna o pensamento do homem medíocre, o homem mediano que não assimila explicações baseadas em causas múltiplas. Se há miséria, a culpa é da preguiça dos miseráveis. Se há crime, a culpa é sempre da má índole. Se há manifestações, é por falta de ordem. A sua filosofia por excelência é o preconceito em tom de indignação moral, moralista. A sua solução ideal para os conflitos é a repressão, a cadeia, o cassetete. Bolsonaro corporifica o imaginário do macho branco autoritário que odeia o politicamente correto e denuncia uma suposta dominação do mundo pelos homossexuais. É o cara que, com pretensa convicção amparada em evidências jamais demonstradas, diz:

– Não se pode mais ser homem neste país. Vamos ser todos gays.

Ele representa a ideia de que ficamos menos livres quando não podemos fazer tranquilamente piadas sobre negros, gays e mulheres. Bolsonaro tem a cara de todos aqueles que consideram índios indolentes, dormindo sobre latifúndios improdutivos, e beneficiários do bolsa família preguiçosos que só querem mamar nas tetas do Estado. Bolsonaro é o sujeito desinformado que sustenta que na ditadura não havia corrupção. É o empresário ambicioso que se for para ganhar mais dinheiro abre mão da democracia. É o produtor que vê exagero em certas denúncias de trabalho escravo. É o homem que acha normal, em momentos de estresse, chamar mulher de vagabunda. O eleitor padrão de Bolsonaro sonha com uma sociedade de homens armados nas ruas, sem legislação trabalhista, sem greves, sem sindicatos, sem liberdade de imprensa.

O projeto de Bolsonaro é o retorno a um regime de força por meio de voto. Aparelhamento da democracia. Na parede do imaginário e de certas propagandas de Bolsonaro e dos seus fiéis aparecem ditadores. O seu paraíso é da paz dos cemitérios e das prisões para os dissidentes. Um imaginário é uma representação que se torna realidade. Uma realidade que se torna representação. Bolsonaro é um modo de ser no mundo baseado na truculência, na restrição de liberdade, na eliminação da complexidade, no encurtamento dos processos de tomada de decisões.

Bolsonaro usa a democracia para asfixiá-la. É um efeito perverso do jogo democrático. Condensa uma interpretação do mundo que não suporta a diversidade, o respeito à diferença, a pluralidade, o dissenso, o conflito, o embate. Inculto, ignora a história. Não há dívida com os escravizados e seus descendentes. A culpa pela infâmia da escravidão não é de quem escravizou. O presente exime-se do passado. Bolsonaro é a ignorância que perdeu a vergonha. Contra ele só há um procedimento eficaz: o voto. Se necessário, o voto útil."

Entendendo Bolsonaro | Bolsonaro empurra o Brasil para golpe ou revolução

maio 28, 2021 30-<https://www.24brasil.com/geral/entendendo-bolsonaro-bolsonaro-empurra-o-brasil-para-golpe-ou-revolucao/1188886-noticias>

* Vinícius Rodrigues Vieira

A sucessão de eventos da última semana de maio cristalizou em mim algo com o qual me debato há tempos: o presidente colocou o Brasil num beco sem saída. Para sair dele, os instrumentos legais disponíveis mostram-se contraproducentes. Não é opinião: trata-se de uma análise. Se fosse opinar, defenderia o impeachment do chefe de Estado brasileiro. Afinal, a Constituição é a arma principal de qualquer democrata.

Dito isso, as revelações estarrecedoras de depoentes à CPI da Pandemia, a demora no Exército em por ter participado de ato partidário ao lado do presidente, a dificuldade em termos uma alternativa além de Lula contra Bolsonaro em 2022 e o cenário global de declínio democrático levam-me a traçar três cenários nada alvissareiros para nosso futuro. Cada um dos cenários faz uma analogia com uma experiência de golpe ou revolução em anos recentes, envolvendo líderes populistas e/ou autoritários.

1) Bolsonaro vira Chávez 2002: irritados com o presidente e cientes de seu caráter assassino na condução da pandemia, forças legalistas do Exército impõem-lhe uma renúncia forçada, com o apoio - ainda que indireto - de parte da imprensa.

No entanto, bolsonaristas - civis e militares - acabam por reagir, denunciando ao mundo uma clara violação da democracia. Bolsonaro volta ao poder com mais força, tal como Hugo Chávez o fez na Venezuela depois de ter ficado quase 48 horas, em abril de 2002, sob custódia militar. Pró-Chávez, a guarda presidencial ajudou o presidente a se reinstalar no poder.

No Brasil, pode desempenhar tal função o EB - ou seja, os oficiais que são parte do Exército Bolsonarista (que, ao que tudo indica, existe de fato dentro do verdadeiro EB, o Exército Brasileiro). "Bolsochávez" é magnânimo no começo, mas, depois, inicia uma escalada autoritária, com intervenções no Legislativo e no Judiciário, para sair do poder apenas morto, tal como o Chávez original.

As similaridades entre o Brasil de 2021 e a Venezuela de 2002 são altas, sobretudo quando consideramos o tempo de mandato (tal como Chávez à época, Bolsonaro tem hoje quase três anos de mandato) e as intenções

antidemocráticas dos mandatários, até então apenas no nível retórico, com intervenções cirúrgicas nas instituições (exemplo: aparelhamento de ministérios);

2) Bolsonaro vira Erdogan 2016: o presidente turco Recep Tayyip Erdogan - no poder desde 2003, inicialmente como primeiro-ministro e, depois de 2014, como chefe de Estado - sofre uma tentativa de golpe promovida por facções das Forças Armadas que veem no mandatário uma ameaça aos princípios seculares legados por Atatürk, pai da república fundada em 1923, sob os escombros do Império Otomano, então guiado por valores islâmicos.

Nesse sentido, as similaridades com o Brasil são impressionantes. A República aqui é fruto de um golpe militar dado por oficiais positivistas, que defendiam uma separação entre a Igreja Católica e o Estado. Secularismo e positivismo que foram postos em xeque por Bolsonaro, haja vista sua proximidade com cristãos conservadores e postura anticiência na condução da pandemia.

Diferentemente do cenário "Bolsochávez", nesse caso o presidente brasileiro tornar-se-ia "Bolsogan". Erdogan vingou-se imediatamente dos golpistas, promovendo expurgos no serviço público civil e militar, atingido até mesmo o Judiciário. Nesse caso, a similaridade entre o Brasil de 2021 e a Turquia de 2016 é média. Tal como Bolsonaro, Erdogan já vinha numa escalada autoritária, mas estava no poder há mais tempo, tendo apoio sólido no Parlamento;

3) Bolsonaro vira Trump 2020: tudo se mantém como está até 2022, quando Bolsonaro perderia a reeleição. Inicia-se uma disputa ranhida pela recontagem de votos. Acusações falsas de fraude mobilizam bolsonaristas, inclusive militares de baixa patente, sem, no entanto, haver maiores consequências.

Algum prédio público em Brasília é invadido tal como o Capitólio o foi em janeiro de 2021, mas aqueles contra Bolsonaro se impõem dada a ausência de apoio dos altos oficiais à aventura golpista. O então ex-presidente dedica-se a infernizar o novo governo, numa preparação para 2026 e resistência a eventual extradição para ser julgado por crimes contra a humanidade em Haia.

No entanto, a similaridade entre o Brasil de 2021 e os Estados Unidos de 2020, vale lembrar, é baixa. Como os militares não se cansam de demonstrar, o Exército Bolsonaro já existe e ficaria ao lado do presidente nesse cenário, realizando o sonho de seu grande ídolo americano: manter-se no poder à força. Assustador, não? Sim, mas também realista, haja vista o entusiasmo de oficiais e, sobretudo, praças com Bolsonaro e a tradicional falta de independência entre poder civil e militar no Brasil.

Os bundas-sujas - expressão aplicada a militares medíocres e civis incompetentes em geral - venceram. Não me apraz usar uma expressão que beira a escatologia num artigo, mas a realidade se impõe. Vejo a combinação dos cenários 1 e 3 como a mais provável - Bolsonaro fica no poder a qualquer custo e, no pós-2022, teremos um autoritarismo incremental.

E quanto ao impeachment? Caro leitor, ao traçar cenários prospectivos, não se deve discutir miragens. Bolsonaro ainda dispõe do apoio de um terço do eleitorado e, o que mais importa, o respaldo dos bundas-sujas. A revolução deles já começou e - perdoem-me a franqueza analítica - a atual Constituição talvez não tenha papel suficiente para limpar tamanha sujeira.

* **Vinícius Rodrigues Vieira** é doutor em Relações Internacionais por Oxford e professor na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e na FGV

-
- **domingo, 30 de maio de 2021**
- **Eliane Cantanhêde - Lado errado da história**
<https://gilvanmelo.blogspot.com/2021/05/eliane-cantanhede-lado-errado-da.html>
- **- O Estado de S. Paulo**
- ***Bolsonaro quer deixar todo mundo morrer? E que fim terá a CPI?***
- Quanto ao destino da CPI da Covid, além de cortes internacionais: é improvável o deputado Arthur Lira abrir processo de impeachment, e a PGR já tem o pretexto para lavar as mãos: atua em “fatos”, não em “questões políticas”. Leia-se: entra nos casos de corrupção de governadores (“fatos”), não no desprezo do governo federal por vacinas, relatado por Dimas Covas, do Butantan (“política”). Se isso não vale, nada mais vale contra o presidente Jair Bolsonaro na PGR. Mas o jogo ainda está no meio...

- Se Jair Bolsonaro é tão visceralmente contra as vacinas, como comprova a CPI, e continua tão visceralmente contra o distanciamento social, como mostra sua nova ação no Supremo contra governadores, qual a estratégia dele para conter a sanha assassina do vírus? Ir até o fim dos tempos com sua aposta nas falácias da imunidade de rebanho e da cloroquina?
- Isso leva a uma outra dúvida, ainda mais assustadora: o que o presidente pretende? Deixar todo mundo adoecer e morrer? Estimular a produção e a exportação de novas variantes? Enquanto ele insiste num negacionismo insano, o Brasil está chegando à terrível marca de 500 mil mortos ainda em junho, sem previsão para o fim do pesadelo.
- Dimas Covas foi demolidor na CPI, ao mostrar, com números, valores, datas e documentos, o quanto o governo federal desprezou e até bombardeou a Coronavac, que poderia ter sido aplicada a partir de dezembro de 2020 e vacinado 50 milhões de brasileiros com as duas doses até maio de 2021, mas foi descartada durante meses e nunca recebeu “um centavo” de investimento, como enfatizou Covas.
- Suas revelações se somam às do ex-secretário de Comunicação Fábio Wajngarten e do representante da Pfizer, Carlos Murillo, para sedimentar uma certeza nacional: Bolsonaro efetivamente trabalha contra as vacinas. “Eu não vou tomar e pronto!” Não era só um rompante, é sua convicção quase religiosa contra vacinas. Como contra isolamento e até máscaras.
- Os gabinetes dos senadores e diferentes equipes de pesquisadores trabalham freneticamente para fazer cruzamentos de dados e apontar quantas, das quase 500 mil vidas, poderiam ter sido salvas com uma negociação ativa e eficaz do governo com o Butantan e com a Pfizer, para citar só duas. Também aquele movimento paralelo à CPI, que quer levar o relatório final às cortes internacionais, está buscando essa resposta.
- No mesmo dia em que Dimas Covas narrava toda a irresponsabilidade criminoso do governo federal, Bolsonaro atacava a outra ponta fundamental para conter a contaminação e as mortes: o isolamento social. Covas terminou seu depoimento à tarde. À noite, Bolsonaro e a Advocacia-Geral da União entraram no Supremo contra as medidas restritivas em três novos Estados.
- Logo, o presidente assumiu o lado errado da história e da guerra do coronavírus: jogou suas tropas contra Coronavac, Pfizer e todas as outras – exceto a Oxford/AstraZeneca – e contra distanciamento, quarentena, toque de recolher. E continua em campanha contra a própria máscara, como seus filhos e os militantes bolsonaristas que dão vexame em aviões, aeroportos e eventos no exterior.
- Com tudo isso, a CPI abre um caminho perigoso nesta semana, desviando a atenção das vacinas – ou falta delas – para focar em governadores, até afastados, e médicos pró e contra a cloroquina. Não é só perda de tempo. Ameaça os objetivos da CPI e confunde a própria sociedade brasileira.
- Dar palanque para Wilson Witzel a esta altura? Para a médica Nise Yamaguchi fazer propaganda da cloroquina, na contramão de todas as agências sanitárias do mundo? CPI não é palco para discussões

científicas, nem senadores estão aptos a mediá-las. E, se é para chamar governadores, por que não o presidente?

sexta-feira, 4 de junho de 2021

Malu Gaspar - O capitão dobrou os generais

https://gilvanmelo.blogspot.com/2021/06/malu-gaspar-o-capitao-dobrou-os-generais.html?fbclid=IwAR05_Z1Wpyws8nXgJYtGQRXXBCNgFYA9LEvdoEZbyWIHPTZHE4wwJ0EPmkg



[EZbyWIHPTZHE4wwJ0EPmkg](https://gilvanmelo.blogspot.com/2021/06/malu-gaspar-o-capitao-dobrou-os-generais.html?fbclid=IwAR05_Z1Wpyws8nXgJYtGQRXXBCNgFYA9LEvdoEZbyWIHPTZHE4wwJ0EPmkg)

- **O Globo**

Se havia alguma dúvida sobre a posição do Exército em relação a Jair Bolsonaro, foi eliminada na tarde desta quinta-feira. Com a decisão de não punir o general Eduardo Pazuello por ter subido ao palanque de um ato de apoio ao presidente, no Rio de Janeiro, o comandante da principal força militar do país demonstra que os generais, afinal, não são capazes de conter o capitão.

Os regulamentos militares são claríssimos ao proibir a participação de oficiais da ativa em "manifestações coletivas, tanto sobre atos de superiores quanto as de caráter reivindicatório ou político." Portanto, ao consignar em nota oficial que "não restou caracterizada a prática de transgressão disciplinar por parte do general Pazuello", o comando do Exército passa algumas mensagens à própria tropa e à sociedade brasileira.

Ao Brasil, que não espere do Exército nenhum esforço de proteção à ordem democrática ou ao estado de direito se, do outro lado, forçando os limites, estiver Jair Bolsonaro. Se não foi capaz de contê-lo nem para proteger um pilar básico da força, o respeito a hierarquia e aos códigos militares; se aceitou se humilhar diante do presidente num impasse em que tinha a seu favor uma regra cristalina e inequívoca, não há por que supor que o comandante terá força para fazê-lo quando estiver em jogo alguma questão politicamente difusa, do tipo que se justifica pelas narrativas delirantes de Bolsonaro.

À tropa, o recado é claro. Cabos, soldados, majores, tenentes, coronéis, estão todos liberados para fazer reivindicações salariais, contestar as regras do comando ou mandar às favas o regulamento disciplinar do Exército. A partir de agora é lícito pensar que, se Pazuello pode, eles também podem. As pilhas de processos disciplinares que se acumulam nas mesas dos comandantes podem ser arquivadas ou jogadas no lixo, porque a partir de agora existe uma nova regra: quem tem costas quentes pode promover a anarquia, que está tudo bem.

Era público e notório que Bolsonaro não aceitava nenhuma punição para Pazuello. E bancou a aposta ao nomeá-lo para um cargo no Palácio do Planalto.

Em reação a esses movimentos, há dias generais de vários segmentos vinham procurando a imprensa, diretamente ou por meio de interlocutores, para dizer que não havia hipótese de Pazuello não ser punido. Podia até ser uma punição branda. O que não podia era acabar tudo em "pizza", como se apostava entre os recrutas.

Mas as poucas informações que vazaram sobre a reunião do Alto Comando do Exército, na última quarta-feira, já indicavam que o desfecho do caso seria diferente. Quando um integrante do Alto Comando disse à repórter Jussara Soares que a decisão do comandante seria acatada por todos como uma "decisão do Exército, independentemente da posição pessoal de cada um", estava claro que os generais entendiam que teriam de se dobrar à vontade de Bolsonaro.

Agora, não vai faltar quem se apresse a enviar a imprensa recados na direção contrária. Vão dizer que Bolsonaro é, em última instância, o comandante máximo das Forças Armadas. Dirão ainda que, se ele decidisse revogar a decisão de Paulo Sérgio, o prejuízo à imagem do Exército seria ainda maior.

Tudo balela.

O Exército já desafiou a autoridade de outros presidentes para se preservar, quando achou conveniente. Quando Dilma Rousseff exigiu uma punição para o então general Hamilton Mourão, que em 2015 convocou militares para um "despertar patriótico" e para a mudança do status quo, o comandante, general Villas Boas, negociou uma espécie de punição branca e transferiu Mourão de um comando militar para um setor burocrático, sem tropas. Em 2017, quando Mourão novamente desafiou os militares a resolver "o problema político" do país, o presidente da República era Michel Temer, e não houve nenhuma punição.

Um Exército que não obedece a um comando único, em que cada um faz o que quer, já entra na guerra derrotado. Um Exército em que oficiais priorizam interesses políticos e pessoais em detrimento do todo não serve mais ao país. Transforma-se em partido político. E, armado, facilmente transmuta-se em milícia.

Em última instância, é esse o preocupante sinal enviado ao Brasil pelo desfecho do caso Pazuello. Depois de entrar no governo, o Exército vai se transformando em partido. A continuar assim, o próximo passo é se transformar em milícia.

NOTICIAS.UOL.COM.BR

Opinião: Balaio do Kotscho - Bolsonaro bota fogo no circo, foge debaixo da lona e sai gritando: "Fogo!"

A imagem descrita no título foi a melhor que consegui encontrar para resumir os últimos desatinos do capitão presidente, ao entrar em choque com o Supremo Tribunal Federal, governadores e prefeitos, por não se conformar com a instalação da CPI do Genoc

•

The Economist tem razão:
O problema não é COVID, Pazuelo, Salles, Centrão, Aras, ou quem quer que seja. O problema é BOLSONARO.



YOUTUBE.COM – ENTREEVISTAS – QUEM S
[Entre Vistas com a antropóloga Isabela Kalil](#)

O Entre Vistas de hoje é com a antropóloga Isabela Kalil. Juca Kfoury e a professora falam sobre a ascensão e queda do “bolsonarismo” e a também sobre os ris...

Inquietação social e conservadorismo popular in A TERRA É REDONDA

https://aterraeredonda.com.br/inquietacao-social-e-conservadorismo-popular/?utm_term=2021-06-08&doing_wp_cron=1623175479.1429829597473144531250

Por LUIZ FELIPE F. C. DE FARIAS: Breve ensaio sobre os sentidos do bolsonarismo. [...]

QuarentenaNews

6t Sphounfssfhored ·

GLÓRIA PIRES É PREMONITÓRIA

Por Paulo Baía*

Toda vez que o presidente da República dá uma declaração eu sou procurado por colegas, por estudantes, por jornalistas. E desde o início do mandato do presidente tenho alertado que ele tem uma estratégia: ele gosta de pautar não só a imprensa como a conversa do cotidiano das pessoas. Então ele provoca, falando todas as coisas que lhe agradam, e que o fortalecem junto a seu público. E nós ficamos perdendo tempo debatendo, dizendo que é ruim, que é impossível, que isso afronta a democracia, que afronta as instituições, que afronta a ciência, que afronta a moral, os bons costumes, a ética.

Ontem foi mais um dia desses.

Fui procurado por vários colegas da imprensa, fui procurado por colegas que queriam fazer seminários para discutir politicamente a importância da máscara. Eu disse não a todos. E escrevo essa coluna para dizer que não comento mais falas do presidente. Eu não serei pautado pelo presidente.

O presidente da República ontem, mais uma vez, pautou as conversas de botequim em todo o Brasil. Mais tarde seu ministro da Saúde diz que não é bem assim, que vai ser diferente. Nós não podemos cair mais nesse ‘encanto’ da voz de Bolsonaro, como os navegantes caíam no encanto das vozes das sereias. Eu vou citar a atriz Glória Pires, quando diz: não me sinto confortável para opinar, não tenho motivos para opinar. Por que não me sinto confortável, não tenho motivos para opinar? Porque não quero ser pautado pelo senhor presidente.

Eu quero fazer uma pauta afirmativa que enfrente o governo do presidente. É nessa linha que continuarei seguindo.

Abro uma exceção ao escrever essa coluna, para dizer: não podemos ficar sendo pautados todos os dias, em nossas conversas privadas, em nossas conversas públicas, ouvir rádios, televisões, blogs, repercutindo aquilo que o presidente e seus amigos querem que a gente fique repercutindo. Eu quero

apostar em outra linha, em outra estratégia. Eu estou pouco ligando para o que o presidente fale. Eu não vou ficar igual a vizinha faladeira comentando aquilo que o senhor presidente fala.

Acredito que é um equívoco dos meus vários colegas da universidade, dos meus vários colegas da imprensa, dos meus vários colegas dos grupos de trabalho, ficarem discutindo a lógica das declarações do senhor presidente. Ficarem discutindo o erro daquilo que o senhor presidente diz. Lembro que na década de 1960, eu era muito menino, existia uma frase, um bordão: falem mal, mas falem do teatro nacional.

Falem mal, mas falem do cinema nacional. É esse o lema que o senhor Bolsonaro adota: falem mal, mas falem de Bolsonaro. Falem mal, mas repitam o que Bolsonaro diz.

Enfim, nós ficamos cercados por essa estratégia, que é uma estratégia bem-sucedida de Bolsonaro, desde o início da campanha eleitoral em 2017, com sua eleição em 2018.

Amigos e amigas, vamos fechar os ouvidos para o que Bolsonaro fala. Não vamos repetir o que Bolsonaro fala.

Não vamos ter a nossa conversa diária com todos, a nossa reflexão diária com todos, as nossas falas nos jornais, nos rádios, nas televisões, nos blogs, nos sites, nas redes sociais sendo pautadas, sendo dirigidas cenicamente por Jair Bolsonaro.

Faço esse apelo. Eu não comento mais nenhum tipo de frase, palavras de Bolsonaro, em seu cercadinho, em suas reuniões públicas, em suas motocicletas, enfim, não comento, não comentarei nada.

Como analista político, comentarei discursos públicos oficiais em redes de TV, decretos, artigos e normas. Essas são concretas, eu posso discutir, posso me contrapor e posso apresentar alternativas.

Falas no cercadinho, falas em comemorações, mesmo que em ministérios, falas em carreatas, em motocicletas, desabafo pelo Twitter, pelo Youtube, eu não comentarei. E peço que os demais amigos também não comentem. Vamos pensar nisso: nós estamos sendo pautados por tudo que Jair Bolsonaro fala desde 2017.

Está na hora de acabar com isso. Vamos falar aquilo que nos interessa para enfrentar Jair Bolsonaro.

*Paulo Baía é sociólogo, cientista político e professor da UFRJ

De onde vem o fascínio por Bolsonaro?

Rogério Cezar de Cerqueira Leite, na Folha

De Sun Tzu a Carl von Clausewitz, trata-se de um consenso: o primeiro passo para elaborar uma estratégia de guerra é conhecer o inimigo, suas fraquezas, suas fortitudes. A oposição parece acreditar que Jair Bolsonaro já foi derrotado devido ao comportamento desumano durante a pandemia. Pois bem: os resultados das pesquisas mostram, muito pelo contrário, que ele mantém cerca de 25% dos eleitores, apesar do deplorável comportamento. O presidente tem, portanto, um eleitorado raiz, visceral, que nenhum candidato à Presidência antes demonstrou ter.

Com o auxílio emergencial, vimos no começo da pandemia, ganhou entre 15% e 20% de apoio popular. E ninguém duvida que Bolsonaro lançará mão desse estratagema em momento oportuno.

Além de motoqueiros e milicianos, ainda há empresários e profissionais liberais, que, por conveniência, o apoiarão. Alguns ocultamente, outros

descaradamente. Vejam o triste episódio proporcionado recentemente na CPI da Covid, quando uma quase ministra, a dra. Nise Yamaguchi, tergiversou, mentiu e expos sua ignorância ao não saber exatamente a diferença entre um protozoário e um vírus. Pois bem, o Conselho Federal de Medicina veio em sua defesa, além de nunca ter tido uma posição decente em relação à cloroquina.

É necessário, portanto, compreender qual apelo tem um personagem tão inepto para parte dos motoqueiros, médicos, advogados, engenheiros etc. É preciso descobrir de onde vem esse fascínio. Busquei por todos os lados. Em Shakespeare, encontrei Ricardo 3º, destruidor e malevolente, odiando a humanidade e a natureza que o fizera tão deformado. Mas há uma diferença entre os dois. Ricardo 3º não dispunha de tantos seguidores fanatizados.

Continuei minha busca. Passei pela literatura, talvez Dostoiévski em seu “Os Possessos” (também conhecido como “Os Demônios”). Mas não, seus mais malevolentes personagens se culpam. Andei pela história, pela arqueologia. Nada.

Afinal, encontrei uma possível paródia de Bolsonaro. O hinduísmo tem 300 milhões, de acordo com uma estimativa, ou 600 milhões, de acordo com outra, de divindades. Não poderia deixar de encontrar alguns sócias de quem quer que seja. Mas vejam só que sorte. Encontrei de início uma paródia de Bolsonaro: Shiva, um dos deuses mais importante do hinduísmo. Shiva assume diversas identidades, ou melhor, personalidades. Mas a sua principal missão é destruir. Seus adeptos o defendem dizendo que é preciso destruir para renovar, e aí está o paradigma.

Ao destruir a ciência, a substituição será pelos negacionistas, pelos ignorantes. Ao fragmentar as Forças Armadas e a Polícia Federal, abrirá espaço para as milícias, para os traficantes. Ao subjugar o Congresso e outras instituições, estará abrindo espaço para os oportunistas, para os ressentidos, para os medíocres. E o atual ministério é a comprovação viva desse seu estratagema. Su Shi (Su Dongpo), um poeta chinês do século 11, disse: “Quando nasce uma criança, todos pedem para que seja inteligente. Eu não, quero que meu filho seja apoucado, idiota, pois só assim fará uma carreira, chegará a ministro”.

Bolsonaro é a oportunidade dos medíocres, dos oportunistas, dos bandalhos. E são muitos no Brasil. Toda estratégia para derrotá-lo tem que levar isso em consideração.

IMPERDÍVEIS

Longo, mas não deixem de assistir e divulgar

BOLSONARISMO : Gramática e Literatura

<https://www.youtube.com/watch?v=xh0vOijyvmo>

[The Intercept Brasil](#)

Entenda o bolsonarismo nas suas entranhas e perspectivas regressistas e a guerra interna dentro desta movimento e dentro do Governo Bolsonaro.

(25/3) às 21h, com Leandro Demori e Michel Gherman.

K.Schmitt – Concepção teológica da Política, fundada no medievo como Jean Bodin. Os dois corpos do Rei: a soberania transcendente.

ndada no medievo como Jean Bodin. Os dois corpos do Rei: a soberania transcendente.

Live CBAE - Disciplina da Cátedra Democracia CBAE: Capitalismo, Democracia e Economia Política

<https://www.youtube.com/watch?v=4jx7GQsQqLo>

•Transmitido ao vivo em 3 de nov. de 2020 -

Encontro espaço entre ECONOMIA E LEI – Escola de Genebra, como (re)construção do Estado – Lei, Legislação e Liberdade como contenção à democracia, na defesa do mercado -

[Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ](#)

INSCREVER-SE

Descrição:Disciplina oferecida pela Cátedra Democracia Hélio Jaguaribe, do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ. O objetivo deste curso é discutir a economia política do desenvolvimento no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Para tanto, a disciplina propõe analisar as relações entre Estado, capitalismo edemocracia sob o prisma das mudanças que alteraram radicalmente suas formas de organização nas últimas décadas.

BRASIL 500 MIL MORTOS

Nossas diferenças não estão acima das nossas vidas

https://mail.google.com/mail/u/0?ui=2&ik=16e7b7d1d2&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1703093015050815728&th=17a29a12e58d88f0&view=att&disp=safe&realattid=84c007ec310cb672_0.1

SE BEBER, NÃO ELEJA- GZH

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/claudia-laitano/noticia/2021/07/se-beber-nao-eleja-ckqzvu5630052013bnkdtthxe.html>



CLÁUDIA LAITANO

claudia.laitano21@gmail.com

Se beber, não eleja

Um dia, quando a Era Bolsonaro for apenas um distante equívoco de um passado remoto, alguém talvez use os resultados da pesquisa do Datafolha divulgados na semana passada para ilustrar o estado de dissonância cognitiva em que o país se encontrava em julho de 2021. Dois anos e meio depois de eleger o presidente, a maioria dos brasileiros considera Bolsonaro “desonesto, falso, incompetente, despreparado, indeciso, autoritário e pouco inteligente” (Folha de S. Paulo, 8 de julho de 2021). É como acordar de ressaca, depois de uma farra monumental, e descobrir que todas as gafes e erros de julgamento que você cometeu na véspera irão persegui-lo sem clemência pelos quatro anos seguintes. Você já viu esse filme: “Se beber, não eleja”.

Vale a pena examinar mais de perto os itens pesquisados pelo Datafolha. No primeiro pelotão, estão os adjetivos mais comumente associados aos políticos com os quais não concordamos. “Desonesto, falso, incompetente, despreparado” é o kit básico do descontentamento – o

*O país finalmente
elegeu um
presidente que
faz a maioria dos
cidadãos se sentir
mais inteligente*

genérico que costuma traduzir qualquer tipo de mal-estar difuso com relação a quem está no poder. Essas palavras já foram usadas em contextos e com pesos tão diferentes que quase não significam mais nada. Ser considerado “incompetente” e mesmo “desonesto” raramente impediu um político de ser eleito no Brasil.

Quando chegamos aos itens “indeciso” e “autoritário”, começamos a nos aproximar daquilo que é particularmente original – e dissonante – em Jair Bolsonaro. Trata-se de um homem que se orgulha de dizer que “tem a caneta”, que manda, que faz, que arrebenta, mas ao mesmo tempo costuma terceirizar

LAMENTO DOIDO

Aphonso Parreiras – Brasília março/2021, bolsonarista de primeira e todas as horas.

*

Uma velha canção do Caetano define a conjuntura nacional. Tem razão o baiano:

*Tudo em volta está deserto, tudo certo
Tudo certo como dois e dois são cinco*

*Quando você me ouvir chorar
Tente, não cante, não conte comigo
Falo, não calo, não falo, deixo sangrar
Algumas lágrimas bastam pra consolar*

<https://www.letras.mus.br/roberto-carlos/287144/>

Tudo certo, aliás, e também confortável como afirma o Líder do Governo na Câmara, um diligente Deputado do Centrão, que aliás, me tem bem impressionado pela boa retórica. Retórica, aqui, não no sentido vulgar da manipulação de palavras, mas de bons argumentos mesmo. O homem fala com razões e sentimentos profundos. Só pensa naquilo...

Pois assim é: o Brasil. Tudo em volta, tudo certo, até bastante confortável, apenas alguns renitentes traidores da pátria insistindo com seus habituais ataques à ordem e às autoridades, como, por exemplo, essa professorinha do Sergipe que fica difamando o Presidente da República em outdoors chamando-o genocida; também esse pessoal de uma tal Universidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, proclamando a necessidade de lock down no país inteiro. Já pensaram? Tudo parado. Sem Auxílio Emergencial, nem qualquer apoio aos invisíveis, essa turma que nem existe mas precisa ser apoiada. Claro que garantiremos os grandes investidores para evitar o colapso da bolsa. O Brasil tem que manter sua moral alta. Agora, até o preclaro Dr. Dráuzio Varella, talvez vazado no seu júizo pela idade, deu pra dizer que a situação no Brasil é séria e exige cuidados especiais. De quem? Daquele tal de FHC que só entende de Sociologia francesa, do Lula, que já morreu e ninguém escuta. Daqui a pouco vai ter um goiano pra dizer que o Presidente não vale um pequi roído.

https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2021/03/17/ministro-justica-determina-investigacao-contra-criticos-bolsonaro.htm?utm_campaign=resumo-

[do-dia-edicao-da-manha&fbclid=IwAR2lJf-wqFyXr1UdqTeQ_d6Lm_q-QX_Bm74tL505YNIFrnC5KDOygRgd_6o](https://www.facebook.com/brasil247/?fbclid=IwAR2lJf-wqFyXr1UdqTeQ_d6Lm_q-QX_Bm74tL505YNIFrnC5KDOygRgd_6o)

https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/ministerio_publico_estadual_d_o_rio_grande_do_sul_e_pedido_de_lockdown_para_conter_a_propagacao_do_covid19_na_regiao_de_porto_alegre/?zEDctlb

E quem é esse Felipe Neto, dizendo barbaridades pra meia dúzia de seguidores analfabetos? Tem um filósofo aí, parece que um tal de Kafta, como citou outro dia o Wajngaita QSuco, quando Ministro da Educação, bem o dizia: Essa coisa de internet deu voz aos idiotas. Por sorte nossas instituições funcionam. Estão alertas. Vão processar e prender esses criminosos.

O Brasil, enfim, está no rumo certo, em mãos certas, com filhos e filhas certas, e já festeja a retomada em “V” da sua economia e a boiada do Salles transformando mato em proteína e dólares. Até dezembro, logo ali, estará tudo na mais perfeita ordem. E quem discordar disso é mau brasileiro. Ponto Final. Como diz o Dr. Rolando Lero, pródigo no tratamento de doença do coração no espetinho – kkkkk - , cuja posse depende apenas do Chefe das Forças Armadas pero no mucho, encontrar uma saída para o General, que honrou o Exército pelo brilhante trabalho à testa da Saúde: EM CONTINUIDADE MARCHA! MUDAR , NEM QUE SEJA TROCANDO A FARDA POR AVENTAIS BRANCOS, CONSERVANDO!

VIVA O BRASIL!! VIVA !!!! VIVA A MORTE QUE ABRE ESPAÇOS PARA A RENOVAÇÃO DA VIDA!

Indice

1.

1.BRASIL247.COM

Elite abandona Bolsonaro e Estadão pede pela primeira vez seu impeachment

"O País não pode ficar refém de alguém que despreza a vida da população", diz o jornal, que esteve entre as forças que promoveram o golpe de 2016

2. Uma nação acéfala

<https://osdivergentes.com.br/outras-palavras/uma-nacao-acefala/?fbclid=IwAR0rkkZa73PaaUtU0W1bfTiEKpyYM4SRsORz7iSAB6pNMuLTOoKc-585zd0>

Weiller Diniz - 23janeiro 23, 2021

3. Dois anos de desgoverno – a crise de legitimidade

https://aterraeredonda.com.br/dois-anos-de-desgoverno-a-crise-de-legitimidade/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=dois-anos-de-desgoverno-a-crise-de-legitimidade&utm_term=2021-01-16

16/01/2021 - Por **JUAREZ GUIMARÃES***

4. Artigo na Lancet escancara ataques à ciência do governo Bolsonaro na pandemia de covid-19

<https://agenciaaids.com.br/noticia/artigo-na-lancet-escancara-ataques-a-ciencia-do-governo-bolsonaro-na-pandemia-de-covid-19/>

5. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>

Ao analisar 3.049 normas federais produzidas em 2020, a Faculdade de Saúde Pública da USP e a Conectas Direitos Humanos mostram por que o Brasil já superou mais de 212.000 mortes por covid-19

ELIANE BRUM [21 JAN 2021 - 16:13 BRT](#)

6. Brasil é motivo de escárnio do mundo com sua política desastrosa sobre a vacina

Enquanto em vários países as pessoas já estão sendo vacinadas, no Brasil não se sabe nem se haverá uma campanha para incentivar a imunização ou se prosseguirá a política subterrânea de boicote

<https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-01-13/brasil-e-motivo-de-escarnio-do-mundo-com-sua-politica-desastrosa-sobre-a-vacina.html>

JUAN ARIAS - [13 JAN 2021 - 16:05 BRT](#)

7.O impeachment de Bolsonaro, fruto de um “acordão”, pode ser rápido e cirúrgico

Blog Laurez Cerqueira : <http://laurezcerqueira.com.br/>

-feira, 12 janeiro, 2021

8.Para além do impeachment

https://revistacult.uol.com.br/home/para-alem-do-impeachment-bolsonaro/?fbclid=IwAR3iGAGW8s7iV5OFyl1K5AigTWJ4dcYj7G-hfOhBDqd-1Uv0hasv_ZRB7hA#.YAsvNYaqC1l.facebook



871

Bolsonaro exhibe caixa de cloroquina, remédio sem eficácia para tratar a Covid-19 (Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil)

MARCIO SOTELO FELIPPE é advogado e foi procurador-geral do Estado de São Paulo. É mestre em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP

PESQUISA INSTITUTO DA DEMOCRACIA E DA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO –Abril 2021

A pesquisa chegou aos seguintes dados: 22,2% dos brasileiros acreditam que a terra é plana; 50,7% acreditam que o coronavírus foi criado pelo

governo chinês; 56,4% acreditam que os hospitais são pagos para aumentar o número de pacientes mortos pela Covid-19. Os dados expressam um retrato de desinformação, ou da formação distorcida da opinião pública, que afeta decisivamente o debate público e a democracia no Brasil....

<https://noticias.uol.com.br/colunas/a-cara-da-democracia/2021/05/07/brasileiros-se-posicionam-a-direita-e-acreditam-em-conspiracao-na-pandemia.htm>

A facção da Core: A Polícia Civil do Rio mantém um grupo de assassinos?

Sábado, 8 de maio de 2021- INTERCEPT

Paira no ar a ideia de que o massacre do Jacarezinho enfraquece o poder do Comando Vermelho para favorecer as milícias. Está longe de ser uma ideia descabida, diga-se. Em uma cidade cada vez mais dominada por gente como Adriano da Nóbrega e pelos comparsas do “cara da casa de vidro”, é natural que se faça a ligação entre uma coisa e outra. De modo simbólico, sim, é possível que as milícias aplaudam o massacre. Mas eu quero dar um passo em outra direção.

Antes: até poucos anos atrás, acreditava-se que seria impossível que a milícia entrasse na Cidade de Deus, por exemplo. A favela é muito cobiçada e, hoje se sabe, está sendo comida pelas bordas pelos milicianos. No Jacarezinho é diferente. O Comando Vermelho é muito forte em toda a região: Manguinhos, Arará, Mandela, Urubu, Mangueira, Alemão, Penha, Maré.

Então se não existe, até hoje, movimentação evidente de que grupos milicianos estejam ativamente tentando invadir o Jacarezinho, o que sobra? Evidências de que a Polícia Civil do Rio de Janeiro está mantendo impune um grupo de assassinos.

Policiais que participaram do massacre de quinta-feira – 24 mortos ainda sem nome – são conhecidos à boca pequena como “facção da Core”, a Coordenadoria de Recursos Especiais. A história cresce quando juntamos outros fatos: a “facção” está envolvida no caso João Pedro (menino de 14 anos, morto durante uma operação), na chacina do Salgueiro (oito mortos) e no caso do helicóptero da Maré (oito mortos). São 41 homicídios somente nesses casos. Quantos mais?

É preciso que se investiguem as circunstâncias e os responsáveis dessas operações assassinas. Mas não só isso. É preciso apurar as intenções desses massacres. Não parece que tudo isso possa ficar na conta de seguidas trapalhadas. A PGR precisa devassar a vida dos delegados que comandaram a ação. São agentes públicos. Precisamos saber se ainda somos nós – que pagamos seus salários – os seus verdadeiros patrões.

Ivonio Barros Guarani-Kaiowá

<https://www.justicapaz.org/.../2463-pms-milicias-e...>



JUSTICAPAZ.ORG

PMs, milícias e governo Bolsonaro: uma relação de apoio, favores, vantagens, privilégios e carteiradas. Entrevista especial com Jacqueline Muniz

PMs, milícias e governo Bolsonaro: uma relação de apoio, favores, vantagens, privilégios e carteiradas. Entrevista especial com Jacqueline Muniz

O Jair que há em nós.

Por Ivann Lago- [3 de dezembro de 2020](#)

Em seu [blog](https://racismoambiental.net.br/2020/12/03/o-jair-que-ha-em-nos-por-ivann-lago/?fbclid=IwAR0gMLvZ7mHPM48az1PHCDa53tr534tDkFxNrL6ZbvL7w_r67qjkFk-zoYg)- https://racismoambiental.net.br/2020/12/03/o-jair-que-ha-em-nos-por-ivann-lago/?fbclid=IwAR0gMLvZ7mHPM48az1PHCDa53tr534tDkFxNrL6ZbvL7w_r67qjkFk-zoYg

O Brasil levará décadas para compreender o que aconteceu naquele nebuloso ano de 2018, quando seus eleitores escolheram, para presidir o país, Jair Bolsonaro. Ex-integrante do Exército onde respondeu processo administrativo sob acusação de organização de ato terrorista; deputado de sete mandatos conhecido não pelos dois projetos de lei que conseguiu aprovar em 28 anos, mas pelas maquinações do submundo que incluem denúncias de “rachadinha”, contratação de parentes e envolvimento com milícias; ganhador do troféu de campeão nacional da escatologia, da falta de educação e das ofensas de todos os matizes de preconceito que se pode listar.

Embora seu discurso seja de negação da “velha política”, Bolsonaro, na verdade, representa não sua negação, mas o que há de pior nela. Ele é a materialização do lado mais nefasto, mais autoritário e mais inescrupuloso do sistema político brasileiro. Mas – e esse é o ponto que quero discutir hoje – ele

está longe de ser algo surgido do nada ou brotado do chão pisoteado pela negação da política, alimentada nos anos que antecederam as eleições.

Pelo contrário, como pesquisador das relações entre cultura e comportamento político, estou cada vez mais convencido de que Bolsonaro é uma expressão bastante fiel do brasileiro médio, um retrato do modo de pensar o mundo, a sociedade e a política que caracteriza o típico cidadão do nosso país.

Quando me refiro ao “brasileiro médio”, obviamente não estou tratando da imagem romantizada pela mídia e pelo imaginário popular, do brasileiro receptivo, criativo, solidário, divertido e “malandro”. Refiro-me à sua versão mais obscura e, infelizmente, mais realista segundo o que minhas pesquisas e minha experiência têm demonstrado.

No “mundo real” o brasileiro é preconceituoso, violento, analfabeto (nas letras, na política, na ciência... em quase tudo). É racista, machista, autoritário, interesseiro, moralista, cínico, fofoqueiro, desonesto.

Os avanços civilizatórios que o mundo viveu, especialmente a partir da segunda metade do século XX, inevitavelmente chegaram ao país. Se materializaram em legislações, em políticas públicas (de inclusão, de combate ao racismo e ao machismo, de criminalização do preconceito), em diretrizes educacionais para escolas e universidades. Mas, quando se trata de valores arraigados, é preciso muito mais para mudar padrões culturais de comportamento.

O machismo foi tornado crime, o que lhe reduz as manifestações públicas e abertas. Mas ele sobrevive no imaginário da população, no cotidiano da vida privada, nas relações afetivas e nos ambientes de trabalho, nas redes sociais, nos grupos de *whatsapp*, nas piadas diárias, nos comentários entre os amigos “de confiança”, nos pequenos grupos onde há certa garantia de que ninguém irá denunciá-lo.

O mesmo ocorre com o racismo, com o preconceito em relação aos pobres, aos nordestinos, aos homossexuais. Proibido de se manifestar, ele sobrevive internalizado, reprimido não por convicção decorrente de mudança cultural, mas por medo do flagrante que pode levar a punição. É por isso que o politicamente correto, por aqui, nunca foi expressão de conscientização, mas algo mal visto por “tolher a naturalidade do cotidiano”.

Se houve avanços – e eles são, sim, reais – nas relações de gênero, na inclusão de negros e homossexuais, foi menos por superação cultural do preconceito do que pela pressão exercida pelos instrumentos jurídicos e policiais.

Mas, como sempre ocorre quando um sentimento humano é reprimido, ele é armazenado de algum modo. Ele se acumula, infla e, um dia, encontrará um modo de extravasar. Como aquele desejo do menino piromaníaco que era obcecado pelo fogo e pela ideia de queimar tudo a sua volta, reprimido pelo controle dos pais e da sociedade. Reprimido por anos, um dia ele se manifesta num projeto profissional que faz do homem adulto um bombeiro, permitindo-lhe estar perto do fogo de uma forma socialmente aceitável.

Foi algo parecido que aconteceu com o “brasileiro médio”, com todos os seus preconceitos reprimidos e, a duras penas, escondidos, que viu em um candidato a Presidência da República essa possibilidade de extravasamento. Eis que ele tinha a possibilidade de escolher, como seu representante e líder máximo do país, alguém que podia ser e dizer tudo o que ele também pensa, mas que não pode expressar por ser um “cidadão comum”.

Agora esse “cidadão comum” tem voz. Ele de fato se sente representado pelo Presidente que ofende as mulheres, os homossexuais, os índios, os nordestinos. Ele tem a sensação de estar pessoalmente no poder quando vê o líder máximo da nação usar palavreado vulgar, frases mal formuladas, palavrões e ofensas para atacar quem pensa diferente. Ele se sente importante quando seu “mito” enaltece a ignorância, a falta de conhecimento, o senso comum e a violência verbal para difamar os cientistas, os professores, os artistas, os intelectuais, pois eles representam uma forma de ver o mundo que sua própria ignorância não permite compreender.

Esse cidadão se vê empoderado quando as lideranças políticas que ele elegeu negam os problemas ambientais, pois eles são anunciados por cientistas que ele próprio vê como inúteis e contrários às suas crenças religiosas. Sente um prazer profundo quando seu governante maior faz acusações moralistas contra desafetos, e quando prega a morte de “bandidos” e a destruição de todos os opositores.

Ao assistir o show de horrores diário produzido pelo “mito”, esse cidadão não é tocado pela aversão, pela vergonha alheia ou pela rejeição do que vê. Ao contrário, ele sente aflorar em si mesmo o Jair que vive dentro de cada um, que fala exatamente aquilo que ele próprio gostaria de dizer, que extravasa sua versão reprimida e escondida no submundo do seu eu mais profundo e mais verdadeiro.

O “brasileiro médio” não entende patavinas do sistema democrático e de como ele funciona, da independência e autonomia entre os poderes, da necessidade de isonomia do judiciário, da importância dos partidos políticos e do debate de ideias e projetos que é responsabilidade do Congresso Nacional. É essa ignorância política que lhe faz ter orgasmos quando o Presidente incentiva ataques ao Parlamento e ao STF, instâncias vistas pelo “cidadão comum” como lentas, burocráticas, corrompidas e desnecessárias. Destruí-las, portanto, em sua visão, não é ameaçar todo o sistema democrático, mas condição necessária para fazê-lo funcionar.

Esse brasileiro não vai pra rua para defender um governante lunático e medíocre; ele vai gritar para que sua própria mediocridade seja reconhecida e valorizada, e para sentir-se acolhido por outros lunáticos e medíocres que formam um exército de fantoches cuja força dá sustentação ao governo que o representa.

O “brasileiro médio” gosta de hierarquia, ama a autoridade e a família patriarcal, condena a homossexualidade, vê mulheres, negros e índios como inferiores e menos capazes, tem nojo de pobre, embora seja incapaz de perceber que é tão pobre quanto os que condena. Vê a pobreza e o desemprego dos outros como falta de fibra moral, mas percebe a própria miséria e falta de dinheiro como culpa dos outros e falta de oportunidade. Exige

do governo benefícios de toda ordem que a lei lhe assegura, mas acha absurdo quando outros, principalmente mais pobres, têm o mesmo benefício.

Poucas vezes na nossa história o povo brasileiro esteve tão bem representado por seus governantes. Por isso não basta perguntar como é possível que um Presidente da República consiga ser tão indigno do cargo e ainda assim manter o apoio incondicional de um terço da população. A questão a ser respondida é como milhões de brasileiros mantêm vivos padrões tão altos de mediocridade, intolerância, preconceito e falta de senso crítico ao ponto de sentirem-se representados por tal governo.

—

Ivann Carlos Lago é sociólogo, mestre e doutor em Sociologia Política. É professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo (RS). Atua nas áreas de Teoria Política, Instituições Políticas e Regimes de Governo, Cultura e Comportamento Político, Partidos e Eleições. É professor permanente do Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas da UFFS.

O texto é de 28 de fevereiro de 2020, mas infelizmente só hoje cheguei a ele, enviado por Isabel Carmi Trajber, a quem agradeço. E – também infelizmente – ele continua lamentavelmente atual. (Tania Pacheco)

Destaque: Hieronymus Bosch – detalhe de O Juízo Final

domingo, 9 de maio de 2021

Míriam Leitão - Falsos remédios e muitos venenos



- *O Globo*

Cloroquina é o símbolo deste governo que sempre tem falsos remédios com efeitos tóxicos para os problemas do país. O Brasil está diante de um devastador retrocesso na educação por causa da pandemia, e a proposta pela qual o governo Bolsonaro se bate é o homeschooling . O país vive uma grave crise na democracia, em parte criada por este governo, mas Bolsonaro exige a volta do voto impresso e por ele ameaça até a realização das eleições. Em vez de uma política de segurança, o projeto que tem sido posto em prática é a liberação das armas. Para o trânsito, o projeto, felizmente atenuado no Congresso, foi o da menor punição para infratores e o fim da cadeirinha das crianças. Em cada área pode-se encontrar a solução “cloroquina”, um falso remédio, que é, na verdade, um veneno.

Na semana passada, a CPI mostrou o efeito da cloroquina na política de saúde brasileira. Ela impede que se desenvolvam boas práticas para enfrentar a pior pandemia em um século, passou a ser a peça central da política pública, a única questão que mobiliza o presidente e o entorno do Palácio. Por ela, um ministro foi demitido, outro pediu demissão, o terceiro se escondeu atrás do Exército e o quarto engasgou. O senador Renan Calheiros (MDB-AL) fez seis vezes a mesma pergunta ao ministro Marcelo Queiroga, o senador Omar Aziz (PSD-AM), outras duas vezes. Queiroga não conseguia desengasgar e dizer se compartilhava ou não compartilhava da opinião do presidente sobre a cloroquina. “Apego ao cargo”, concluiu o senador Otto Alencar (PSD-BA). O remédio usado em caso de malária e lupus, com ineficácia comprovada para Covid-19, traz para o Brasil o pior dos efeitos colaterais. Por causa da obsessão do presidente, o país deixou de ter uma política de combate à pandemia. “Canalha”, disse Bolsonaro para definir quem discorda do uso da cloroquina. Um espelho o ajudaria a encontrar um bom destinatário para o adjetivo.

Foi uma semana dilacerante. O país perdeu um artista querido que lotava cinemas e teatros, que nos fazia rir em momento que tanto precisamos. Perdemos Paulo Gustavo com 42 anos e uma vida pela frente e isso nos lembra que a morte por Covid está ficando mais jovem. No dia mesmo em que seu corpo era cremado, o Rio viu mais uma chacina. Jacarezinho foi palco de um horror de país em guerra. O governador Claudio Castro disse que a operação da Polícia Civil, que vitimou um policial e 27 moradores, foi fruto de ação de inteligência. A identidade dos moradores mortos não havia ainda sido divulgada, e o vice-presidente, Hamilton Mourão, definiu-os como “tudo bandido”. Mais tarde, repetiu que eram todos “marginais”. Se forem, então, podem ser executados, sem direito a um processo? As leis brasileiras não têm pena de morte, mas para o vice-presidente pessoas podem ser mortas, sem direito a um processo. Para completar, Mourão disse que no Rio “é a mesma

coisa que se a gente tivesse combatendo no país inimigo. Quase a mesma coisa.”

A solução cloroquina que ele oferece aqui é letal. Em vez de uma política de segurança, execução em massa, suspensão do devido processo legal, e a transformação do Rio em território inimigo. Mourão pelo visto quer mostrar a Bolsonaro que merece continuar sendo seu vice. Compartilha dos mesmos valores. Resta perguntar à dupla o que fazer com a milícia nesse “país inimigo”.

Durante a semana em que a CPI exibiu uma radiografia de como o governo tem contribuído para o aumento do contágio e das mortes por Covid-19, Bolsonaro esteve sob o comando do filho Carlos. Para tentar desviar a atenção posta na CPI, Bolsonaro empilhou absurdos. Ameaçou baixar um decreto autoritário, atacou o principal parceiro comercial do Brasil e fornecedor de insumos para vacinas e disse que pode não haver eleições, se não for aprovado e implantado o voto impresso.

Bolsonaro quer impor uma pauta estranha às urgências do país, em todas as áreas. Mais de cinco milhões de crianças e adolescentes não tiveram acesso à educação durante a pandemia, e, quanto mais pobre, menos o aluno está aprendendo. Estamos vivendo uma tragédia que recai sobre uma geração inteira de estudantes. Mas a solução cloroquina é permitir que um grupo de fanáticos tenha o direito de aprisionar a cabeça dos filhos numa educação medieval, que elimina a escola. Assim é o governo Bolsonaro. Tóxico.

Bolsonarismo: ideologia, psicologia, política

09/05/2021

https://aterraeredonda.com.br/bolsonarismo-ideologia-psicologia-politica/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas_publicacoes&utm_term=2021-05-09

Por **RICARDO MUSSE***

Apresentação do livro recém-lançado de Rubens Pinto Lyra.

Rubens Pinto Lyra ocupa uma posição ímpar no marxismo brasileiro. Por conta de determinadas características de sua produção intelectual, de sua inserção institucional e até mesmo de um recorte geracional pode ser considerado como um dos expoentes do marxismo acadêmico, tardiamente implantado no Brasil.

O marxismo acadêmico brasileiro só surge propriamente na década de 1960, tendo por marcos inaugurais a tese de livre-docência de José Arthur Giannotti “Alienação do trabalho objetivo” (1960) – publicada em livro, em 1966, com o título *Origens da dialética do trabalho* – e os artigos da mesma época de Ruy Fausto, reunidos apenas em 1983 no volume *Marx: lógica e política*. O marxismo filosófico uspiano se consolida na sequência com as teses de José Chasin e Emir Sader, alunos de Giannotti e Ruy Fausto.

Em comum, o esforço de promover uma reconstituição do pensamento de Karl Marx a partir de uma leitura “rigorosa” de suas obras, projeto semelhante e coetâneo ao empreendimento capitaneado, na França, por Louis Althusser que resultou na edição de *Lire Le Capital* (Maspero, 1965). A ideia pressuposta era que a divulgação e a própria ação política marxista – postas em parêntese – fossem antecedidas pela elucidação dos fundamentos metodológicos e lógicos do materialismo histórico, etapa considerada imprescindível para evitar o dogmatismo das versões impostas pelos partidos comunistas e os equívocos históricos dos regimes socialistas então existentes.

O marxismo uspiano, embora frequentemente apresentado como uma aclimatação local do marxismo ocidental contém muitos poucos elementos característicos dessa linhagem, afora a mencionada tentativa comum de estabelecer os fundamentos filosóficos da obra de Marx. Nele, não encontramos a preocupação com a questão da “cultura”, central para os autores dessa corrente. Tampouco os esforços, considerados imprescindíveis, em compreender o presente histórico e promover a crítica da ideologia específica de cada forma e regime de acumulação, isto é, de cada fase do capitalismo.

A associação de autores brasileiros com o assim chamado “marxismo ocidental” torna-se mais pertinente, no entanto, quando referida àqueles que concederam primazia à cultura, na maioria das vezes por conta de deglutições do pensamento do jovem Lukács e/ou de Antonio Gramsci. É o caso do grupo reunido, no Rio de Janeiro, em torno da revista *Civilização Brasileira*, no qual se destacam Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto; do trio Bento Prado Jr., Roberto Schwarz e Paulo Arantes trafegando no circuito Paris-Maria Antônia; e no exílio francês, de Rubens Pinto Lyra.

O percurso intelectual de Rubens Pinto Lyra pode ser descrito como uma série de movimentos, aparentemente dispersos, mas na verdade estreitamente entrecruzados, que o aproxima cada vez mais das coordenadas formais e do repertório conceitual característico do marxismo ocidental. Na década de 1970, como resultado de sua formação escolar na França, Lyra publica dois livros sobre a história do movimento comunista e socialista. De volta ao Brasil, já como professor da Universidade Federal da Paraíba escreveu ininterruptamente, nos últimos quarenta anos, sobre questões de conjuntura e de ciência política; de teoria e filosofia do direito; de comunicação e jornalismo, de história e sociologia; de economia e psicologia; de educação e de religião.

Essa exuberância, a espantosa multiplicidade de áreas do conhecimento visitadas com a competência e o rigor do especialista, configura um perfil intelectual que transcende a divisão universitária do saber. Trata-se de uma demanda inerente ao marxismo, potencializada pelos marxistas ocidentais, em sua busca do conhecimento da “totalidade”. A exigência de uma compreensão não compartimentada decorre da própria organização, sistêmica, do modo de produção capitalista, que não se deixa apreender sem a tessitura de uma extensa rede conceitual. Como bem resumiu Jürgen Habermas, o “materialismo histórico” é também e sobretudo um “materialismo interdisciplinar”.

Neste livro, significativamente intitulado *Ideologia, psicologia e política explicam o bolsonarismo*, essas linhas de força convergem cristalizando numa peça unitária e múltipla resultados de décadas de investigação que surgem para o leitor, no entanto, com o encanto e o frescor de uma aparição súbita.

A renovação do marxismo, ensaiada por Rubens Pinto Lyra, faz-se perceptível em recorrentes instâncias de autorreflexão, momentos em que o texto se debruça sobre si, meditando e expondo seus pressupostos teóricos. Não se trata, porém, da procura pelos fundamentos originários da obra de Marx como se fez na alçada do marxismo acadêmico uspiano. Trata-se, antes – nas pegadas de *Marxismo e filosofia*, de Karl Korsch e de *História e consciência de classe*, de Georg Lukács – de proceder a uma reconstituição histórica, na chave de um balanço comparativo, dos acertos e equívocos teóricos e práticos de concepções, interpretações, partidos, correntes e movimentos autodeclarados marxistas.

Esse procedimento pode ser encontrado em grande parte dos comentários dedicados a assuntos específicos que compõem os cinco blocos do livro. Desdobra-se de forma explícita e com maior desenvoltura, no entanto, no longo artigo que aborda a crítica de Karl Kautsky a Lênin e ao bolchevismo. Salienta-se lá a singularidade do marxismo de Lyra que, além de demonstrar a atualidade e advogar em favor de um autor esquecido e “renegado”, não teme abraçar, sem rodeios, a defesa da opção pelas “reformas”.

Em sintonia com os preceitos do “marxismo ocidental”, o objetivo central do livro, salientado inúmeras vezes pelo autor, é compreender o presente histórico. O fenômeno aí destacado – simultaneamente ponto de partida e de chegada da investigação – é o “bolsonarismo”. Este é apreendido não como uma onda momentânea, conjuntural, mas como o resultado de processos de longa duração enraizados na sociedade. A ascensão de Jair M. Bolsonaro à Presidência da República não é encarada como um acidente, uma excrescência ou uma exceção; é explicada como expressão de uma tendência recorrente de regressão autoritária, inerente ao processo de acumulação do capital.

Rubens Pinto Lyra, como bom marxista, não prescinde das determinações econômicas na interpretação da ressurgência mundial de movimentos neofascistas. Detalha cuidadosamente a hegemonia neoliberal, o poder das grandes corporações e a predominância do capital financeirizado no âmbito do capitalismo mundializado. Insurge-se, porém, contra o economicismo, recorrendo à distinção destacada por Marx e Engels em *A ideologia alemã*: o “modo de produção” desdobra-se em um “modo de vida”. Marx anos depois retomou esse ponto em *Para a crítica da economia política*, com outra terminologia, ressaltando que o condicionamento econômico, a base, se manifesta sob o manto da ideologia – de forma abstrata, mas nem por isso menos efetiva – nos amplos domínios da superestrutura: na política, no direito, na filosofia, na religião, etc.

Não é, portanto, por acaso que o autor inseriu logo no início do livro um conjunto de quatro artigos que abordam a questão da “ideologia”. Nesse grupo

destaca-se “Ideologia: conceito e aspectos essenciais”, no qual Lyra reconstitui – de forma didática – a discussão sobre esse termo e apresenta uma interpretação própria e original do conceito. Elucida as conexões do termo “ideologia” com as noções gramscianas de “senso-comum” e de “hegemonia” e ressalta o teor político dessa categoria, expressão em última instância da luta de classes.

O livro desenvolve-se a partir daí como uma incisiva crítica da ideologia contemporânea em suas diferentes formulações e esferas de abrangência. Não escapa ao seu crivo o liberalismo, o neoliberalismo e o neoconservadorismo, presentes em campos tão diversos como a política, o direito, o Estado, a comunicação, a educação e a religião.

A explicação do bolsonarismo exige, porém, um passo além: a investigação dos efeitos da ideologia na subjetividade, no âmago da formação psicológica dos indivíduos. Uma parcela do voto e principalmente a adesão aos movimentos neofascistas destoam do padrão “decisão racional motivada por interesses materiais”. A perda da autonomia individual, a fixação num ideário regressivo e conservador, decorre de fatores psicossociais, da presença, ressaltada pela psicanálise, de forças irracionais e inconscientes na determinação do comportamento humano. Nessa direção, Lyra mobiliza de forma criativa o arsenal conceitual desenvolvido por Erich Fromm.

Por fim, uma análise erudita e refinada do pensamento de Maquiavel deixa ainda mais claro porque “a política explica o bolsonarismo”, ao mesmo tempo em que esboça as premissas de uma prática emancipatória, de uma autêntica ação transformadora.

***Ricardo Musse** é professor do Departamento de Sociologia da USP. Autor, entre outros livros de Émile Durkheim: Fato social e divisão do trabalho (Ática).

Referência

Rubens Pinto Lyra. Apresentação do livro *Bolsonarismo: ideologia, psicologia, política*. João Pessoa, Editora do CCTA/UFPB, 2021, 314 págs.

Texto do professor Juremir Machado da Silva

"Não, Jair Bolsonaro não é um candidato como outro qualquer. É pior. Ele é um imaginário, uma mentalidade, uma visão de mundo. O seu método de leitura do que acontece na vida é a simplificação. Torna o complexo falsamente simples por meio de uma redução a zero dos fatores que adensam qualquer situação. Se há violência contra os cidadãos, que cada um receba armas para se defender. Se há impunidade, que a justiça seja sumária e sem muitos recursos. Se há bandidos nas ruas, que a polícia possa matá-los sem que as condições

de cada morte sejam examinadas. Se há corrupção, que não se perca tempos com processos.

Bolsonaro encarna o pensamento do homem medíocre, o homem mediano que não assimila explicações baseadas em causas múltiplas. Se há miséria, a culpa é da preguiça dos miseráveis. Se há crime, a culpa é sempre da má índole. Se há manifestações, é por falta de ordem. A sua filosofia por excelência é o preconceito em tom de indignação moral, moralista. A sua solução ideal para os conflitos é a repressão, a cadeia, o cassetete. Bolsonaro corporifica o imaginário do macho branco autoritário que odeia o politicamente correto e denuncia uma suposta dominação do mundo pelos homossexuais. É o cara que, com pretensa convicção amparada em evidências jamais demonstradas, diz:

– Não se pode mais ser homem neste país. Vamos ser todos gays.

Ele representa a ideia de que ficamos menos livres quando não podemos fazer tranquilamente piadas sobre negros, gays e mulheres. Bolsonaro tem a cara de todos aqueles que consideram índios indolentes, dormindo sobre latifúndios improdutivos, e beneficiários do bolsa família preguiçosos que só querem mamar nas tetas do Estado. Bolsonaro é o sujeito desinformado que sustenta que na ditadura não havia corrupção. É o empresário ambicioso que se for para ganhar mais dinheiro abre mão da democracia. É o produtor que vê exagero em certas denúncias de trabalho escravo. É o homem que acha normal, em momentos de estresse, chamar mulher de vagabunda. O eleitor padrão de Bolsonaro sonha com uma sociedade de homens armados nas ruas, sem legislação trabalhista, sem greves, sem sindicatos, sem liberdade de imprensa.

O projeto de Bolsonaro é o retorno a um regime de força por meio de voto. Aparelhamento da democracia. Na parede do imaginário e de certas propagandas de Bolsonaro e dos seus fiéis aparecem ditadores. O seu paraíso é da paz dos cemitérios e das prisões para os dissidentes. Um imaginário é uma representação que se torna realidade. Uma realidade que se torna representação. Bolsonaro é um modo de ser no mundo baseado na truculência, na restrição de liberdade, na eliminação da complexidade, no encurtamento dos processos de tomada de decisões.

Bolsonaro usa a democracia para asfixiá-la. É um efeito perverso do jogo democrático. Condensa uma interpretação do mundo que não suporta a diversidade, o respeito à diferença, a pluralidade, o dissenso, o conflito, o embate. Inculto, ignora a história. Não há dívida com os escravizados e seus descendentes. A culpa pela infâmia da escravidão não é de quem escravizou. O presente exime-se do passado. Bolsonaro é a ignorância que perdeu a vergonha. Contra ele só há um procedimento eficaz: o voto. Se necessário, o voto útil."

5353

8 comentários

16 compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

8 comentários

Ver mais 7 comentários

Entendendo Bolsonaro | Bolsonaro empurra o Brasil para golpe ou revolução

maio 28, 2021 30-<https://www.24brasil.com/geral/entendendo-bolsonaro-bolsonaro-empurra-o-brasil-para-golpe-ou-revolucao/1188886-noticias>

*** Vinícius Rodrigues Vieira**

A sucessão de eventos da última semana de maio cristalizou em mim algo com o qual me debato há tempos: o presidente colocou o Brasil num beco sem saída. Para sair dele, os instrumentos legais disponíveis mostram-se contraproducentes. Não é opinião: trata-se de uma análise. Se fosse opinar, defenderia o impeachment do chefe de Estado brasileiro. Afinal, a Constituição é a arma principal de qualquer democrata.

Dito isso, as revelações estarrecedoras de depoentes à CPI da Pandemia, a demora no Exército em por ter participado de ato partidário ao lado do presidente, a dificuldade em termos uma alternativa além de Lula contra Bolsonaro em 2022 e o cenário global de declínio democrático levam-me a traçar três cenários nada alvissareiros para nosso futuro. Cada um dos cenários faz uma analogia com uma experiência de golpe ou revolução em anos recentes, envolvendo líderes populistas e/ou autoritários.

1) Bolsonaro vira Chávez 2002: irritados com o presidente e cientes de seu caráter assassino na condução da pandemia, forças legalistas do Exército impõem-lhe uma renúncia forçada, com o apoio - ainda que indireto - de parte da imprensa.

No entanto, bolsonaristas - civis e militares - acabam por reagir, denunciando ao mundo uma clara violação da democracia. Bolsonaro volta ao poder com mais força, tal como Hugo Chávez o fez na Venezuela depois de ter ficado quase 48 horas, em abril de 2002, sob custódia militar. Pró-Chávez, a guarda presidencial ajudou o presidente a se reinstalar no poder.

No Brasil, pode desempenhar tal função o EB - ou seja, os oficiais que são parte do Exército Bolsonarista (que, ao que tudo indica, existe de fato dentro do verdadeiro EB, o Exército Brasileiro). "Bolsochávez" é magnânimo no começo, mas, depois, inicia uma escalada autoritária, com intervenções no Legislativo e no Judiciário, para sair do poder apenas morto, tal como o Chávez original.

As similaridades entre o Brasil de 2021 e a Venezuela de 2002 são altas, sobretudo quando consideramos o tempo de mandato (tal como Chávez à época, Bolsonaro tem hoje quase três anos de mandato) e as intenções antidemocráticas dos mandatários, até então apenas no nível retórico, com intervenções cirúrgicas nas instituições (exemplo: aparelhamento de ministérios);

2) Bolsonaro vira Erdogan 2016: o presidente turco Recep Tayyip Erdogan - no poder desde 2003, inicialmente como primeiro-ministro e, depois de 2014, como chefe de Estado - sofre uma tentativa de golpe promovida por facções das Forças Armadas que veem no mandatário uma ameaça aos princípios seculares legados por Atatürk, pai da república fundada em 1923, sob os escombros do Império Otomano, então guiado por valores islâmicos.

Nesse sentido, as similaridades com o Brasil são impressionantes. A República aqui é fruto de um golpe militar dado por oficiais positivistas, que defendiam uma separação entre a Igreja Católica e o Estado. Secularismo e positivismo que foram postos em xeque por Bolsonaro, haja vista sua proximidade com cristãos conservadores e postura anticiência na condução da pandemia.

Diferentemente do cenário "Bolsochávez", nesse caso o presidente brasileiro tornar-se-ia "Bolsogan". Erdogan vingou-se imediatamente dos golpistas, promovendo expurgos no serviço público civil e militar, atingido até mesmo o Judiciário. Nesse caso, a similaridade entre o Brasil de 2021 e a Turquia de 2016 é média. Tal como Bolsonaro, Erdogan já vinha numa escalada autoritária, mas estava no poder há mais tempo, tendo apoio sólido no Parlamento;

3) Bolsonaro vira Trump 2020: tudo se mantém como está até 2022, quando Bolsonaro perderia a reeleição. Inicia-se uma disputa ranhida pela recontagem de votos. Acusações falsas de fraude mobilizam bolsonaristas, inclusive militares de baixa patente, sem, no entanto, haver maiores consequências.

Algum prédio público em Brasília é invadido tal como o Capitólio o foi em janeiro de 2021, mas aqueles contra Bolsonaro se impõem dada a ausência de apoio dos altos oficiais à aventura golpista. O então ex-presidente dedica-se a infernizar o novo governo, numa preparação para 2026 e resistência a eventual extradição para ser julgado por crimes contra a humanidade em Haia.

No entanto, a similaridade entre o Brasil de 2021 e os Estados Unidos de 2020, vale lembrar, é baixa. Como os militares não se cansam de demonstrar, o Exército Bolsonarista já existe e ficaria ao lado do presidente nesse cenário, realizando o sonho de seu grande ídolo americano: manter-se no poder à força. Assustador, não? Sim, mas também realista, haja vista o entusiasmo de oficiais e, sobretudo, praças com Bolsonaro e a tradicional falta de independência entre poder civil e militar no Brasil.

Os bundas-sujas - expressão aplicada a militares medíocres e civis incompetentes em geral - venceram. Não me apraz usar uma expressão que beira a escatologia num artigo, mas a realidade se impõe. Vejo a combinação dos cenários 1 e 3 como a mais provável - Bolsonaro fica no poder a qualquer custo e, no pós-2022, teremos um autoritarismo incremental.

E quanto ao impeachment? Caro leitor, ao traçar cenários prospectivos, não se deve discutir miragens. Bolsonaro ainda dispõe do apoio de um terço do

eleitorado e, o que mais importa, o respaldo dos bundas-sujas. A revolução deles já começou e - perdoem-me a franqueza analítica - a atual Constituição talvez não tenha papel suficiente para limpar tamanha sujeira.

* **Vinicius Rodrigues Vieira** é doutor em Relações Internacionais por Oxford e professor na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e na FGV

Eliane Cantanhêde - Lado errado da história

<https://gilvanmelo.blogspot.com/2021/05/eliane-cantanhede-lado-errado-da.html>

O Estado de S. Paulo - domingo, 30 de maio de 2021

Bolsonaro quer deixar todo mundo morrer? E que fim terá a CPI?

- Quanto ao destino da CPI da Covid, além de cortes internacionais: é improvável o deputado Arthur Lira abrir processo de impeachment, e a PGR já tem o pretexto para lavar as mãos: atua em “fatos”, não em “questões políticas”. Leia-se: entra nos casos de corrupção de governadores (“fatos”), não no desprezo do governo federal por vacinas, relatado por Dimas Covas, do Butantan (“política”). Se isso não vale, nada mais vale contra o presidente Jair Bolsonaro na PGR. Mas o jogo ainda está no meio...
- Se Jair Bolsonaro é tão visceralmente contra as vacinas, como comprova a CPI, e continua tão visceralmente contra o distanciamento social, como mostra sua nova ação no Supremo contra governadores, qual a estratégia dele para conter a sanha assassina do vírus? Ir até o fim dos tempos com sua aposta nas falácias da imunidade de rebanho e da cloroquina?
- Isso leva a uma outra dúvida, ainda mais assustadora: o que o presidente pretende? Deixar todo mundo adoecer e morrer? Estimular a produção e a exportação de novas variantes? Enquanto ele insiste num negacionismo insano, o Brasil está chegando à terrível marca de 500 mil mortos ainda em junho, sem previsão para o fim do pesadelo.
- Dimas Covas foi demolidor na CPI, ao mostrar, com números, valores, datas e documentos, o quanto o governo federal desprezou e até bombardeou a Coronavac, que poderia ter sido aplicada a partir de dezembro de 2020 e vacinado 50 milhões de brasileiros com as duas doses até maio de 2021, mas foi descartada durante meses e nunca recebeu “um centavo” de investimento, como enfatizou Covas.
- Suas revelações se somam às do ex-secretário de Comunicação Fábio Wajngarten e do representante da Pfizer, Carlos Murillo, para sedimentar uma certeza nacional: Bolsonaro efetivamente trabalha

contra as vacinas. “Eu não vou tomar e pronto!” Não era só um rompante, é sua convicção quase religiosa contra vacinas. Como contra isolamento e até máscaras.

- Os gabinetes dos senadores e diferentes equipes de pesquisadores trabalham freneticamente para fazer cruzamentos de dados e apontar quantas, das quase 500 mil vidas, poderiam ter sido salvas com uma negociação ativa e eficaz do governo com o Butantan e com a Pfizer, para citar só duas. Também aquele movimento paralelo à CPI, que quer levar o relatório final às cortes internacionais, está buscando essa resposta.
- No mesmo dia em que Dimas Covas narrava toda a irresponsabilidade criminosa do governo federal, Bolsonaro atacava a outra ponta fundamental para conter a contaminação e as mortes: o isolamento social. Covas terminou seu depoimento à tarde. À noite, Bolsonaro e a Advocacia-Geral da União entraram no Supremo contra as medidas restritivas em três novos Estados.
- Logo, o presidente assumiu o lado errado da história e da guerra do coronavírus: jogou suas tropas contra Coronavac, Pfizer e todas as outras – exceto a Oxford/AstraZeneca – e contra distanciamento, quarentena, toque de recolher. E continua em campanha contra a própria máscara, como seus filhos e os militantes bolsonaristas que dão vexame em aviões, aeroportos e eventos no exterior.
- Com tudo isso, a CPI abre um caminho perigoso nesta semana, desviando a atenção das vacinas – ou falta delas – para focar em governadores, até afastados, e médicos pró e contra a cloroquina. Não é só perda de tempo. Ameaça os objetivos da CPI e confunde a própria sociedade brasileira.
- Dar palanque para Wilson Witzel a esta altura? Para a médica Nise Yamaguchi fazer propaganda da cloroquina, na contramão de todas as agências sanitárias do mundo? CPI não é palco para discussões científicas, nem senadores estão aptos a mediá-las. E, se é para chamar governadores, por que não o presidente?

Malu Gaspar - O capitão dobrou os generais - sexta-feira, 4 de junho de 2021

https://gilvanmelo.blogspot.com/2021/06/malu-gaspar-o-capitao-dobrou-os-generais.html?fbclid=IwAR05_Z1Wpyws8nXgJYtGQRXXBCNgFYA9LEvdo



EZbyWIHPTZHE4wwJ0EPmkg

- O Globo

Se havia alguma dúvida sobre a posição do Exército em relação a Jair Bolsonaro, foi eliminada na tarde desta quinta-feira. Com a decisão de não punir o general Eduardo Pazuello por ter subido ao palanque de um ato de apoio ao presidente, no Rio de Janeiro, o comandante da principal força militar

do país demonstra que os generais, afinal, não são capazes de conter o capitão.

Os regulamentos militares são claríssimos ao proibir a participação de oficiais da ativa em "manifestações coletivas, tanto sobre atos de superiores quanto as de caráter reivindicatório ou político." Portanto, ao consignar em nota oficial que "não restou caracterizada a prática de transgressão disciplinar por parte do general Pazuello", o comando do Exército passa algumas mensagens à própria tropa e à sociedade brasileira.

Ao Brasil, que não espere do Exército nenhum esforço de proteção à ordem democrática ou ao estado de direito se, do outro lado, forçando os limites, estiver Jair Bolsonaro. Se não foi capaz de contê-lo nem para proteger um pilar básico da força, o respeito a hierarquia e aos códigos militares; se aceitou se humilhar diante do presidente num impasse em que tinha a seu favor uma regra cristalina e inequívoca, não há por que supor que o comandante terá força para fazê-lo quando estiver em jogo alguma questão politicamente difusa, do tipo que se justifica pelas narrativas delirantes de Bolsonaro.

À tropa, o recado é claro. Cabos, soldados, majores, tenentes, coronéis, estão todos liberados para fazer reivindicações salariais, contestar as regras do comando ou mandar às favas o regulamento disciplinar do Exército. A partir de agora é lícito pensar que, se Pazuello pode, eles também podem. As pilhas de processos disciplinares que se acumulam nas mesas dos comandantes podem ser arquivadas ou jogadas no lixo, porque a partir de agora existe uma nova regra: quem tem costas quentes pode promover a anarquia, que está tudo bem.

Era público e notório que Bolsonaro não aceitava nenhuma punição para Pazuello. E bancou a aposta ao nomeá-lo para um cargo no Palácio do Planalto.

Em reação a esses movimentos, há dias generais de vários segmentos vinham procurando a imprensa, diretamente ou por meio de interlocutores, para dizer que não havia hipótese de Pazuello não ser punido. Podia até ser uma punição branda. O que não podia era acabar tudo em "pizza", como se apostava entre os recrutas.

Mas as poucas informações que vazaram sobre a reunião do Alto Comando do Exército, na última quarta-feira, já indicavam que o desfecho do caso seria diferente. Quando um integrante do Alto Comando disse à repórter Jussara Soares que a decisão do comandante seria acatada por todos como uma "decisão do Exército, independentemente da posição pessoal de cada um", estava claro que os generais entendiam que teriam de se dobrar à vontade de Bolsonaro.

Agora, não vai faltar quem se apresse a enviar a imprensa recados na direção contrária. Vão dizer que Bolsonaro é, em última instância, o comandante máximo das Forças Armadas. Dirão ainda que, se ele decidisse revogar a decisão de Paulo Sérgio, o prejuízo à imagem do Exército seria ainda maior.

Tudo balela.

O Exército já desafiou a autoridade de outros presidentes para se preservar, quando achou conveniente. Quando Dilma Rousseff exigiu uma punição para o então general Hamilton Mourão, que em 2015 convocou militares para um "despertar patriótico" e para a mudança do status quo, o comandante, general Villas Boas, negociou uma espécie de punição branca e transferiu Mourão de um comando militar para um setor burocrático, sem tropas. Em 2017, quando Mourão novamente desafiou os militares a resolver "o problema político" do país, o presidente da República era Michel Temer, e não houve nenhuma punição.

Um Exército que não obedece a um comando único, em que cada um faz o que quer, já entra na guerra derrotado. Um Exército em que oficiais priorizam interesses políticos e pessoais em detrimento do todo não serve mais ao país. Transforma-se em partido político. E, armado, facilmente transmuta-se em milícia.

Em última instância, é esse o preocupante sinal enviado ao Brasil pelo desfecho do caso Pazuella. Depois de entrar no governo, o Exército vai se transformando em partido. A continuar assim, o próximo passo é se transformar em milícia.

NOTICIAS.UOL.COM.BR

Opinião: Balaio do Kotscho - Bolsonaro bota fogo no circo, foge debaixo da lona e sai gritando: "Fogo!"

A imagem descrita no título foi a melhor que consegui encontrar para resumir os últimos desatinos do capitão presidente, ao entrar em choque com o Supremo Tribunal Federal, governadores e prefeitos, por não se conformar com a instalação da CPI do Genoc

•

The Economist tem razão:
O problema não é COVID, Pazuelo, Salles, Centrão, Aras, ou quem quer que seja. O problema é BOLSONARO.



YOUTUBE.COM – ENTREVISTAS – QUEM S

Entre Vistas com a antropóloga Isabela Kalil

O Entre Vistas de hoje é com a antropóloga Isabela Kalil. Juca Kfourri e a professora falam sobre a ascensão e queda do “bolsonarismo” e a também sobre os ris...

[Inquietação social e conservadorismo popular in A TERRA É REDONDA](https://aterraeredonda.com.br/inquietacao-social-e-conservadorismo-popular/?utm_term=2021-06-08&doing_wp_cron=1623175479.1429829597473144531250)

https://aterraeredonda.com.br/inquietacao-social-e-conservadorismo-popular/?utm_term=2021-06-08&doing_wp_cron=1623175479.1429829597473144531250

Por LUIZ FELIPE F. C. DE FARIAS: Breve ensaio sobre os sentidos do bolsonarismo. [...]

GLÓRIA PIRES É PREMONITÓRIA

Por Paulo Baía*

Toda vez que o presidente da República dá uma declaração eu sou procurado por colegas, por estudantes, por jornalistas. E desde o início do mandato do presidente tenho alertado que ele tem uma estratégia: ele gosta de pautar não só a imprensa como a conversa do cotidiano das pessoas. Então ele provoca, falando todas as coisas que lhe agradam, e que o fortalecem junto a seu público. E nós ficamos perdendo tempo debatendo, dizendo que é ruim, que é impossível, que isso afronta a democracia, que afronta as instituições, que afronta a ciência, que afronta a moral, os bons costumes, a ética.

Ontem foi mais um dia desses.

Fui procurado por vários colegas da imprensa, fui procurado por colegas que queriam fazer seminários para discutir politicamente a importância da máscara. Eu disse não a todos. E escrevo essa coluna para dizer que não comento mais falas do presidente. Eu não serei pautado pelo presidente.

O presidente da República ontem, mais uma vez, pautou as conversas de botequim em todo o Brasil. Mais tarde seu ministro da Saúde diz que não é bem assim, que vai ser diferente. Nós não podemos cair mais nesse 'encanto' da voz de Bolsonaro, como os navegantes caíam no encanto das vozes das sereias. Eu vou citar a atriz Glória Pires, quando diz: não me sinto confortável para opinar, não tenho motivos para opinar. Por que não me sinto confortável, não tenho motivos para opinar? Porque não quero ser pautado pelo senhor presidente.

Eu quero fazer uma pauta afirmativa que enfrente o governo do presidente. É nessa linha que continuarei seguindo.

Abro uma exceção ao escrever essa coluna, para dizer: não podemos ficar sendo pautados todos os dias, em nossas conversas privadas, em nossas conversas públicas, ouvir rádios, televisões, blogs, repercutindo aquilo que o presidente e seus amigos querem que a gente fique repercutindo. Eu quero apostar em outra linha, em outra estratégia. Eu estou pouco ligando para o que o presidente fale. Eu não vou ficar igual a vizinha faladeira comentando aquilo que o senhor presidente fala.

Acredito que é um equívoco dos meus vários colegas da universidade, dos meus vários colegas da imprensa, dos meus vários colegas dos grupos de trabalho, ficarem discutindo a lógica das declarações do senhor presidente. Ficarem discutindo o erro daquilo que o senhor presidente diz. Lembro que na década de 1960, eu era muito menino, existia uma frase, um bordão: falem mal, mas falem do teatro nacional.

Falem mal, mas falem do cinema nacional. É esse o lema que o senhor Bolsonaro adota: falem mal, mas falem de Bolsonaro. Falem mal, mas repitam o que Bolsonaro diz.

Enfim, nós ficamos cercados por essa estratégia, que é uma estratégia bem-sucedida de Bolsonaro, desde o início da campanha eleitoral em 2017, com sua eleição em 2018.

Amigos e amigas, vamos fechar os ouvidos para o que Bolsonaro fala. Não vamos repetir o que Bolsonaro fala.

Não vamos ter a nossa conversa diária com todos, a nossa reflexão diária com todos, as nossas falas nos jornais, nos rádios, nas televisões, nos blogs, nos sites, nas redes sociais sendo pautadas, sendo dirigidas cenicamente por Jair Bolsonaro.

Faço esse apelo. Eu não comento mais nenhum tipo de frase, palavras de Bolsonaro, em seu cercadinho, em suas reuniões públicas, em suas motocicletas, enfim, não comento, não comentarei nada.

Como analista político, comentarei discursos públicos oficiais em redes de TV, decretos, artigos e normas. Essas são concretas, eu posso discutir, posso me contrapor e posso apresentar alternativas.

Falas no cercadinho, falas em comemorações, mesmo que em ministérios, falas em carreatas, em motocicletas, desabafos pelo Twitter, pelo Youtube, eu não comentarei. E peço que os demais amigos também não comentem. Vamos pensar nisso: nós estamos sendo pautados por tudo que Jair Bolsonaro fala desde 2017.

Está na hora de acabar com isso. Vamos falar aquilo que nos interessa para enfrentar Jair Bolsonaro.

*Paulo Baía é sociólogo, cientista político e professor da UFRJ

De onde vem o fascínio por Bolsonaro?

Rogério Cezar de Cerqueira Leite, na Folha

De Sun Tzu a Carl von Clausewitz, trata-se de um consenso: o primeiro passo para elaborar uma estratégia de guerra é conhecer o inimigo, suas fraquezas, suas fortitudes. A oposição parece acreditar que Jair Bolsonaro já foi derrotado devido ao comportamento desumano durante a pandemia. Pois bem: os resultados das pesquisas mostram, muito pelo contrário, que ele mantém cerca de 25% dos eleitores, apesar do deplorável comportamento. O presidente tem, portanto, um eleitorado raiz, visceral, que nenhum candidato à Presidência antes demonstrou ter.

Com o auxílio emergencial, vimos no começo da pandemia, ganhou entre 15% e 20% de apoio popular. E ninguém duvida que Bolsonaro lançará mão desse estratagema em momento oportuno.

Além de motoqueiros e milicianos, ainda há empresários e profissionais liberais, que, por conveniência, o apoiarão. Alguns ocultamente, outros descaradamente. Vejam o triste episódio proporcionado recentemente na CPI da Covid, quando uma quase ministra, a dra. Nise Yamaguchi, tergiversou, mentiu e expos sua ignorância ao não saber exatamente a diferença entre um protozoário e um vírus. Pois bem, o Conselho Federal de Medicina veio em sua defesa, além de nunca ter tido uma posição decente em relação à cloroquina.

É necessário, portanto, compreender qual apelo tem um personagem tão inepto para parte dos motoqueiros, médicos, advogados, engenheiros etc. É preciso descobrir de onde vem esse fascínio. Busquei por todos os lados. Em Shakespeare, encontrei Ricardo 3º, destruidor e malevolente, odiando a humanidade e a natureza que o fizera tão deformado. Mas há uma diferença entre os dois. Ricardo 3º não dispunha de tantos seguidores fanatizados.

Continuei minha busca. Passei pela literatura, talvez Dostoiévski em seu “Os Possessos” (também conhecido como “Os Demônios”). Mas não, seus mais malevolentes personagens se culpam. Andei pela história, pela arqueologia. Nada.

Afinal, encontrei uma possível paródia de Bolsonaro. O hinduísmo tem 300 milhões, de acordo com uma estimativa, ou 600 milhões, de acordo com outra,

de divindades. Não poderia deixar de encontrar alguns sócias de quem quer que seja. Mas vejam só que sorte. Encontrei de início uma paródia de Bolsonaro: Shiva, um dos deuses mais importante do hinduísmo. Shiva assume diversas identidades, ou melhor, personalidades. Mas a sua principal missão é destruir. Seus adeptos o defendem dizendo que é preciso destruir para renovar, e aí está o paradigma.

Ao destruir a ciência, a substituição será pelos negacionistas, pelos ignorantes. Ao fragmentar as Forças Armadas e a Polícia Federal, abrirá espaço para as milícias, para os traficantes. Ao subjugar o Congresso e outras instituições, estará abrindo espaço para os oportunistas, para os ressentidos, para os medíocres. E o atual ministério é a comprovação viva desse seu estratagema. Su Shi (Su Dongpo), um poeta chinês do século 2, disse: “Quando nasce uma criança, todos pedem para que seja inteligente. Eu não, quero que meu filho seja apoucado, idiota, pois só assim fará uma carreira, chegará a ministro”.

Bolsonaro é a oportunidade dos medíocres, dos oportunistas, dos bandalhos. E são muitos no Brasil. Toda estratégia para derrotá-lo tem que levar isso em consideração.

PRESTEM ATENÇÃO NESTE DEPOIMENTO DE Gustl Rosenkranz

Via Tomaz Wonghon

[1st5m die SudaiSpjulnchoolas dnàrs fsl1o0treh:2ardi2o](#) .

Quando acabou a Segunda Guerra Mundial e começou a faxina (também política, jurídica e social) no país, muitos alemães alegaram que não sabiam das atrocidades nazistas, que não perceberam o genocídio de seis milhões de judeus, sem falar dos inúmeros outros grupos vítimas dos assassinos que assumiram o poder naquela época.

Muitos disseram não ter percebido que vizinhos desapareceram, que estabelecimentos judeus foram saqueados e desapropriados, que não viram as pinçações e não escutaram os xingamentos. Sim, muitos disseram descaradamente que não tinham conhecimento de nada disso.

Tive a sorte de conhecer testemunhas dessa época, alemães idosos com os quais conversei sobre o assunto. E, realmente, escutei alemães que viveram nesse tempo do nazismo e do holocausto dizendo que não sabiam desse lado escuro e que até o fim acreditaram que Hitler era boa gente e tinha as melhores intenções. Eles diziam terem sido enganados e se viam como vítimas.

Mas escutei também uma outra versão, de alemães que diziam que todo mundo sabia sim de toda aquela maldade e da perseguição de judeus, homossexuais, comunistas, intelectuais, opositores e qualquer um que não apoiasse o regime perverso e criminoso ou que fosse vítima da narrativa de

que esse ou aquele grupo seria de inimigos e que precisava ser combatido e exterminado - a narrativa nazista, como a fascista, precisa de inimigos para canalizar o ódio, semear o medo e melhor manipular as pessoas. Escutei que, se alguém viveu naquela época e dizia que não sabia do que se passava, essa pessoa estaria mentindo. E, se realmente não soube, então não soube porque não quis, pois o mal estava ali agindo abertamente para todo mundo ver. Hitler discursava sem acanhamento sobre a superioridade da “raça ariana”, como se ela realmente existisse, e nunca escondeu que representava o mal e a destruição.

Vejo um paralelo com a situação atual do Brasil. Não tem como um brasileiro hoje não saber que Jair Bolsonaro não é boa gente, não é um bom presidente e que está fazendo mal ao Brasil. Todo mundo sabe que o sujeito não é honesto, está envolvido com milícias, é defensor da tortura e da ditadura, é racista, machista e homofóbico e nem sequer tem boas maneiras. Todo mundo sabe que o elemento é nocivo para a paz social no país e que ele está “cagando” para o meio ambiente (para beneficiar a bancada ruralista e latifundiária que o apoia). Não tem como não saber que ele não tem boas intenções e que tem sonhos delirantes de acabar com a democracia no Brasil.

Sim, vejo esse paralelo, mas vejo também algo que não existia na época do nacional-socialismo na Alemanha e que, hoje, fará uma grande diferença: A INTERNET.

Dessa vez, quando passar esse acidente histórico que é o governo atual, ninguém vai poder sair por aí dizendo que não sabia do que estava ocorrendo ou negar que apoiou as maldades desse governo assassino e fascista, pois estará tudo aí na net, que nada esquece.

Sim, dessa vez será fácil desmentir quem negar que sabia que o mal estava reinando no país através desse governo.

Só espero que seremos então consequentes e rigorosos com essa gente perversa, isolando-a dos meios sociais e punindo também seus crimes e não somente os crimes cometidos pelo brutamontes genocida e ecocida que essas pessoas apoiam.

Não há apoiador inocente nessa história. Quem apoia esse governo sabe o que está fazendo. Se não sabe, então só porque não quer saber. A cruel realidade está aí para todo mundo ver.

O GOLPISTA ENCALACRADO

O homem está do tamanho do capitão e do sargento do Riocentro

FERNANDO DE BARROS E SILVA

<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-golpista-encalacrado/?fbclid=IwAR3UTqQ8eleVck5YZRXtHjHkJVTgq67sSDn90jZsliwzTbf-JpSejpi0cZk>

CREDITO: LÉZIO JUNIOR_2021

Jair Bolsonaro é hoje muito menos candidato à reeleição presidencial do que candidato a golpista. As duas personas obviamente se confundem, mas à medida que o caminho até as urnas (eletrônicas) se torna mais difícil, a fantasia da ruptura da ordem democrática ganha espaço na retórica, nas ações e nos cálculos do presidente, essencialmente um arruaceiro.

A corrosão da institucionalidade que ele promove começa pela linguagem – Bolsonaro faz a política do “E daí?”. Não tem partido, não costura alianças estaduais, não discute ideias, não constrói nem articula nada. Entregou ao Centrão uma fatia gorda do poder, assinando um contrato em branco com a única finalidade de se ver livre da ameaça do impeachment. O valor do aluguel que paga a Arthur Lira e seus bravos rapazes da corretagem parlamentar apenas para continuar frequentando o Palácio do Planalto é cada vez mais abusivo. E daí? O que realmente não tem preço para o Messias que não faz milagres é estar na companhia de seus três “emes”: militares, milicianos e motoqueiros. O resto? Todo mundo vai morrer um dia. E daí?

A pouco mais de um ano da eleição, Bolsonaro deixou de ser um candidato competitivo. Isso ainda pode mudar, mas a dúvida que se coloca neste momento diz respeito à sua viabilidade como golpista. Que forças sociais e políticas, quais interesses econômicos dariam sustentação ao delírio bananeiro que ele vislumbra? Em outras palavras, será Bolsonaro um golpista competitivo?

Se reunisse condições para ir às últimas consequências, o presidente não se contentaria com o inédito pedido de impeachment que enviou ao Senado contra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Ele simplesmente invadiria o STF dirigindo aquele tanque movido à fumaça de óleo diesel. Levaria a tiracolo Sérgio Reis e seu berrante, além de Roberto Jefferson, o pistoleiro-canastrão, empunhando numa das mãos um fuzil e na outra um taco de beisebol verde e amarelo. Depois de destituir os onze ministros do Supremo, Bolsonaro mandaria destruir a estátua da Justiça, na praça em frente ao tribunal, para colocar no lugar uma daquelas réplicas em miniatura da Estátua da Liberdade, como as que enfeitam as lojas Havan. Seria a substituição da utopia modernista pelo kitsch distópico – uma metáfora da promessa de felicidade, que um dia a capital encarnou, sendo devorada pela ferocidade do país real. Nem tudo é como a gente quer.

Com a Câmara dos Deputados no bolso e o Senado presidido por uma figura de temperamento pusilânime, que oscila entre a omissão imperturbável e as convocações protocolares ao entendimento universal, é o Poder Judiciário que tem barrado a sanha assassina do presidente. Foi por determinação de Luís Roberto Barroso que Rodrigo Pacheco cumpriu a lei e mandou instalar a CPI da Covid. Foi também Barroso quem assumiu, como presidente do Tribunal Superior Eleitoral, a liderança da defesa intransigente do sistema eletrônico de votação.

Se dependesse de Augusto Aras, refestelado no topo da cadeia alimentar do Ministério Público, as redes bolsonaristas de propagação de notícias falsas e incitação ao crime estariam funcionando livremente. E daí? Só não estão porque Alexandre de Moraes atropelou a desídia do procurador-geral da República e decidiu enfrentar as milícias digitais que operam com conexões, já documentadas, dentro do Palácio do Planalto.

Ao forçar a mão no enfrentamento com os ministros do STF, Bolsonaro toma um caminho sem volta. Está determinado a deslegitimar a cúpula do Judiciário e a lisura do processo eleitoral até o fim. Na sua fabulação, além da urna eletrônica, agora também o ministro que presidirá o TSE no período eleitoral não é confiável. Mas há algo mais imediatista nessa estratégia. Ao apontar suas armas contra o Judiciário num ambiente crispado como o atual, Bolsonaro dá a seus seguidores, entre os quais muitos policiais, uma espécie de senha para precipitar confrontos nas ruas. A superposição das crises institucional e social é tudo o que ele quer. Criar o caos e posar de vítima para em seguida se oferecer como fiador da ordem.

Bolsonaro age exatamente como faziam os órfãos da linha dura militar no começo dos anos 1980, quando explodiam bancas de jornal e planejavam atos terroristas com o intuito de promover o pânico e responsabilizar a esquerda. O presidente da República tem o tamanho do capitão e do sargento que participaram do atentado frustrado do Riocentro, em 1981. A bomba, que seria colocada dentro do centro de convenções onde milhares de pessoas participavam de um show em homenagem ao Dia do Trabalhador, explodiu dentro do carro, no colo do sargento, que morreu, e deixou o capitão gravemente ferido.

No tempo que lhe resta de mandato, Bolsonaro continuará a promover badernas e a perseguir pessoas e instituições. É quase certo que sua atitude provocará tumultos e a morte de inocentes. Esse parece ser também o limite do golpe que ele é capaz de executar. Podemos discutir se nessa história o presidente termina como o sargento ou como o capitão do Riocentro (atenção: é uma metáfora), mas muito dificilmente o caminho da sabotagem lhe trará a vitória política.

Nem Bolsonaro nem os militares que se desmoralizam ao seu redor têm forças para implantar um regime de exceção no país. Precisariam ganhar nas urnas em 2022 para completar o serviço de sufocamento gradual e descaracterização das instituições. A opção do golpe abrupto não teria hoje sustentação interna ou internacional. Se já somos párias no mundo, uma quartelada nos jogaria de vez na sarjeta da civilização, com consequências econômicas nefastas – represálias, boicotes, pressões de toda ordem. E o próprio mercado, enfim, começa a desembarcar de Bolsonaro, não por convicções democráticas – isso não existe na elite brasileira, salvo uma ou outra exceção –, mas porque ganhou corpo o diagnóstico de que o ano que vem será frustrante para a economia e Paulo Guedes não tem mais como lhes garantir a rapadura.

O golpe que descarrilha na verdade já aconteceu. Penso aqui não só em 2016, mas na predação anárquica e na destruição metódica de tudo, essa mistura perversa entre brutalidade espontânea e desmonte planejado do país que caracteriza o bolsonarismo. Em 1946, falando sobre os nazistas, Theodor Adorno escreveu que “eles e seus seguidores se excitam com a ideia da ruína inevitável, sem sequer diferenciar claramente entre a destruição de seus inimigos e a de si mesmos”. Pois é.

should_not

FERNANDO DE BARROS E SILVA

Repórter da **piauí** e apresentador do podcast *Foro de Teresina*

LEIA TAMBÉM

ÚLTIMAS

Efetivo das polícias estaduais no Brasil equivale à população de Florianópolis

Setembrada lota hotéis em Brasília

Com chegada de caravanas bolsonaristas, setor hoteleiro prevê ocupação de 100% dos quartos para o feriado de Sete de Setembro na capital federal

Há quatro vezes mais homens brancos que negros entre delegados da PF e cinco vezes mais entre auditores da Receita Federal

Homens brancos são 61,6% dos delegados da PF e 57,2% dos auditores da Receita. Já os homens negros são apenas 17,1% e 11,6%, respectivamente

Para cada mulher negra nos cargos comissionados de mais alto escalão, há 50 homens brancos

Homens brancos são 65% dos funcionários do topo da hierarquia do Executivo federal; mulheres negras, apenas 1,3%

Diego M., major PM e radical bolsonarista

Desrespeitando regimento, policiais militares da ativa convocam para atos pró-Bolsonaro; procuradores tentam coibir ação

Foro de Teresina #166: Em marcha para a escuridão

O podcast de política da **piauí** discute os principais fatos da semana

Para cada mulher negra nos cargos de nível superior, há três homens brancos

Homens brancos ocupam 36,3% desses cargos no Executivo federal, enquanto mulheres negras representam 11,7%

Na piauí 180

A capa e os destaques da edição de setembro

Mais pensões militares, menos Bolsa Família

Orçamento de 2022 prevê reduzir verba do projeto de transferência de renda e elevar em 16% gastos com pessoal do Ministério da Defesa - aumento que bancaria seis Censos do IBGE

Servidores negros com ensino superior recebem 78% da remuneração dos brancos

Diferença salarial aumenta conforme a escolaridade; estudo aponta sub-representação dos negros nos cargos mais altos

Bolsonaro, uma história que teremos vergonha de contar-Por Ivan Lago

02/11/2020 - <https://centraldejornalismo.com.br/2020/11/02/bolsonaro-uma-historia-que-teremos-vergonha-de-contar-por-ivan-lago/>

0

Por Ivan Lago-Professor e Doutor em Sociologia Política Central de Jornalismo

“O Brasil levará décadas para compreender o que aconteceu naquele nebuloso ano de 2018, quando seus eleitores escolheram, para presidir o país, Jair Bolsonaro.

Capitão do Exército expulso da corporação por organização de ato terrorista; deputado de sete mandatos conhecido não pelos dois projetos de lei que conseguiu aprovar em 28 anos, mas pelas maquinações do submundo que incluem denúncias de “rachadinha”, contratação de parentes e envolvimento com milícias; ganhador do troféu de campeão nacional da escatologia, da falta de educação e das ofensas de todos os matizes de preconceito que se pode listar.

Embora seu discurso seja de negação da “velha política”, Bolsonaro, na verdade, representa não sua negação, mas o que há de pior nela. Ele é a materialização do lado mais nefasto, mais autoritário e mais inescrupuloso do sistema político brasileiro. Mas – e esse é o ponto que quero discutir hoje – ele está longe de ser algo surgido do nada ou brotado do chão pisoteado pela negação da política, alimentada nos anos que antecederam as eleições. Pelo contrário, como pesquisador das relações entre cultura e comportamento político, estou cada vez mais convencido de que Bolsonaro é uma expressão bastante fiel do brasileiro médio, um retrato do modo de pensar o mundo, a sociedade e a política que caracteriza o típico cidadão do nosso país. Quando me refiro ao “brasileiro médio”, obviamente não estou tratando da

imagem romantizada pela mídia e pelo imaginário popular, do brasileiro receptivo, criativo, solidário, divertido e “malandro”. Refiro-me à sua versão mais obscura e, infelizmente, mais realista segundo o que minhas pesquisas e minha experiência têm demonstrado. No “mundo real” o brasileiro é preconceituoso, violento, analfabeto (nas letras, na política, na ciência... em quase tudo). É racista, machista, autoritário, interesseiro, moralista, cínico, fofoqueiro, desonesto. Os avanços civilizatórios que o mundo viveu, especialmente a partir da segunda metade do século XX, inevitavelmente chegaram ao país. Se materializaram em legislações, em políticas públicas (de inclusão, de combate ao racismo e ao machismo, de criminalização do preconceito), em diretrizes educacionais para escolas e universidades. Mas, quando se trata de valores arraigados, é preciso muito mais para mudar padrões culturais de comportamento.

O machismo foi tornado crime, o que lhe reduz as manifestações públicas e abertas. Mas ele sobrevive no imaginário da população, no cotidiano da vida privada, nas relações afetivas e nos ambientes de trabalho, nas redes sociais, nos grupos de whatsapp, nas piadas diárias, nos comentários entre os amigos “de confiança”, nos pequenos grupos onde há certa garantia de que ninguém irá denunciá-lo.

O mesmo ocorre com o racismo, com o preconceito em relação aos pobres, aos nordestinos, aos homossexuais. Proibido de se manifestar, ele sobrevive internalizado, reprimido não por convicção decorrente de mudança cultural, mas por medo do flagrante que pode levar a punição. É por isso que o politicamente correto, por aqui, nunca foi expressão de conscientização, mas algo mal visto por “tolher a naturalidade do cotidiano”.

Se houve avanços – e eles são, sim, reais – nas relações de gênero, na inclusão de negros e homossexuais, foi menos por superação cultural do preconceito do que pela pressão exercida pelos instrumentos jurídicos e policiais.

Mas, como sempre ocorre quando um sentimento humano é reprimido, ele é armazenado de algum modo. Ele se acumula, infla e, um dia, encontrará um modo de extravasar. (...)

Foi algo parecido que aconteceu com o “brasileiro médio”, com todos os seus preconceitos reprimidos e, a duras penas, escondidos, que viu em um candidato a Presidência da República essa possibilidade de extravasamento. Eis que ele tinha a possibilidade de escolher, como seu representante e líder máximo do país, alguém que podia ser e dizer tudo o que ele também pensa, mas que não pode expressar por ser um “cidadão comum”. Agora esse “cidadão comum” tem voz. Ele de fato se sente representado pelo Presidente que ofende as mulheres, os homossexuais, os índios, os nordestinos. Ele tem a sensação de estar pessoalmente no poder quando vê o líder máximo da nação usar palavreado vulgar, frases mal formuladas, palavrões e ofensas para atacar quem pensa diferente. Ele se sente importante quando seu “mito” enaltece a ignorância, a falta de conhecimento, o senso comum e a violência verbal para difamar os cientistas, os professores, os artistas, os intelectuais, pois eles representam uma forma de ver o mundo que sua própria ignorância não permite compreender. Esse cidadão se vê empoderado quando as lideranças políticas que ele elegeu

negam os problemas ambientais, pois eles são anunciados por cientistas que ele próprio vê como inúteis e contrários às suas crenças religiosas. Sente um prazer profundo quando seu governante maior faz acusações moralistas contra desafetos, e quando prega a morte de “bandidos” e a destruição de todos os opositores.

Ao assistir o show de horrores diário produzido pelo “mito”, esse cidadão não é tocado pela aversão, pela vergonha alheia ou pela rejeição do que vê. Ao contrário, ele sente aflorar em si mesmo o Jair que vive dentro de cada um, que fala exatamente aquilo que ele próprio gostaria de dizer, que extravasa sua versão reprimida e escondida no submundo do seu eu mais profundo e mais verdadeiro.

O “brasileiro médio” não entende patavinas do sistema democrático e de como ele funciona, da independência e autonomia entre os poderes, da necessidade de isonomia do judiciário, da importância dos partidos políticos e do debate de ideias e projetos que é responsabilidade do Congresso Nacional. É essa ignorância política que lhe faz ter orgasmos quando o Presidente incentiva ataques ao Parlamento e ao STF, instâncias vistas pelo “cidadão comum” como lentas, burocráticas, corrompidas e desnecessárias. Destruí-las, portanto, em sua visão, não é ameaçar todo o sistema democrático, mas condição necessária para fazê-lo funcionar. Esse brasileiro não vai pra rua para defender um governante lunático e medíocre; ele vai gritar para que sua própria mediocridade seja reconhecida e valorizada, e para sentir-se acolhido por outros lunáticos e medíocres que formam um exército de fantoches cuja força dá sustentação ao governo que o representa.

O “brasileiro médio” gosta de hierarquia, ama a autoridade e a família patriarcal, condena a homossexualidade, vê mulheres, negros e índios como inferiores e menos capazes, tem nojo de pobre, embora seja incapaz de perceber que é tão pobre quanto os que condena. Vê a pobreza e o desemprego dos outros como falta de fibra moral, mas percebe a própria miséria e falta de dinheiro como culpa dos outros e falta de oportunidade. Exige do governo benefícios de toda ordem que a lei lhe assegura, mas acha absurdo quando outros, principalmente mais pobres, têm o mesmo benefício. Poucas vezes na nossa história o povo brasileiro esteve tão bem representado por seus governantes. Por isso não basta perguntar como é possível que um Presidente da República consiga ser tão indigno do cargo e ainda assim manter o apoio incondicional de um terço da população. A questão a ser respondida é como milhões de brasileiros mantêm vivos padrões tão altos de mediocridade, intolerância, preconceito e falta de senso crítico ao ponto de sentirem-se representados por tal governo?”

...

Ivan

Lago

Professor e doutor em Sociologia Política

0

Ambição doentia por dinheiro

Milton Saldanha, jornalista

Pesquisa aponta 'Priante' no segundo turno para prefeito de Belém-Por Kleber Moraes

Milton Saldanha

31 99ttldli1ef 1ade81zemcbro0t dem6 e2019 .

Só uma doentia ambição por dinheiro pode explicar Bolsonaro usando seu tempo, pelo jeito sempre ocioso, para ir jogar pessoalmente na Mega da Virada.

A expressão ambição por dinheiro não está aqui por mero acaso. É intencional. Foi a usada por um superior numa avaliação sobre ele, no Exército, quando ainda era tenente ou capitão.

Portanto, um traço antigo da sua personalidade. Que já aparecia numa profissão onde isso tem que ser secundário, porque outros valores morais, principalmente de renúncia ao conforto pessoal, são inerentes à atividade.

Ele acumula aposentadorias de capitão e parlamentar, estimadas em mais de 40 mil por mês. Mais salário de presidente, com seus penduricalhos. Como presidente, não coloca a mão no próprio bolso para nada. Tem tudo coberto pela verba oficial. Como se não bastasse, usufrui do cartão corporativo, ele e outros da corte, uma aberração antiga, criada por FHC. Esse dispositivo imoral, de elevado custo, precisa ter seu sigilo rompido, e depois os cartões abolidos, porque se trata de dinheiro público.

Para o que Bolsonaro ambiciona mais dinheiro?

Que necessidade ou privação ele e sua família, dona de robusto patrimônio imobiliário, ainda pode ter?

Ninguém questiona o direito dele em jogar. Não é isso em questão. Mas o cargo que exerce é uma fonte permanente de simbolismos e de mensagens que chegam à população.

No caso, o dinheiro colocado acima de tudo como filosofia de vida, meio e fim. Deus vem depois, mas só no discurso. Ainda que diga o contrário. Não existe teoria que supere a prática, flagrante e documentada pela imprensa.

A mensagem edificante do trabalho honesto e suado, praticado com competência, não está presente nos recados deste presidente. No fundo, o que ele pretendeu dizer foi isso: conte com a sorte.

De fato, só ela resta.

Didaticamente o porquê tudo ser resolvido no 1o turno. - Elio Gaspari:

A eleição para a Presidência da República este ano tem um componente diferente. É a civilização contra a barbárie, estes 3 últimos anos têm sido terríveis para qualquer pessoa com o mínimo de bom senso, e isso não se aplica a ser de direita ou de esquerda. Isso se aplica a ser civilizado. Eu adoraria estar num processo eleitoral "normal" para escolher entre aquele que eu acredito plenamente no seu projeto de governo e os outros.

Mas infelizmente, a barbárie instalada neste país nos últimos 3 anos faz com que a escolha definitiva seja logo no primeiro turno.

São 33 Milhões de brasileiros passando fome, são mais de 60 milhões em insegurança alimentar média e leve, são milhões de desalentados, inflação de dois dígitos, o país sucateado, o "orçamento secreto" (a corrupção oficializada) fazendo a festa de deputados que eram "antissistema" (sabe-se lá o que isso é na cabeça dessa gente tosca), a Educação sem um projeto definido, a Saúde pessimamente administrada como nunca aconteceu, o Meio Ambiente destruído, até o Itamaraty conseguiu ficar desmoralizado na atual gestão.

Isso sem falar no aumento do número de feminicídios, crimes homofóbicos, racismo escancarado, misoginia e agora até crimes por motivação política escancarados.

A barbárie não pode vencer, a barbárie não pode sequer ter a chance de um segundo turno. Sei que para muitos votar no Lula seja difícil, mas temos que ver as composições políticas e extremamente pragmáticas ele está fazendo. Não haverá muita possibilidade de uma reviravolta, Lula já foi presidente por duas vezes, a sordidez e a perversidade não fazem parte de seu perfil.

A "Marcha para Jesus" ontem no ES que tinha uma arma como símbolo mostra exatamente o que esse governo é. Nunca a fé foi tão perversamente explorada.

Repetir que as coisas estão mal no mundo inteiro e no Brasil não seria diferente revela uma incapacidade de reflexão sobre o todo assustadora, a total falta de conhecimento sobre o processo histórico, a eliminação da capacidade de observação, é a barbárie fazendo o seu papel, minando pouco a pouco o que resta do civilizatório.

Não é histeria, não é messianismo, é pragmatismo. Eu não vou dar chance para a barbárie.

--

LOV

.*

A eleição para a Presidência da República este ano tem um componente diferente. É a civilização contra a barbárie, estes 3 últimos anos têm sido terríveis para qualquer pessoa com o mínimo de bom senso, e isso não se aplica a ser de direita ou de esquerda. Isso se aplica a ser civilizado. Eu adoraria estar num processo eleitoral "normal" para escolher entre aquele que eu acredito plenamente no seu projeto de governo e os outros.

Mas infelizmente, a barbárie instalada neste país nos últimos 3 anos faz com que a escolha definitiva seja logo no primeiro turno.

São 33 Milhões de brasileiros passando fome, são mais de 60 milhões em insegurança alimentar média e leve, são milhões de desalentados, inflação de dois dígitos, o país sucateado, o "orçamento secreto" (a corrupção oficializada) fazendo a festa de deputados que eram "antissistema" (sabe-se lá o que isso é na cabeça dessa gente tosca), a Educação sem um projeto definido, a Saúde pessimamente administrada como nunca aconteceu, o Meio Ambiente destruído, até o Itamaraty conseguiu ficar desmoralizado na atual gestão.

Isso sem falar no aumento do número de feminicídios, crimes homofóbicos, racismo escancarado, misoginia e agora até crimes por motivação política escancarados.

A barbárie não pode vencer, a barbárie não pode sequer ter a chance de um segundo turno. Sei que para muitos votar no Lula seja difícil, mas temos que ver as composições políticas e extremamente pragmáticas ele está fazendo. Não haverá muita possibilidade de uma reviravolta, Lula já foi presidente por duas vezes, a sordidez e a perversidade não fazem parte de seu perfil.

A "Marcha para Jesus" ontem no ES que tinha uma arma como símbolo mostra exatamente o que esse governo é. Nunca a fé foi tão perversamente explorada.

Repetir que as coisas estão mal no mundo inteiro e no Brasil não seria diferente revela uma incapacidade de reflexão sobre o todo assustadora, a total falta de conhecimento sobre o processo histórico, a eliminação da capacidade de observação, é a barbárie fazendo o seu papel, minando pouco a pouco o que resta do civilizatório.

Não é histeria, não é messianismo, é pragmatismo. Eu não vou dar chance para a barbárie.

--

LOV

A eleição para a Presidência da República este ano tem um componente diferente. É a civilização contra a barbárie, estes 3 últimos anos têm sido terríveis para qualquer pessoa com o mínimo de bom senso, e isso não se aplica a ser de direita ou de esquerda. Isso se aplica a ser civilizado. Eu adoraria estar num processo eleitoral "normal" para escolher entre aquele que eu acredito plenamente no seu projeto de governo e os outros.

Mas infelizmente, a barbárie instalada neste país nos últimos 3 anos faz com que a escolha definitiva seja logo no primeiro turno.

São 33 Milhões de brasileiros passando fome, são mais de 60 milhões em insegurança alimentar média e leve, são milhões de desalentados, inflação de dois dígitos, o país sucateado, o "orçamento secreto" (a corrupção oficializada) fazendo a festa de deputados que eram "antissistema" (sabe-se lá o que isso é

na cabeça dessa gente tosca), a Educação sem um projeto definido, a Saúde pessimamente administrada como nunca aconteceu, o Meio Ambiente destruído, até o Itamaraty conseguiu ficar desmoralizado na atual gestão.

Isso sem falar no aumento do número de feminicídios, crimes homofóbicos, racismo escancarado, misoginia e agora até crimes por motivação política escancarados.

A barbárie não pode vencer, a barbárie não pode sequer ter a chance de um segundo turno. Sei que para muitos votar no Lula seja difícil, mas temos que ver as composições políticas e extremamente pragmáticas ele está fazendo. Não haverá muita possibilidade de uma reviravolta, Lula já foi presidente por duas vezes, a sordidez e a perversidade não fazem parte de seu perfil.

A "Marcha para Jesus" ontem no ES que tinha uma arma como símbolo mostra exatamente o que esse governo é. Nunca a fé foi tão perversamente explorada.

Repetir que as coisas estão mal no mundo inteiro e no Brasil não seria diferente revela uma incapacidade de reflexão sobre o todo assustadora, a total falta de conhecimento sobre o processo histórico, a eliminação da capacidade de observação, é a barbárie fazendo o seu papel, minando pouco a pouco o que resta do civilizatório.

Não é histeria, não é messianismo, é pragmatismo. Eu não vou dar chance para a barbárie.

--

AS RAZÕES DA VIOLÊNCIA DO BOLSONARISMO, POR JORGE BRANCO (*)

<https://www.esquinademocratica.com/post/as-raz%C3%B5es-da-viol%C3%Aancia-do-bolsonarismo-por-jorge-branco>

“Essa distância da realidade e esse desapego podem gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos – talvez inerentes ao homem; essa é, de fato, a lição que se pode aprender com o julgamento de Jerusalém.”

Hannah Arendt em Eichmann em Jerusalém

O ministro do STF, Alexandre Moraes, determinou a proibição do porte de armas no Distrito Federal entre 29 de dezembro e 02 de janeiro de 2023. Tal medida é altamente justificável em função da disposição manifesta dos bolsonaristas de se utilizarem de violência como instrumento da política. A sequência de atos e tentativas de atos violentos que se sucederam nos últimos dias indicam a radicalização política, mas também ideológica, da extrema direita no Brasil. Sua frequência, o envolvimento de mesmos indivíduos, as doações financeiras e os objetivos manifestos – impedir a posse do presidente eleito Lula da Silva – denotam que tais ações não são devaneios, mas resultantes objetivas de uma visão da realidade.

A derrota eleitoral e a confrontação da realidade de que Lula efetivamente tomará posse na Presidência da República, conforme a Constituição Federal, dispararam os mecanismos mais extremados de uma direita já radicalizada ideologicamente. Segundo o depoimento do bolsonarista recentemente preso, o plano consistia em dois movimentos: explodir os artefatos estabelecendo o caos para “provocar a intervenção das Forças Armadas”; e entregar as armas encontradas em sua posse aos bolsonaristas acampados em frente à sede do Comando do Exército em Brasília.

Os atentados terroristas retomam uma constante na trajetória da extrema direita brasileira na ditadura militar. Desde a tentativa de explosão do gasômetro no Rio de Janeiro em 1968, passando pelo episódio na sede da OAB-RJ em 1980, do Rio Centro em 1981. O SNI, serviço da Ditadura, listou mais de 260 atentados entre 1978 e 1987.

O Bolsonarismo trouxe para a atualidade essa violência política organizada. O próprio Jair Bolsonaro lançou mão desse estratagema. Em 1986 se viu acusado e condenado em primeira instância pela Justiça militar, por organização de atentados à bomba. Já em 2018 o ônibus da caravana de Lula pelo estado do Paraná foi alvejado por tiros. Em 2019, um grupo de extrema direita fez um ataque à sede da Produtora Porta dos Fundos.

Em 2022, com a organização de uma frente democrática em torno da candidatura de Lula à presidência e sua concreta possibilidade de vitória, como se confirmou, a extrema direita partiu para as tentativas de desestabilização e ruptura constitucional. Em setembro, um adolescente atirou contra estudantes na Bahia para exaltar valores da extrema direita. Em novembro outro adolescente matou quatro pessoas no Espírito Santo, ostentando símbolos nazistas e roupa militar. Em dezembro, houve os incêndios em Brasília e a tentativa de explosão de um caminhão de combustível, frustrada pela ação da Polícia Civil. O criminoso detido afirmou que intentou contra a democracia por inspiração de Bolsonaro.

O grau de radicalização e de envolvimento que apresentam determinados indivíduos vinculados ao bolsonarismo está diretamente associado ao descolamento da democracia e da Constituição de vários setores da extrema direita. O que se comenta comumente como descolamento da realidade é na verdade uma perigosa interpretação dos fatos, que empurra grupos cada vez mais ousados para o crime político contra o Estado democrático de direito. A defesa da democracia, portanto, é uma das principais frentes de ação do governo Lula.

Aprofundar os instrumentos legais coercitivos de defesa da democracia e

ampliar a participação democrática é decisivo para os rumos e possibilidades da democracia no país. O próprio sistema de Justiça deve ser instigado a colar-se sem tergiversações ou evasivas aos princípios pétreos da Constituição Federal. Os primeiros movimentos do novo governo, antes da posse, formam neste sentido. As movimentações do futuro ministro da Justiça, Flavio Dino, enfrentaram adequadamente tantos os ataques golpistas quanto a conivência do atual governo com o crime antidemocrático.

(*) Jorge Branco é Sociólogo, Mestre e doutorando em Ciência Política. Diretor Executivo da Democracia e Direitos Fundamentais.

Confira a íntegra do pronunciamento de Mourão na despedida do governo 31 dezembro 22

Durante o pronunciamento, sem citar nomes, o vice-presidente criticou "lideranças [institucionais] que deveriam tranquilizar a nação, permitindo criar um clima de caos"

Fernanda Strickland



(crédito: Reprodução/Youtube)

O vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos), atual presidente da República em exercício, após Jair Bolsonaro (PL) viajar, na última sexta-feira (30/12), para Orlando, nos Estados Unidos, realizou, neste sábado (31/12), o pronunciamento de fim de governo em cadeia nacional de rádio e televisão.

Leia o pronunciamento na íntegra:

Brasileiros e brasileiras, boa noite

No momento em que concluímos mais um ano pleno de atividade e de intensos engajamentos de toda a ordem, na condição de Presidente da República em exercício julgo relevante trazer um palavra de esperança, de estímulo e de apreço ao povo brasileiro, especialmente, na ocasião em que o nosso Governo conclui o período constitucional de gestão pública do país iniciado em 1º de janeiro de 2019.

Vislumbro que os acontecimentos políticos, econômicos e sociais que têm marcado a presente quadra da nossa história seguirão impactando a vida da gente brasileira nos próximos anos, tornando a caminhada ainda mais

desafiadora, visto que o mundo se ressentia da pandemia da Covid-19 e a economia mundial sofre as consequências da guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

O Governo que ora termina, ao longo de quatro anos, fez entregas significativas na economia, no avanço da digitalização da gestão pública, na regulamentação da tecnologia da informação, na privatização de estatais, na liberação da economia, promovendo também, uma eficaz e silenciosa reforma administrativa, não recompletando vagas disponibilizadas por aposentadoria, além da renovação de nosso modelo previdenciário, também potencializando o agronegócio e vários campos do conhecimento humano.

Juntos, trabalhamos duramente contra a pandemia, auxiliando os mais necessitados, apoiando as empresas na manutenção dos salários dos empregados e desonerando suas folhas de pagamento. Apoiamos governos estaduais e municipais com recursos, médicos e medicamentos, independentemente da posição política ou ideológica dos chefes do Executivo, permitindo que seus governadores os direcionassem para as áreas onde aquela administração achasse conveniente.

Trabalhamos e entregaremos ao próximo governo um país equilibrado, livre de práticas sistemáticas de corrupção, em ascensão econômica e com as contas públicas equilibradas, projetando o Brasil, como uma das economias mais prósperas e com resultados mais significativos pós-pandemia, no concerto das nações.

Tais iniciativas, permitiram pleitear o ingresso do País, na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a OCDE, o que possibilitará a melhoria ao acesso a mercados e a novas parcerias. Cabe destacar que a OCDE tem como princípios básicos a democracia e o livre mercado.

Nem todas as empreitadas obtiveram o sucesso que almejávamos. Na área ambiental, por exemplo, tivemos percalços, embora, neste último ano, tenhamos alcançado uma redução importante no desmatamento da Amazônia. Contudo, a região ainda necessita de muito trabalho e de cuidados específicos, engajando as elites e as comunidades locais cortejadas permanentemente pela sanha predatória oriunda dos tempos coloniais.

Dirijo-me agora aos apoiadores de nosso Governo, aqueles que credibilizaram o nosso trabalho por meio do voto consignado as nossas propostas, sobretudo, nas últimas eleições. Muito obrigado por teu voto. Desejo consitá-los a lutar pela preservação da democracia, dos nossos valores, do estado de direito e pela consolidação de uma economia liberal, forte, autônoma e pragmática. E que nos últimos tempos, foi tão vilipendiada e sabotada por representantes dos Três Poderes da República, pouco identificados com o desafio da promoção do bem comum.

A falta de confiança de parcela significativa da sociedade, nas principais instituições públicas decorre na abstenção intencional desses entes do fiel cumprimento dos imperativos constitucionais, gerando a equivocada

canalização de aspirações e expectativas para outros atores públicos que, no regime vigente, carecem de lastro legal para o saneamento do desequilíbrio institucional em curso.

Lideranças que deveriam tranquilizar e unir a nação em torno de um projeto de país, deixaram com que o silêncio o protagonismo no inoportuno e deletério criasse um clima de caos e de desagregação social e de forma irresponsável, deixaram que as Forças Armada de todos os brasileiros pagassem a conta, para alguns inação e para outros por fomentar pretensão golpe.

A alternância do poder em uma democracia é saudável e deve ser preservada. Aos eleitos compre o dever de dar continuidade aos projetos iniciados e direcionar os seus esforços para que à luz de suas propostas, o país tenha segurado uma democracia urgente e plural, em um ambiente seguro e socialmente justo. Aos que farão oposição ao governo que entra cumprirá a missão de opor-se a desmandos, desvios de conduta e a toda e qualquer tentativa de abandono do perfil democrático e plural duramente conquistado por todos os cidadãos. Buscando-se a redução das desigualdades por meio da educação isenta e eficaz, criando oportunidades iguais a todos os brasileiros.

Destaco que a partir do dia 1º de janeiro de 2023 mudaremos de governo, mas não de regime. Manteremos nosso caráter democrático, com poderes equilibrados e harmônicos, alternância política pelo sufrágio universal, pessoal, intransferível, secreto, buscando sempre maior transparência e confiabilidade. Tranquilizemo-nos. Retornemos a normalidade da vida, aos nossos afazeres e o conserto de nossos lares, com fé e com a certeza de que nossos representantes eleitos farão dura oposição ao projeto progressista do governo de turno, sem, contudo, promover uma oposição ao Brasil.

Estaremos atentos. Na condição de presidente da república e a exercícios, finalizo essas palavras apresentando-lhes os meus melhores votos de um ano de 2023 pleno de saúde, felicidades e muitas realizações. Que o nosso amado Brasil continue sua caminhada na direção de seu destino manifesto, tornar-se a mais próspera e bem sucedida democracia liberal ao sul do Equador.

Feliz ano novo, êxito pessoal e prosperidade para cada um de nós e formamos esta grande nação. Muito obrigado e boa noite.



Sem réquiem

DORRIT HARAZIM 01 /01/ 2023

Uma fascinante obra-prima renascentista pintada há mais de 500 anos pelo holandês Hieronymus Bosch mora no segundo andar da ala Richelieu do Museu do Louvre, em Paris. Batizado de “Nau dos insensatos”, o quadro a óleo sobre madeira é parte original de um tríptico que acabou separado ao longo dos séculos. Dizem os estudiosos que a “Nau” de Bosch foi inspirada na pena satírica de um humanista alemão do mesmo período, Sebastian Brant, que

escrevera em verso uma paródia da Arca de Noé. Na alegoria de Brant, o mundo era a nau, e seus habitantes/viajantes não se importavam para onde eram levados. Agiam desprovidos de razão, inclusive o capitão — se é que havia um a bordo.

Na tela de Bosch há dez passageiros amontoados numa embarcação à deriva, além de dois outros já naufragos. Ninguém parece fazer coisa com coisa: uma freira toca alaúde, um beerrão vomita, outro rema com uma concha de cozinha, uma mulher golpeia um quase afogado com uma jarra. Pendurada na vela mestra, vê-se uma suculenta ave assada, e o mastro em forma de árvore abriga uma coruja, símbolo de maus augúrios na Idade Média. O desenho de uma lua crescente na bandeira da embarcação parece remeter à raiz latina da palavra lunático. Como um todo, a tela exprime o comentário social de Bosch sobre o viver de sua época. Ao retratar um grupo de loucos de esgar atormentado, perdidos no mar da vida, sem freios morais nem rumo, o quadro também poderia ilustrar os bolsões de brasileiros agarrados a pneus e mitos. Como não comparar a “Nau dos insensatos” aos últimos suspiros do governo Jair Bolsonaro?

A última live do presidente, poucas horas antes de sua fuga oficial rumo a Orlando em avião da Força Aérea Brasileira, foi patética. Mas bem ensaiada. Em 52 minutos, ele mentiu quanto quis e omitiu o que pôde. Voltou a questionar o sistema eleitoral e falou em “derrota parcial”. Acovardado pelo cerco judicial que se estreita contra ele e sua família, procurou desvencilhar-se de atos terroristas praticados em seu nome. Justificou o sumiço e a falta de apoio público à nau disposta a abraçar qualquer sinal de golpe militar; e qualificou os apoiadores radicalizados de “pacíficos” e “ordeiros”.

O procurador-geral da República, Augusto Aras, talvez definisse o teor da derradeira live do presidente em fuga como “momento de cognição incompleta”. Os seguidores mais extremistas do “mito” o tacharam de frouxo, enquanto outros tantos simplesmente inventaram nova teoria conspiratória: na ausência do capitão, o cavernoso general Augusto Heleno, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, assumiria o golpe. Numa outra nau de insanidade bolsonarista, o hasteamento a meio pau da bandeira nacional, decretado como parte do luto nacional pela morte de Pelé, chegou a ser festejado como sinal de que o ansiado golpe militar estava finalmente em marcha. Tristes trópicos.

Para quem, em 1974, assistiu à humilhante partida da Casa Branca do presidente americano, Richard Nixon, obrigado a renunciar para evitar o impeachment, a saída à francesa de Bolsonaro entrará para a História como mais degradante ainda, por comezinha. Nixon teve a hombridade de encarar presencialmente a imprensa que o derrubou e permitiu que a História registrasse seu amargo embarque rumo ao exílio do poder. Bolsonaro, sendo quem é, manda dizer a seus 58 milhões de eleitores que vai dar um tempo — gozará um período sabático no estado trumpista da Flórida. “Sabático” é termo de uso frequente no mundo acadêmico para designar uma pausa no trabalho. É comum aproveitar essa suspensão da rotina para ampliar o conhecimento, engatar novos projetos ou simplesmente pensar melhor. Difícil imaginar que algo de produtivo ao bem comum brote na mente de Jair, agora cidadão comum, durante esse “sabático”. Segundo levantamento da Folha de S. Paulo, em 1.460 dias de mandato presidencial, Bolsonaro trabalhou 73 apenas meio período, participou de 63 motocicletas e deu-se o direito de 15 períodos de férias

ou feriados fora de Brasília. Sem falar no abandono das funções por dois meses a partir da derrota eleitoral mal digerida.

É provável que, pelos cânones da necropolítica aplicada por Bolsonaro no Brasil democrático, a perda de poder seja por ele sentida quase como uma condenação à morte. Isso porque o presidente em fuga jamais compreendeu que a política não é uma profissão — ela deveria ser, no mundo ideal, a dedicação temporária de alguém a sua comunidade. Em missas fúnebres celebradas por igrejas cristãs, réquiem é sempre a primeira palavra do ritual dedicado ao repouso da alma de quem partiu. Não houve e não deverá haver réquiem na despedida inglória desse capitão fracassado. Ele deverá, primeiro, acertar suas dívidas com a nação que desmantelou para que o Brasil readquirira, a partir deste domingo 1º de janeiro de 2023, o direito de trazer para o presente o futuro a que tem direito.

Bolsonarismo e neofascismo

01/01/2023



Imagem_Elyeser Szturm





Por **WÉCIO PINHEIRO ARAUJO***

O despertar do neofascismo brasileiro não começou e nem se encerra com o bolsonarismo

O bolsonarismo por si só não explica o levante reacionário de extrema direita que testemunhamos na conjuntura política brasileira contemporânea; muito pelo contrário, é o caráter fortemente reacionário da formação social brasileira que explica o bolsonarismo. Sob a perspectiva de uma crítica social, a questão que resolvi tomar como objeto na minha pesquisa – e que compartilho com o leitor neste breve ensaio – está em analisar como a canalização e a amplificação ideológica de determinada cultura política favoreceu historicamente o surgimento de um movimento político de massas de caráter fortemente reacionário e antidemocrático neste início do século XXI, mesmo após um longo período de governos de esquerda na chamada era lulo-petista. Para escrutinar criticamente essa cultura política e suas contradições, precisamos olhar para o presente sem perder de vista a formação social brasileira.

O fim da ditadura instalada em 1964, não representou o fim da mentalidade antidemocrática que lhe serviu de base em diversos setores da sociedade civil brasileira. Com o golpe de 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro, este fundo civil autoritário é ideologicamente canalizado e amplificado pelo chamado bolsonarismo, em um movimento que progressivamente vai assumindo a forma política de um neofascismo de massas. Este é o processo que denomino como o despertar ideológico do neofascismo no Brasil e que, por sua vez, pretendo analisar nesta breve exposição.

O despertar do neofascismo brasileiro não começou e nem se encerra com o bolsonarismo. Embora, encontra nele um importante salto de consolidação político-ideológica, apesar da derrota de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022. Portanto, meu objetivo aqui é, a partir dos aspectos supracitados, analisar a seguinte hipótese: estamos vivendo uma nova fase da evolução de um fundo civil autoritário entranhado na formação social brasileira, que a partir de 2016 com o golpe parlamentar de *lawfare* e, sobretudo a partir de 2018, com a chegada de Jair Bolsonaro e seus asseclas ao poder, veio progressivamente se consolidando na sociedade civil como um neofascismo de massas, a partir do fortalecimento do fenômeno que ficou conhecido por bolsonarismo. Sob esta perspectiva política da formação social brasileira historicamente determinada e culturalmente condicionada, também pretendo utilizar o conceito de microfascismo para aprofundar a análise em tela – conforme explicarei mais a frente.

Após o resultado que deu a vitória a Luís Inácio Lula da Silva nas eleições de 2022, iniciou-se no Brasil o que boa parte dos analistas convencionou chamar de “terceiro turno”, sobretudo a partir dos movimentos criminosos de ocupação das estradas iniciados ainda na noite do domingo, 31 de outubro; seguidos pelos atos antidemocráticos nas portas dos quartéis. Contudo, não podemos reduzir a complexidade da conjuntura política hodierna a algum chavão que talvez a mistifique muito mais do que ajude a compreendê-la. Não obstante, sem qualquer pretensão de estabelecer alguma análise definitiva, o argumento de partida que sugiro para pensar a hipótese colocada é o seguinte: não se trata de pensar somente o bolsonarismo, sua a

sobrevivência ou não. Para tentar abarcar melhor a complexidade da situação, divido o meu argumento inicialmente em dois momentos.

Primeiramente, não podemos esquecer que o golpe de *lawfare* desferido em 2016 segue em curso na sociedade civil, apesar do seu ciclo encerrado no campo institucional com a vitória de Lula. Desmontar o golpe na sociedade civil nem de longe se consegue apenas nas urnas. Na forma ideológica de um movimento político de massas fortemente reacionário, o neofascismo segue vivo e não pode ser subestimado.

Segundo, trata-se do fortalecimento de um neofascismo de massas que encontrou no bolsonarismo um conduto de passagem e empoderamento, mas que nem de longe se esgota com a derrota de Jair Bolsonaro – ou até mesmo um possível enfraquecimento do bolsonarismo propriamente dito. Este processo produz um movimento de massas de caráter essencialmente fascista, porém, não pode ser integralmente identificado com o fascismo clássico iniciado na Itália do início do século XX – ou mesmo com o integralismo brasileiro fundado por Plínio Salgado nos anos 1930.

Por isto surge a necessidade, não apenas retórica, de utilizar o termo neofascismo, não como um jargão viciado a pretexto de não pensar o problema em profundidade, mas como uma chave de leitura qualificada teoricamente. Apesar de apresentar elementos de conteúdo essencialmente fascistas em sentido clássico, na conjuntura hodierna, as mediações se renovam dialeticamente no tocante ao que fundamenta a minha chave de leitura para falar de um neofascismo de massas, a saber: as formas subjetivas de os indivíduos vivenciarem politicamente o conteúdo das relações sociais que constituem objetivamente a experiência da vida em sociedade, ou seja, a vida política.

É neste processo que os indivíduos são formados culturalmente como sujeitos políticos em uma sociedade; assim, falar em ideologia sob a perspectiva do sujeito requer pensar o processo de formação cultural deste sujeito, que evidentemente implica em um processo historicamente determinado e socialmente condicionado. Portanto, a partir destes aspectos que considero nevrálgicos, divido a minha análise em três partes.

O neofascismo brasileiro

De modo geral, o que denomino como despertar ideológico do neofascismo brasileiro pode ser compreendido como um movimento de massas neoconservador de caráter populista fortemente reacionário e antidemocrático, situado na extrema direita do espectro ideológico. Este movimento de massas surge determinado historicamente pela formação social de uma cultura política capaz de produzir um sujeito político deformado no tocante as suas formas de vivenciar o conteúdo das relações sociais na experiência democrática da vida em sociedade. Para situar melhor a questão, vale destacar que na quadra histórica do pós-golpe de 2016, este processo de formação social ocorre marcado por três frentes, que historicamente são cumulativas de maneira sincrônica, a saber: (i) A formação de uma subjetividade social que produz um sujeito empresarial modelado no e pelo neoliberalismo – no Brasil, este processo começa com a cartilha econômica neoliberal aplicada a partir de 1994, leia-se: o Plano Real, e se consolida com a reforma trabalhista do governo golpista de Michel Temer; (ii) A forma jurídica que encampa a lei como arma política contra a lógica democrática do Estado de

direito, mais conhecido como *lawfare* – que tem seu corolário na Operação Lava-jato e no próprio golpe de *lawfare* em 2016; (iii) A canalização e amplificação ideológica operada pelo bolsonarismo, sobretudo a partir das eleições de 2018, desse processo de formação social de um sujeito político reacionário movido por práticas discursivas que encontram no autoritarismo e no ódio as únicas formas de vivenciar a política como experiência da vida em sociedade. Este último aspecto é o meu foco neste ensaio. Nesta direção, pretendo utilizar o conceito de microfascismo para realizar a minha análise – o qual detalharei mais à frente.

Como já demonstrei em outras análises publicadas no site **A Terra é Redonda**, no Brasil contemporâneo esse levante reacionário é disparado a partir de uma guerra híbrida contra a esquerda fortemente marcada pelo antipetismo, que tem seu início – ainda muito confuso – nas jornadas de junho em 2013. Contudo, no intuito de compreender a urdidura que costura essas três frentes formadoras de um sujeito político reacionário empoderado na cena política como um movimento de massas crescente, comecei a me fazer a seguinte pergunta: como fazer uma análise crítica, sob a perspectiva do sujeito, desse processo histórico que levou a um avivamento político e ideológico dos elementos mais reacionários presentes na formação social brasileira?

Na direção de tentar contribuir para responder a esta pergunta, o meu intuito é tentar compreender essa questão e suas contradições, a partir de alguns aspectos atinentes à formação social brasileira em seu período mais recente, terreno no qual é formado historicamente esse sujeito político que representa a mentalidade desse levante reacionário que no seu despertar, adquire no bolsonarismo, a forma ideológica de um neofascismo de massas.

Como destaquei no início desta exposição, o bolsonarismo por si só não explica a questão desse levante neofascista; muito pelo contrário, é o caráter fortemente reacionário da formação social brasileira que explica o bolsonarismo. Portanto, me parece profícuo caminhar na direção de resgatar alguns elementos da formação social brasileira sob uma perspectiva crítica deste sujeito político reacionário e seus processos de subjetivação; o que tentarei fazer aqui com ênfase para a quadra histórica que corresponde às contradições do lulismo e surgimento do bolsonarismo e suas mediações com as formas ideológicas de os indivíduos vivenciarem politicamente o conteúdo das relações sociais na sociedade brasileira. Para isto, formulo o conceito de microfascismo na direção de analisar o conduto de passagem historicamente determinado e culturalmente condicionado capaz de contribuir para desmistificar a formação ideológica dessa mentalidade reacionária.

O microfascismo como mediação da subjetivação neofascista

https://aterraeredonda.com.br/bolsonarismo-e-neofascismo/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas_publicacoes&utm_term=2023-01-01

A partir da experiência histórica do fascismo amplamente analisada pelo pensamento crítico ao longo de todo o século XX – que por motivos óbvios não irei recuperar neste breve ensaio^[ii] –, é que proponho uma maneira crítica de

pensar o neofascismo, direcionada especificamente para as formas subjetivas de os indivíduos vivenciarem ideologicamente a experiência da vida em sociedade enquanto sujeitos políticos. Para isto, formulo o conceito de microfascismo, que inicialmente pode ser definido pelo conjunto de microelementos subjetivos reacionários produzidos nas relações de poder que formam culturalmente e conduzem subjetivamente os indivíduos como sujeitos políticos (partidos, movimentos etc.) em uma sociedade democrática. Este processo envolve ideologicamente desde o núcleo familiar até a escola, a igreja, o partido político, o sindicato, a empresa etc.

Na experiência da vida política brasileira, o microfascismo se expressa nos e pelos pequenos elementos ideológicos – desde piadas aparentemente inofensivas até narrativas heteronormativas, negacionistas, conspiratórias etc. – que se constituem como uma mítica de significação ideológica das práticas discursivas reacionárias decorrentes da formação social e política de uma sociedade colonialista, escravista e autoritária, a exemplo do racismo, do machismo, da homofobia, dos negacionismos etc. Estas práticas discursivas acabam por ser moralmente sancionados em um processo de formação cultural que adquire um caráter de deformação ideológico na produção de um sujeito político e de um *ethos* contrário à lógica democrática da cidadania social e dos direitos humanos. Portanto, o microfascismo volta-se à análise direcionada para a sociedade civil e seus processos de subjetivação socialmente determinados e culturalmente condicionados, com ênfase para a formação cultural dos indivíduos como sujeitos políticos.

Cabe ressaltar que falar em microfascismo em nada tem a ver com alguma redução aligeirada de um fascismo brasileiro ao modo europeu do século passado. É bem mais complexo: na quadra histórica do surgimento do bolsonarismo, não temos um fascismo clássico, isto é, neste segundo decênio do século XXI, não há exatamente um Estado fascista como aconteceu na Itália de Mussolini em 1919, conforme aponta o historiador Robert Paxton na sua magistral obra *Anatomia do Fascismo* (2007). Para analisar algumas mediações imanentes à formação cultural deste sujeito político reacionário em questão, é que formulo a chave de leitura do microfascismo. Vamos à história.

No cenário que se desenrolou após o golpe de *lawfare* que levou ao derrube do governo Dilma e sua sequência estrategicamente conduzida pelos setores golpistas, chegamos a um momento da formação histórica brasileira, no qual uma visão mítica de nação constituída sob um invólucro chauvinista, precisava de uma liderança que encarnasse o perfil político reacionário de um autêntico representante do típico “homem de bem” e suas práticas discursivas: hipocritamente temente ao Deus cristão, chefe de família no modelo patriarcal, que coloca ordem na casa sob a autoridade hipócrita de um moralismo cristão emplacado no discurso pela ousadia da ignorância, que tem suas bases na negação da ética dos direitos humanos e na rejeição da racionalidade científica.

À esta altura, todos os demônios da mentalidade reacionária brasileira estavam à procura de uma liderança que encarnasse esse avivamento político nas mais pérfidas narrativas sociais carregadas de elementos microfascistas. Como

adverte Madeleine Albright, em *Fascismo: um alerta* (ALBRIGHT, 2018), “a energia do fascismo é alimentada por homens e mulheres abalados por uma guerra perdida, um emprego perdido, uma lembrança de humilhação ou a sensação de que o seu país vai de mal a pior”. Desta maneira, surge a demanda por um mito capaz de encarnar um messias político que pudesse “salvar” o Brasil da pecha petista da corrupção e da “ameaça comunista”, sob a missão de uma limpeza moral.

Este processo se realiza sob o signo da contradição estabelecida entre o conteúdo social e a forma política. Sob a inflexão dessas práticas discursivas ideologicamente modeladas pelo microfascismo, podemos obter o seguinte avanço em nossa chave de leitura: as práticas discursivas reacionárias estabelecidas na forma ideológica de os indivíduos vivenciarem politicamente o conteúdo das relações sociais culturalmente condicionadas, são determinantes para a formação das múltiplas correlações de forças que constituem as relações de poder na sociedade brasileira, desde a esfera do cotidiano até as instituições por meio das quais o poder adquire centralidade no Estado.

De maneira mais específica, trata-se daqueles microelementos autoritários de vetor subjetivo que comparecem como uma progressão imanente à formação cultural de um sujeito político determinado por práticas discursivas que formam e deformam as condutas individuais e coletivas na experiência social e, portanto, produzem um sujeito político reacionário. Por conseguinte, sob a determinação do microfascismo, este processo de formação adquire um caráter político de deformação do sujeito político que produz historicamente.

Podemos dizer que essas práticas discursivas consistem naquelas práticas sociais nas e pelas quais as condições objetivas de uma sociedade se exteriorizam como subjetividade objetivada em atos políticos concretos. Por sua vez, na formação histórica dessa sociedade, os microelementos autoritários se objetivam no discurso entendido como uma prática social que determina a forma ideológica reacionária desse sujeito político vivenciar as relações de poder. O cotidiano é a região na qual, por meio desses vetores microfascistas, a ideologia opera como uma força material, “harmonizando” a contradição imanente à formação social deste sujeito, estabelecida entre, de um lado, o conteúdo das relações sociais situado nos fatos objetivos, e de outro, as formas subjetivamente deformadas deste conteúdo ser vivenciado politicamente, isto é, entre, de um lado os fatos, e de outro, as formas subjetivas destes fatos serem vivenciados ideologicamente na experiência da vida em sociedade.

No caso da formação social brasileira, esta experiência enquanto vivência concreta que “educa” social e politicamente o indivíduo, via de regra ocorre na forma de um autoritarismo moralista marcado pelo afeto do ódio como única forma de vivenciar a vida política no campo das disputas ideológicas, que apresenta sempre um contorno mitológico com cariz essencialmente antidemocrático, voltado para um líder ungido pelo Deus cristão e que, portanto, está acima das leis e das regras do jogo. Estes elementos são formados e fortalecidos desde o cotidiano, seja no discurso da dona de casa ou do pai de família e paladino da moral, conhecido como o “homem de bem”,

trabalhador e temente ao Deus cristão. Conforme analisa Jason Stanley, “Numa sociedade fascista, o líder da nação é análogo ao pai da família patriarcal tradicional. O líder é o pai da nação, e sua força e poder são a fonte de sua autoridade legal, assim como a força e o poder do pai de família no patriarcado supostamente são a fonte de sua suprema autoridade moral sobre seus filhos e esposa” (2020, p. 22).

Consequentemente, a relação de identidade desse sujeito com aqueles que ele escolherá como seus representantes no exercício do poder político no Estado, dificilmente ocorrerá a partir de discursos políticos progressistas, pautados na racionalidade filosófica ou científica, e ainda menos na defesa dos direitos humanos. A formação social e cultural deste sujeito político se revela como uma (de)formação ideológica de uma mentalidade reacionária. Mas como entender este conceito de formação?

De modo geral, a vida política é determinada socialmente pelo desenvolvimento histórico do ser humano como um ser que se autoproduz a partir do trabalho, mas não unicamente naquilo que corresponde ao mundo da produção material de mercadorias; é preciso também levar em conta o mundo das formas de vivenciar subjetivamente o conteúdo objetivo das relações sociais. Trata-se do mundo da práxis no qual atuam as pessoas concretamente por meio do agir dotado de consciência mediatizada pela linguagem na forma de subjetividade que se materializa ideologicamente em práticas sociais.

Na modernidade, conforme ressaltou o filósofo alemão G. W. F. Hegel (1770-1831), quando por meio do trabalho o ser humano produz um objeto, ele o produz também como cultura e subjetividade, ou seja, ao se produzir algo material se produz não somente um saber técnico, mas também e simultaneamente uma arte, uma ciência, uma política, uma ética, uma ideologia e uma moralidade deste objeto enquanto produto do processo de trabalho e, por conta disto, o ser que trabalha também é trabalhado. Em suma, é esta concepção de formação cultural (*Bildung*) que assumo aqui, e que pode ser resumida em poucas palavras: ao produzir um conteúdo material, o trabalho enquanto atividade humana produz também uma cultura enquanto forma subjetiva deste conteúdo ser vivenciado pelos próprios seres humanos.

Nesse sentido, o conceito de formação (*Bildung*) da concepção hegeliana fornece-nos um fundamento filosófico (ontológico-dialético) para compreender a formação dos sujeitos políticos como um processo social e econômico, mas também inevitavelmente cultural e ideológico. Reitero: esta compreensão ancora-se no fato de que o trabalho não produz apenas coisas materiais, mas sobretudo produz cultura e processos de subjetivação que formam e educam socialmente o indivíduo, para que este compareça na vida política como um sujeito capaz de se organizar a partir de uma determinada cultura política ideologicamente estabelecida, seja na forma de movimentos sociais, partidos políticos etc.

Esse mundo da práxis (social, cultural, político etc.) – se quisermos resgatar um pouco das origens deste termo em Aristóteles –, corresponde à vida social como formadora da consciência e das subjetividades individual e coletiva na

forma de práticas discursivas e suas manifestações ideológicas na vida política enquanto práticas sociais que se revelam como campo fértil para a produção das diversas narrativas sociais condensadas no imaginário popular de uma sociedade. Portanto, as práticas discursivas formadas culturalmente em uma sociedade, se revelam politicamente como formas ideológicas de o sujeito vivenciar subjetivamente o conteúdo das relações sociais por meio de ideias que somente se realizam sendo ditas, isto é, na linguagem. Afinal, o próprio processo de trabalho só se realiza sendo dito, e por isto este animal que trabalha é também, como denominou Aristóteles, um animal que fala (*zoo logos echon*) e, conseqüentemente, um animal político (*zoo politikon*).

No aspecto histórico dessa formação social culturalmente condicionada, a mediação que serve de conduto de passagem para os processos de subjetivação dos microfascismos está na formação histórica das narrativas sociais mais tacanhas que formam uma mentalidade autoritária em grande parte do povo brasileiro, a exemplo – como já mencionei – do racismo, do mandonismo^[ii], do machismo, da homofobia etc. O levante reacionário se dá à medida que essas narrativas microfascistas são vivenciadas ideologicamente como práticas discursivas com implicações reais na experiência social, de modo a permitir a organização e empoderamento de um movimento político de massas capaz de agir como sujeito político. É precisamente o que testemunhamos com o surgimento do bolsonarismo.

Desde o cotidiano desse indivíduo situado na família e em grupos sociais mais específicos ligados por uma determinada crença ou convicção, até a esfera da coletividade ético-política na qual o poder adquire centralidade no Estado, a potência das narrativas microfascistas é, não raro, a única força ideológica determinante das práticas discursivas deste sujeito político, de modo a promover a formação de movimentos de associação de massas para a promoção de práticas de ódio como forma de manifestação política.

Em resumo: neste sujeito reacionário, a experiência política encontra no ódio a sua forma afetiva mais proeminente. Processo que no Brasil contemporâneo inicia com o antipetismo. Com a importante ressalva de que este rótulo vai além do próprio Partido dos Trabalhadores. Na verdade, o antipetismo acaba por se tornar a principal forma de identificar e nomear o inimigo político desse patriotismo chauvinista e antidemocrático que adquire a forma de um neofascismo de massas.

A partir desse contexto, podemos fazer um resumo da ópera: na formação social brasileira, a mediação do microfascismo situada na contradição estabelecida entre o conteúdo social e a forma política, produziu (e produz) a mentalidade reacionária que encontra representatividade em um Estado historicamente determinado pela lógica da exceção e que, a partir de 2016, tem sua forma jurídica engrenada na contradição que denominei como autoritarismo do Estado de direito promovido pelo golpe de *lawfare*. É precisamente neste processo que opera o elemento reacionário que determina o caráter ideológico da manobra política golpista inovada pela tática de *lawfare*, instrumentalizada socialmente pela costura da governamentalidade neoliberal

com um moralismo reacionário eloquente em suas práticas discursivas carregadas de elementos microfascistas.

O efeito social mais grave dessa formação microfascista está no fato de que, via de regra, se torna impossível à grande parte dos indivíduos nessa sociedade, serem educados de modo a formar uma cultura democrática efetiva, capaz de promover a ultrapassagem da subjetividade egoístico-passional, por meio da formação de uma subjetividade ético-política da cidadania – o que seria realmente um processo de educação política capaz de fortalecer a democracia não somente como regime de governo, mas sobretudo com cultura.

Portanto, neste contexto, ao acionarmos o conceito de microfascismo para pensar a problemática em questão, a primeira conclusão alcançada pela minha análise é a seguinte: esse sujeito político reacionário empoderado no e pelo bolsonarismo, não se reconhece nem se identifica com o *ethos* democrático, precisamente porque sua formação cultural é, não somente alheia aos valores ético-políticos da democracia, mas sobretudo, e ainda pior, é ideologicamente deformada por uma cultura política estruturalmente antidemocrática e que se desdobra no ódio como a principal forma de vivenciar a experiência política no que tange a tudo aquilo que discorda do seu modo de ser. E mais: não se trata de ser simplesmente conservador, na verdade, consiste no processo de formação cultural de um sujeito político reacionário marcado por uma neoconservadorismo antidemocrático.

Vale ressaltar que nem todo conservadorismo é necessariamente reacionário, até porque a democracia não significa eliminação de grupos conservadores. Muito pelo contrário, o conservadorismo tem sua legitimidade, desde que esteja ancorada em uma cultura democrática, mesmo que ideologicamente conservadora nos costumes ou na economia, por exemplo, e não na lógica fascista do “nós contra eles”.

No tocante ao bolsonarismo, o aspecto determinante não é se há ou não ódio na política, é mais complexo: trata-se de quando o ódio se torna a forma unidimensional de o indivíduo vivenciar politicamente o conteúdo das relações de poder com relação aos seus opositores, isto é, daquelas relações por meio das quais se realiza a própria vida em sociedade como experiência política plural capaz de garantir o exercício coletivo da liberdade entre convergências e divergências.

Por sua vez, gostaria de caminhar ainda mais um pouco na questão de maneira um pouco mais específica, por meio da seguinte indagação: no Brasil, como opera a mediação ideológica neste processo de formação cultural desse sujeito político reacionário que no bolsonarismo, ganhou a forma política de um neofascismo de massas? Vejamos a seguir.

Microfascismo e colonização ideológica na formação social brasileira

No Brasil contemporâneo, vivemos o corolário de determinações históricas produzidas a partir de uma formação social imposta pelas elites na esteira da luta de classes e suas contradições imanentes, que acabaram por ser “harmonizadas” ideologicamente na ordem das práticas discursivas que modelaram as relações de poder por meio de um processo de “modernização conservadora”, estruturada por meio de narrativas históricas concebidas unicamente na perspectiva dos vencedores (leia-se: opressores).

Portanto, é preciso pensar a história a contrapelo desta concepção contínua e linear, resgatando as rupturas capazes de dar voz aos vencidos e oprimidos. É nesta direção que em *As razões do Iluminismo* (1987), “Sérgio Paulo Rouanet nos convida a pensar com Walter Benjamin: a uma concepção contínua e linear da história – que para Benjamin é sempre a história dos vencedores – se opõe uma história concebida na perspectiva dos vencidos, baseada na ruptura e não na continuidade” (MORAES, 2011, p. 11). Deste modo, “A história assim concebida não é uma sucessão de fatos mudos, mas uma sequência de passados oprimidos, que têm consigo um ‘índice misterioso’, que os impele para a redenção” (ROUANET apud MORAES, 2011, p. 11).

Na história da sociedade brasileira, este processo de produção de narrativas concebidas unicamente sob a perspectiva das elites, se dá desde os colonizadores ideológicos do passado (os jesuítas, por exemplo) até os colonizadores ideológicos do presente (boa parte dos pastores neopentecostais). É fundamental compreender como este processo determinou e ainda determina em grande medida, a formação politicamente deformada que se expressa na maneira que indivíduos como os apoiadores do bolsonarismo, vivenciam politicamente o conteúdo das relações sociais. Na conjuntura hodierna, este sujeito político neofascista encontra um terreno fértil para sua proliferação ideológica em alguns grupos evangélicos pentecostais e neopentecostais, processo que consolida popularmente a mentalidade que foi canalizada e amplificada ideologicamente pelo bolsonarismo.

Afinal, conforme demonstram dados apresentados na *Revista Pesquisa* (FAPESP, 2019): “Entre 2000 e 2010, a população evangélica brasileira saltou de 26,2 milhões para 42,3 milhões, em um movimento oposto ao do catolicismo, que vem perdendo adeptos desde os anos 1980, conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”. Junto disto, não podemos esquecer de destacar o caráter civil-militar da ditadura de 1964, justamente porque, embora os militares tenham caído na década de 1980, o fundo civil-autoritário que lhes amparava ideologicamente, continuou se proliferando, de modo a garantir a formação de um sujeito político fortemente reacionário que seguiu se desenvolvendo como uma progressão imanente à constituição do imaginário popular brasileiro, de maneira fortemente ligada a grande parte desses grupos evangélicos – conforme analisa com propriedade a jornalista Andrea Dip, na obra intitulada *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder* (DIP, 2018).

Como uma progressão imanente à formação politicamente deformada desse sujeito reacionário, a “harmonização” ideológica estabelecida entre o conteúdo das relações sociais e as formas discursivas deste conteúdo ser vivenciado

politicamente, se mostra fortemente determinada pelo microfascismo. Este processo se consolida ideologicamente por meio da produção e reprodução de práticas discursivas completamente alienadas com relação à lógica democrática da cidadania social, tendo em vista que seu *ethos* político se pauta numa concepção teocrática de sociedade e, portanto, antidemocrática. Amplos setores da sociedade encontram-se completamente estranhados com relação aos valores ético-políticos atinentes a uma cultura democrática. Portanto, trata-se de um sujeito político estranhado de si mesmo já desde a sua própria formação social e, por conseguinte, incapaz de se reconhecer no outro sob uma perspectiva ético-política da experiência da vida em sociedade de maneira plural.

No contexto de como opera a ideologia, segundo descreve Wilhelm Reich (REICH, 2001, p. 17), no tocante ao sujeito, “seja qual for a classe social a que pertença, não é apenas objeto dessas influências, mas também as reproduz em suas atividades [...]. Mas a ideologia social, na medida em que altera a estrutura psíquica do homem, não só se reproduz nele, mas também [...] se transforma numa força ativa, num poder material”.

A partir do modo como sugere Reich, proponho compreender a ideologia na esteira do funcionamento dessa estrutura culturalmente (de)formadora do caráter do sujeito político que produz. Sob esta embocadura, o processo formativo do sujeito no qual opera ideologicamente o microfascismo, nos coloca diante da possibilidade de começar a responder a questão com a qual encerrei a seção anterior, a partir de três pontos iniciais – obviamente direcionados para a sociedade brasileira: primeiramente, na formação social brasileira foram e são produzidas e reproduzidas ideologicamente, as determinações reacionárias que modelaram e modelam historicamente as formas subjetivas de os indivíduos vivenciarem politicamente seus afetos (e desafetos), sua sexualidade, seus desejos e seus medos sob um enredo autoritário e politicamente unidimensional entranhado por essa perspectiva moralista teocrática, desde a infância até a idade adulta. O enfraquecimento ideológico do catolicismo no Brasil, não se deu por motivos iluministas, mas em face do crescimento do protestantismo pentecostal.

Em segundo lugar, ideologicamente, este processo de formação social fortemente determinado pelo microfascismo, se constitui como a base cultural do levante reacionário que se materializa no bolsonarismo; ou seja, o microfascismo é a mediação imanente à formação social brasileira que produziu e reproduz o bolsonarismo enquanto formação de um sujeito político deformado pelo completo estranhamento político com relação à democracia, não apenas como regime de governo, mas sobretudo como cultura capaz de promover politicamente os valores científicos e a ética dos direitos humanos. Por isto todo negacionismo lhe cai como uma luva.

Em terceiro, o bolsonarismo surgiu e ganhou força à medida que essas determinações microfascistas são canalizadas e amplificadas ideologicamente na arena política, pelos setores mais reacionários da sociedade brasileira, sobretudo em momentos de crise, quando se acirraram as tensões relativas à vida social e seus conflitos políticos sob a perspectiva de classe, raça e gênero.

Nesta direção, ao nível do Estado brasileiro, o golpe de *lawfare* perpetrado em 2016 se torna um conduto de passagem político-institucional para este levante reacionário que ganha forma política e ideológica no bolsonarismo, à medida que compromete o significante político do Estado democrático de direito, não apenas no âmbito institucional, mas sobretudo nas formas ideológicas de os indivíduos vivenciarem politicamente o conteúdo das relações sociais.

No caso do levante reacionário no Brasil e sua progressiva eclosão a partir do golpe de *lawfare* em 2016, formas de consciência ideológica viscerais à formação social brasileira afloram legitimadas nas práticas discursivas deste sujeito político armado de uma mitologia neofascista marcada pelos negacionismos histórico e científico, bem como a rejeição do *ethos* democrático e dos direitos humanos.

Todas essas determinações convergem para o avivamento de três elementos típicos do universo ideológico fascista, e que, imbricados, caracterizam propriamente esse neoconservadorismo reacionário como um fenômeno político que tem sua expressão mais genuína no bolsonarismo enquanto despertar de um neofascismo de massas: (i) Uma visão mítica de nação sob um discurso patriótico chauvinista marcado pelo ódio como forma unidimensional de vivenciar a experiência política; (ii) A visão do outro no campo político, não como o opositor necessário que deve ser antagonizado no jogo democrático, mas, ao contrário, como um inimigo que deve ser eliminado e que, diante disto, aquele patriotismo chauvinista guia-se pela necessidade mitológica de salvação, que se expressa marcada pelo culto à figura de um messias político que antropomorfiza e encarna “o mito” capaz de vencer a esquerda estigmatizada em rótulos anacrônicos como o “comunismo”; (iii) Um pragmatismo político que se manifesta no culto da ação pela ação ideologicamente marcado pelo negacionismo histórico e também científico (a exemplo daqueles que negam a ditadura civil-militar de 1964, o racismo, as vacinas etc.).

Estamos diante daquilo que em *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*, a antropóloga e historiadora Lilian Schwarcz (2019) identifica como uma mitologia de Estado, regida pela elocução da polarização do “eles” contra “nós” ou do “nós” contra “eles” – condição ideal para o neofascismo de massas empoderado na sociedade brasileira. Também Adorno, ao analisar o padrão da propaganda fascista, destaca que “A maioria esmagadora das declarações dos agitadores é dirigida *ad hominem*. Elas são baseadas mais em cálculos psicológicos que na intenção de conseguir seguidores por meio da expressão racional de objetivos racionais”. Na ordem do dia, a sintomática síntese desse movimento está na máxima viral, unidimensional e neofascista: “S.O.S Forças Armadas: salvem o Brasil do comunismo”.

***Wécio Pinheiro Araújo** é professor de filosofia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Referências

- ADORNO, T. W. *A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*. In: Blog da Boitempo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/25/adorno-a-psicanalise-da-adesao-ao-fascismo/>.
- ALBRIGHT, M. *Fascismo: um alerta*. São Paulo: Planeta, 2018.
- BERNARDO, João. *Labirintos do fascismo* (06 volumes). São Paulo: Hedra, 2022.
- BRANDALISE, Carla. *Dimensões do fascismo: a ação integralista brasileira*. Curitiba: CRV, 2021.
- CASSIMIRO, Paulo Henrique; LYNCH, Christian. *O populismo reacionário*. São Paulo: Contracorrente, 2022.
- DIEGUEZ, Consuelo. *O ovo da serpente – nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- DIP, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira*. São Paulo: Planeta, 2020.
- FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Fé pública. *Revista Pesquisa*, ed. 286, dez. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2020/01/24/fe-publica-2/>.
- FERNANDES, Leila Milli. *Fascismo à brasileira? Análise dos discursos de Jair Messias Bolsonaro*. São Paulo: Editora Dialética, 2022.
- FINCHELSTEIN, Federico. *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina, 2019.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MORAES, D. *A esquerda e o golpe de 64*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PAXTON, R. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PETRY, Luis Carlos; RICCI, Rudá. *O Fascismo de Massa: um opúsculo que analisa o Fascismo Pelo Viés da Filosofia, Sociologia, Psicanálise e Semiótica*. Curitiba: Kotter Editorial, 2021.
- POLICARPO JUNIOR, José. *Fascismo e personalidade autoritária na sociedade brasileira do século XXI*. Recife, PE: Instituto de Formação Humana, 2022.
- REICH, W. *Psicologia de massa do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RICCI, Rudá. *Fascismo brasileiro: e o Brasil gerou o seu ovo da serpente*. Curitiba: Kotter Editora, 2022.
- ROSA, Pablo Ornelas. *Fascismo tropical: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras*. Vitória, Editora Milfontes, 2019.
- ROUANET, S. P. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo*. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- TORMEY, Simone. *Populismo: uma breve introdução*. São Paulo: Cultrix, 2019.

TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte: Âviné, 2021.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. São Paulo: Paz & Terra, 2008.

Notas

[i] Há uma constelação de autores que há décadas vem produzindo estudos sérios sobre a questão do fascismo sob uma pluralidade de abordagens dentro e fora do Brasil, a exemplo de Wilhelm Reich (?), Theodor Adorno (?), João Bernardo (2015), Robert Paxton (2007), Madeleine Albright (2018), Leandro Konder (?), Carla Brandalise (?), Paulo Casimiro e Christina Lynch (?), Consuelo Dieguez (?), Pedro Doria (?), Leila Fernandes (?), Jason Stanley (?), Federico Finchelstein (?), Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto (?), José Policarpo Junior (?), Rudá Ricci (?), Pablo Rosa (?), Enzo Traverso (?), Simone Tormey (?), Francisco Weffort (?) etc.

[ii] Segundo Lilian Schwarcz (2019), o mandonismo diz respeito ao fato de que “Mesmo com o fim do Império [...], perpetuou-se a imagem dos senhores provedores, diante dos quais era preciso agir com lealdade e submissão. Esse etos patriarcal e masculino foi, assim, transplantado para os tempos da República”.